

Hebelyanne Pimentel da Silva

Uma década de
PROSA

impressos e impressões
da professora e jornalista

Maria Mariá

(1953-1959)



COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe
José Albio Moreira Sales
José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Orestá López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidade Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR – Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR – Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes • Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes • Emanuel Angelo da Rocha Fragoso
Francisco Horacio da Silva Frota • Francisco Josênio Camelo Parente • Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes • Liduina Farias Almeida da Costa • Lucili Grangeiro Cortez • Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos • Marcelo Gurgel Carlos da Silva • Marcony Silva Cunha • Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge • Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro (UFPE) • Eliane P. Zamith Brito (FGV) • Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP) • Manuel Domingos Neto (UFF) • Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Maria Lírída Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR) • Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ) • Túlio Batista Franco (UFF)

Hebelyanne Pimentel da Silva

Uma década de
PROSA

impressos e impressões
da professora e jornalista

Maria Mariá
(1953-1959)



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2021

**UMA DÉCADA DE PROSA: IMPRESSOS E IMPRESSÕES DA PROFESSORA
E JORNALISTA MARIA MARIÁ (1953-1959)**

© 2021 *Copyright by* Hebelyanne Pimentel da Silva

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cleudene de Oliveira Aragão

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

REVISÃO VERNACULAR E NORMALIZAÇÃO

Gilmar de Oliveira Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL

Silva, Hebelyanne Pimentel da

Uma década de prosa [livro eletrônico] : impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959) / Hebelyanne Pimentel da Silva. – Fortaleza, CE : Editora da UECE, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-86445-71-8

1. Educação – Alagoas (AL) 2. Jornalistas – Biografia 3. Professoras – Biografia 4. Prosa – Coletâneas - Literatura brasileira 5. Sarmento, Maria Mariá de Castro, 1917-1993 I. Título.

21-63933

CDD-371.10092

Índices para catálogo sistemático:

1. Professoras : Vida e obra 371.10092

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

SOBRE A AUTORA



Hebelyanne Pimentel da Silva

É Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL/2016-2021). Durante a graduação desenvolveu pesquisas voltadas ao processo de Adesão à Docência por Estudantes das Licenciaturas da UFAL, vinculada ao grupo Ensino Pesquisa e Extensão na Formação Docente (2017-2018) e a linha Identidade e Profissionalização Docente (2017-2021). A pesquisa possibilitou aproximação com as problemáticas estruturais presentes na construção identitária professoral, resultando em interesse pela investigação histórica. Em meados de 2018, foi selecionada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDI-FES) para a realização de Mobilidade Acadêmica Nacional, na qual manteve-se preocupada com a ampliação de conhecimentos conceituais que levaram à identificação, sobretudo, com o estudo da trajetória e produção de mulheres que colaboraram com a Educação Nordestina durante o século XX. É autora das primeiras publicações acadêmicas sobre a professora e jornalista alagoana Maria Mariá (pesquisa em desenvolvimento desde 2018). Atualmente integra o grupo de estudos e pesquisas HISTEDBR/PB e a linha História intelectual e dos intelectuais, (auto)biografias e estudos de gênero. Também colabora com o Laboratório de pesquisas e práticas em educação histórica – LAPPEHis e encontra-se associada à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atua, sobretudo, nos temas: Formação de Professores, Intelectualidade, Trajetórias de Mulheres Professoras, Imprensa, Gênero, Literatura, (Auto)Biografias.



DEDICATÓRIA

Dedico este estudo àqueles que um dia lutaram pela dignidade humana em suas múltiplas e distintas dimensões. Às mulheres, aos estudantes, aos professores, aos sábios. Aos que tiveram de si roubado, o direito de poder registrar as suas (pa)lavras. Dedico aos oprimidos do mundo que, de alguma maneira, me farão pensar, eternamente, sobre a função social e política da minha existência. Com eles e por eles, iniciei um interminável processo de libertação do pensamento e da alma.



AGRADECIMENTOS

Sou grata a **Deus** pelo dom da existência e pela atribuição de uma **força** que nunca acreditei ser capaz de possuir. Aos meus **companheiros** de trabalho, de vida e de luta, por mostrarem-me o significado do amor e da amizade. A minha **avó**, por sua sabedoria inspiradora e pela sensibilidade de mulher forte e **persistente**. Aos meus professores do **Curso Normal**, por mostrarem-me o valor da ética, do profissionalismo e da **generosidade humana**. Aos amigos do Laboratório de Pesquisas e Práticas em Educação Histórica (LAPPEHis) pela partilha de sonhos e angústias. A(o)s **paraibana(o)s de alma leve** que conheci em **Mobilidade Acadêmica Nacional**. Às pessoas que colaboraram financeiramente com a realização deste sonho¹.

¹ O livro também apresenta, implicitamente, a minha condição enquanto escrevo. Faz pensar sobre como me localizo socialmente enquanto ex-professora da educação básica e atual estudante universitária. Tanto a publicação quanto a correção da língua, concretizaram-se a partir de doações de amigos próximos e de professores. É feita com o objetivo de tornar evitável o plágio. Tudo faz pensar sobre a mercantilização da produção acadêmica na contemporaneidade, sobre a precarização do trabalho docente e sobre a miséria. Espero que a nota que adiciono, mostre para leitores e leitoras que os problemas que nos afetam não se encontram atrelados apenas à pandemia do Covid-19.

À professora **Roseane Maria de Amorim**, por ter acompanhado parte da minha trajetória acadêmica e por ter doado o meu primeiro livro de História da Educação. E ao professor **Charliton José dos Santos Machado**, por ter aberto caminhos nos grupos de estudos, História e Memória da Educação na Paraíba e HISTEDBR-PB, que tanto colaboram com o amadurecimento intelectual que conquisto progressivamente. Ele orientou este trabalho, e é um profissional e pesquisador a quem admiro profundamente. O interesse por tal pesquisa, bem como, pelo aprofundamento conceitual em **História da Educação**, resulta, sobretudo, da influência destas **pessoas** e de outras que, direta ou indiretamente, me mostraram o valor da **formação** para a **VIDA**.

A todos, deixo sincera e eterna **gratidão**.

Sumário

PREFÁCIO | 15

Hebelyanne Pimentel da Silva

INTRODUÇÃO | 19

PARTE I

1 FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA: ENTRE ACHADOS E PERDIDOS | 33

2 ENTRE ORIGENS E REDES DE SOCIABILIDADE: ALFARRÁBIOS DE UMA TRAJETÓRIA | 60

3 MAGISTÉRIO E JORNALISMO NA TRAJETÓRIA DE MARIA MARIÁ: INDÍCIOS DE UMA ESCOLA DE PROSAS | 92

CONSIDERAÇÕES FINAIS | 123

REFERÊNCIAS | 126

PARTE II

1 DECADENCIA | 141

2 UM VELHO TEMA: BASILIANO SARMENTO | 144

3 UMA INICIATIVA LOUVAVEL | 148

4 UM JÚRI QUE APAIXONOU A OPINIÃO PÚBLICA | 151

5 A CASA DO POBRE | 154

6 UM APELO À SAÚDE PÚBLICA | 157

7 UM JULGAMENTO RUMOROSO | 159

8 MUITO GRATA, SNRS. CANDIDATOS | 163

- 9 RECADO PARA JOÃO YÔYÔ FILHO | 165
- 10 HERANÇA DE PRIMO POBRE | 167
- 11 TOURADA | 170
- 12 MENDICANCIA, UM FLAGELO | 172
- 13 VALORES PALMARINOS | 174
- 14 ASSISTENCIA AO HOMEM DO CAMPO | 177
- 15 CAIPIRISMO IDIOTA | 179
- 16 A MAIS QUERIDA REMINISCENCIA DO NATAL | 181
- 17 "S.O.S. AO DEP. ANTÔNIO GOMES DE BARROS" | 183
- 18 UNIÃO DOS PALMARES EM DOIS TEMPOS | 186
- 19 DESCORTINANDO VELHARIAS | 189
- 20 QUEIXAS E RECLAMAÇÕES | 191
- 21 AO SR. DIRETOR REGIONAL DOS CORREIOS | 193
- 22 ILUSÕES PERDIDAS | 195
- 23 JORGE DE LIMA, UM VELHO TEMA | 197
- 24 REFLEXÕES | 199
- 25 MENIAGEM À PRINCESA DAS MATAS | 201
- 26 UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA DOS PALMARINOS | 203
- 27 MONOGRAFIA DO MUNICIPIO DE MATA GRANDE | 205
- 28 ATUALIDADE PALMARINA | 207
- 29 PRESENTE, PASSADO E FUTURO | 209
- 30 NOTÍCIAS PALMARINAS | 211
- 31 SEMANA RURALISTA | 213
- 32 GRANDES ESPERANÇAS | 215
- 33 OS ASSUNTOS DOS OUTROS | 217
- 34 RETRATO DO BRASIL | 219

- 35 SEMANA RURALISTA EM PENEDO | 221
- 36 RESPOSTA A UM BILHETE - IMPRESSÕES | 223
- 37 SOBRE MARECHAL DEODORO | 225
- 38 UNIÃO DOS PALMARES & DESPORTOS | 227
- 39 A RESPEITO DE JORNAIS | 229
- 40 ATIVIDADES RURALISTAS | 231
- 41 PELO ESPORTE | 234
- 42 UMA INDÚSTRIA EM FÓCO | 236
- 43 RETORNO | 238
- 44 UNIÃO DOS PALMARES | 240
- 45 15 DE JULHO | 242
- 46 MARECHAL DEODORO | 245
- 47 PARALELOS | 248
- 48 15 DE SETEMBRO | 250
- 49 UMA EMBAIXADA DE VIÇOSA | 252
- 50 CANDIDATOS E PRIMAVERA | 255
- 51 ELEITORES E ELEIÇÕES | 257
- 52 PALAVRAS AOS VEREADORES PALMARINOS | 259
- 53 RETÔRNO | 261
- 54 QUEIXAS E RECLAMAÇÕES | 263
- 55 PALAVRAS A UM AMIGO | 265
- 56 APÊLO AO NOSSO POVO | 267
- 57 À MOCIDADE PALMARINA | 269
- CRONOLOGIA DE PROSAS | 271
- REFERÊNCIAS | 276

PREFÁCIO

encanto por utopias pode ter sido influenciado por filósofos, sociólogos, historiadores e professores. Acadêmicos ou literatos que, por meio de escritos considerados ultrapassados para a realidade técnica deste século, parecem propor uma viagem por universo enigmático. Produziram percepções acerca do mundo, como as ostras constroem suas pérolas. Enxergaram rastros. E, com isso, colocaram-se na condição de inspiradores. Diante do contato com estes: os “ultrapassados”. Alguns vinculados a história social, outros a história cultural, passei a pensar sobre a condição de mulheres esquecidas. Entre tantas alagoanas e nordestinas, me inquietavam os mistérios que rondavam a história da contrerrânea palmarina, **Maria Mariá**.

A produção aqui disposta, não nasce de uma mera necessidade acadêmica. Tampouco da ingênua ideia de manter exaltações vazias a autora das *prosas*. Mas sim, e, sobretudo, do desejo de tornar conhecidos os fragmentos jornalísticos de uma professora interiorana, de trajetória condenada ao esquecimento.

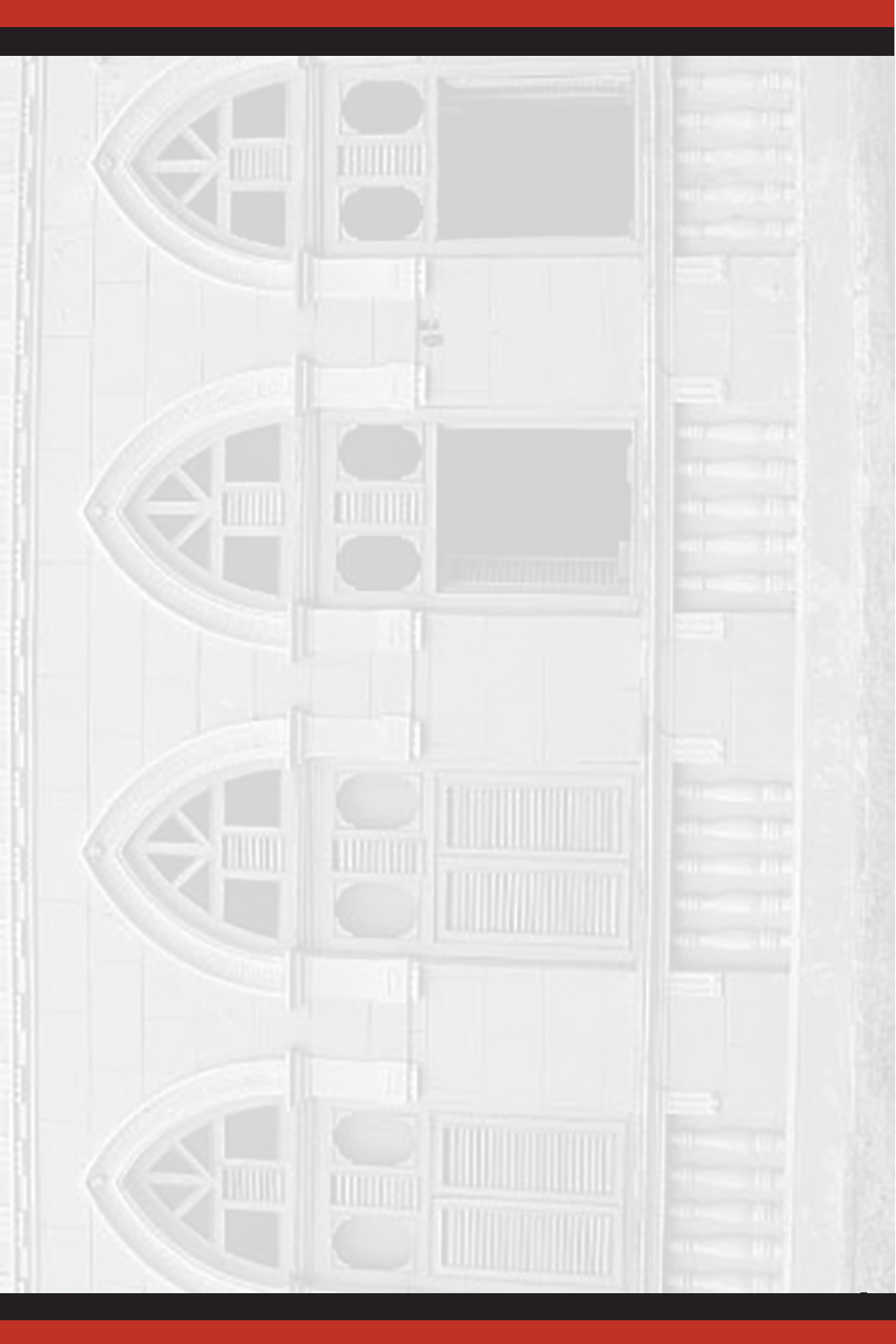
Procurar incansavelmente por pistas, comparar informações, duvidar de verdades pré-estabelecidas e chegar às 57 fontes inéditas que deram razão de existência a este livro, foi, sem sombra de dúvidas, um grande desafio, e, ao mesmo tempo, uma das mais prazerosas experiências

acadêmicas já vivenciadas. Não limitada a um fazer burocrático, a pesquisa culminou em conquistas, até então, inimagináveis.

Mariá projetou-se nacionalmente sem ter saído do estado. Falou, com conhecimento de causa, sobre o que era viver e exercer a docência em municípios interioranos, pouco mencionados em produções acadêmicas, até então, existentes. Concomitantemente, refletiu sobre a condição social e política vigente na década de 1950. Seus escritos dizem aos nossos tempos. Ainda seriam cabíveis a atualidade. O ultraje dos sonhos, dos dias, dos gestos. Tudo faz a escrita de Mariá e a minha sobre ela, tornarem-se (auto)biografias. Somos **Marias, Macabéas, Marieles**.

Hebelyanne Pimentel da Silva

Existe nela algo de uma infância breve e pobre.
De uma alegria incompreensível. Mas, ainda assim,
real e imensurável (KAFKA, 2009).



INTRODUÇÃO

Convido o leitor para uma **prosa**. Ora inspiro-me em Clarice Lispector, que oferecera voz ao narrador Rodrigo S. M., para que este contasse a história de **Macabéa** (LISPECTOR, 1998). Outrora em Franz Kafka (2017), autor que utilizara de personagens para dizer de si. Trato de um fragmento da trajetória de uma conterrânea. Refiro-me a uma professora alagoana, que utilizou o jornalismo, para preferir reivindicações e denúncias, e, por meio disso, tornou-se conhecida regional e nacionalmente. A historiografia tradicional desconsiderou a relevância dos seus atos para a percepção dos acontecimentos sociais e estruturais do século XX, assim como fez com outros rebeldes. A intenção deste estudo consiste no oposto.

Pode-se afirmar que o encanto por utopias, fundante da pesquisa, nasce do encontro com filósofos, sociólogos, historiadores, professores, acadêmicos, literatos. Pessoas que, por meio de escritos considerados ultrapassados para a realidade técnica deste século, parecem propor uma viagem por universo enigmático. Suas produções sempre dirão para outros tempos. Produziram percepções acerca do mundo, como as ostras constroem suas pérolas (SILVA, 2020). Enxergaram rastros. E, com isso, puseram-se na condição de inspiradores. O contato com estes “ultrapassados”, alguns vinculados a história social, outros a história cultural, provocou um olhar sensível à condição de sujeitos esquecidos.

Entre os tantos alagoanos e alagoanas, inquietavam-me os mistérios atrelados a trajetória da palmarina **Maria Mariá**. Deste modo, a produção aqui disposta não nasce de uma mera necessidade acadêmica, tampouco da ingênua ideia de manter exaltações vazias. Deriva, portanto, do desejo de tornar conhecidos os fragmentos jornalísticos de uma professora de origem interiorana.

Nascida na cidade de União dos Palmares em 16 de junho de 1917, **Maria Mariá de Castro Sarmiento** manteve posicionamentos contrapostos ao esperado para a condição de mulher e docente. Foi, segundo os argumentos de Barros (2005) e Silva e Bomfim (2007): “A primeira mulher a utilizar calças na cidade de União dos Palmares”, “a professora abolicionista da palmatória em atividades docentes”, “a neta de latifundiário que defendera o tombamento da Serra da Barriga”, “a jornalista que enfrentara a soberania governamental, com críticas à condição social e política da cidade”, a “inspetora regional que criticara a condição da educação pública alagoana” e “a mulher solitária com vida e morte polêmicas”. Talvez as marcas de *lendária*, vigentes, até o momento, nas publicações biobibliográficas que tratam da mestra, decorram, sobretudo, de relatos hiperbólicos, postos diante da escassez de fontes documentais.

Em obra que trata das produções literárias de mulheres alagoanas e bahianas, as historiadoras Isabel Brandão e Ivya Alves (2002), desconsideraram as crônicas escritas por Mariá, provavelmente pelo pequeno número de textos, de tal gênero, apresentados no recorte temporal estabelecido pelas historiadoras. Época correspondente ao início da atuação jornalística¹ da personagem. Entre os escritos que

¹ Pelo que se percebe após análise dos jornais da década de 1940, nos quais não existem indícios de escritos seus. Suas produções aparecem no Jornal de Alagoas a partir de 1953. É sempre possível considerarmos à possibilidade de existência de textos em outros momentos.

tratam dos seus feitos, foram localizados os dois dicionários biobibliográficos citados (BARROS, 2005; SILVA e BOMFIM, 2007), um resumo expandido (SOUSA, 2007) e um artigo que apresentara a casa na qual vivera, sob perspectiva geográfica (JUNIOR e DOMINGOS, 2008). Todas as produções decorrem sobre ações popularmente conhecidas, com dados que, no desenrolar desta pesquisa, foram sendo superados, a exemplo, do jornal para o qual Mariá escreveu. Acreditava-se que havia sido o **Jornal Gazeta de Alagoas**, todavia, a investigação não apontou evidências de registros em tal periódico. Supõe-se que a informação tenha sido disponibilizada por depoimentos locais, dada a inexistência de fontes, no museu, que pudessem comprovar a veracidade de comentários.

As primeiras informações decorrentes dos anos iniciais de garimpagem, foram colocadas em um texto atento a fundação de bibliotecas públicas em Alagoas. Nele existem dados, até o momento, inéditos: as críticas destinadas ao poeta *Jorge de Lima*, a visibilidade internacional da educadora, a rede de sociabilidades por ela estabelecida na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas** e a menção à quantidade de textos existentes, no periódico analisado, em toda a década de 1950 (SILVA, 2020). Ele corresponde ao primeiro registro da história de um encontro inesperado com rastros de uma vida. Ponto fundante do trabalho historiográfico: “[...] o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54).

Motivada por inquietações originadas em 2018, durante discussões realizadas em Mobilidade Acadêmica Nacional², especificamente nas disciplinas cursadas. E, poste-

² Atividade com durabilidade de seis meses, financiada pela **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior** (ANDIFES).

riormente, nos encontros com o grupo **História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR-PB)**, foi iniciada uma busca detetivesca. Primeiro virtualmente, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, posteriormente em acervos alagoanos: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IH-GAL), Arquivo Público de Alagoas (APA), Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos (BPEGR). Além dos arquivos da Escola Estadual Rocha Cavalcanti, Escola Estadual Jorge de Lima e Casa Museu Maria Mariá.

A persistência levou ao encontro de algumas publicações de professoras normalistas brasileiras, que mediam suas vidas entre docência e jornalismo³: Cecília Meireles (carioca), Armanda Álvaro Alberto (carioca), Noemy da Silveira Rudolfer (paulista), Rosália Sandoval (alagoana). Além de escritoras latino-americanas: Olga Acevedo de Castillo (chilena), Juliana de Ibarbourou (uruguaia), Luisa Luise (uruguaia), Alfonsina Storni (argentina), Gabriela Mistral (Chilena). Escritos disponíveis em arquivos locais, nacionais e internacionais. Entre estes, estavam comentários às publicações de Maria Mariá. Por meio deles, cheguei as prosas que ajudam a compor o texto agora introduzido.

Na Página dos Municípios do Jornal de Alagoas, foram localizados, apenas na década de 1950, 57 títulos: notícias, críticas, reflexões, desabafos e crônicas. Com característica escriturária comum, que permite a denominação de *prosas*. Isso explica o título desta obra. O nome faz alusão ao ato de prostrar, de trocar ideias corriqueiramente. É um dialeto comum nos espaços interioranos brasileiros. Utilizado, inclusive, em alguns textos da personagem. Lidos na ordem de publicação, eles revelam o amadurecimento intelectual da autora, ao tempo que apresentam: visão de mundo, po-

³ Entre as publicações resultantes desta pesquisa, podem ser mencionadas: SILVA (2020); SILVA e MACHADO (2021).

sicionamentos políticos, formação e personalidade. Após transcritas e catalogadas, as publicações inspiraram a hipótese de que os textos formam uma espécie de (auto)biografia. Além disso, apresentam potencial formador. Podem ter colaborado com a conscientização dos alunos das escolas secundárias e dos conterrâneos de origem burguesa. Resultam no que denomino **Escola de Prosas**.

Aos poucos, os escritos foram sendo configurados como fragmentos da História da Educação de Alagoas, do Nordeste e do Brasil. Assim como os vestígios documentais de outras mulheres da mesma Região, a exemplo: Maria Carmélia Pessoa da Costa (1927-2016). E de outras localidades: Botrya Camorim (1917-1962), Carolina Ribeiro (1892-1982), Iracema Marques da Silveira (1900-1978) (VIDAL e VICENTINI, 2019). Os textos que tratam da trajetória de mulheres professoras, em sua maioria, consistem em biografias, provavelmente pela possibilidade que tem tal gênero textual, de tornar mais profundo o contato com detalhes de vidas caracteristicamente peculiares. As personagens possibilitam percepção da particularidade do exercício do magistério, na universal representatividade docente. Exigem olhar antropológico.

Maria Carmélia, como mulher interiorana, percebere a profissão como um fazer missionário. Seus atos pedagógicos eram contrários às perspectivas de ensino tradicional, e, por esse motivo, tornaram-na conhecida (MACHADO, NUNES e LACET, 2021). Não obstante esteve **Carolina Ribeiro**, ocupante dos cargos prestigiados de Diretora, na Escola Caetano de Campos, e de Secretária Estadual de Educação: “[...] nasceu em uma família de professores e aprendeu desde cedo o valor da missão docente” (ABDALA, 2019, p. 87). O mesmo identifica-se na trajetória de **Iracema Marques**

da Silveira, irmã de **Noemy da Silveira Rudolfer**⁴ (VIDAL, 2019). Carolina e Iracema envolveram-se em projetos voltados a formação de leitores, como é o caso da organização de bibliotecas e da fundação de jornais escolares (ABDALA, 2019; VIDAL, 2019). As paulistas foram intelectuais, pelos motivos apontados por Alcântara (2019), ao apresentar **Botyra Comorim**: “Ao lançar mão da escrita e da palavra impressa, Botyra veicula saberes para a cidade onde residia e para os demais professores do estado de São Paulo” (ALCÂNTARA, 2019, p. 73). Ao exercer carreira pública, por meio do magistério, algumas também pelo jornalismo, traçaram caminhos que perpassam: docência e gênero. Foram inovadoras no ensino⁵: “São aqui consideradas inovadoras as professoras que se valem da escrita para engendrar um outro lugar de onde falar aos demais professores e à sociedade” (ALCÂNTARA, 2019, p. 70). Influenciaram pessoas. Mesmo **Carmélia**, mulher com pacata vida no interior paraibano, tornara-se referência educacional no estado no qual atuara (MACHADO, NUNES e LACET, 2021).

Existem também as vozes femininas imperceptíveis, como a que o historiador **José Glédisson Pinheiro** (2017), localizara. Ele discorrera sobre a condição de uma estudante de educação primária, que registrara em diário escolar, as angústias presentes na formação dos sujeitos modernos. Fazendo pensar sobre os desafios discentes, na organização social neoliberal. Os professores não são enfocados na obra. O autor discute a escrita feminina, ao tempo que faz pensar sobre os problemas do escolanovismo (Idem).

⁴ Uma das três mulheres assinantes do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, em 1932.

⁵ Tema sobre o qual discorre a obra de predisposição biográfica: **Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo nos séculos XIX e XX** (VIDAL e VICENTINI, 2019).

Um ponto comum em todas as discussões, é a tentativa de visibilização de mulheres relegadas ao esquecimento, por meio da aproximação destas com momentos historicamente marcantes na história educacional. Nota-se, microscopicamente, à condição nacional durante a primeira metade do século XX, por meio das ações de pessoas atingidas pelo estigma e pela classe. Escrever sobre elas, é escrever sobre a opacidade da história (PERROT, 2018), na qual encontram-se também: prisioneiros, pobres, hereges (GINZBURG, 2006; PERROT, 2018). Marginais. Todos os que não se encaixam no modelo padrão de superioridade: Homem branco, saudável e burguês. Por esse motivo, Joan Wallach Scott (1995, 2011) afirmara ser necessária a consideração à categoria “gênero”, no processo de análise da atuação feminina. A história das mulheres não está distante da história dos demais seres humanos, ao tempo que não deixa à parte, as especificidades que abarca (Idem).

A professora Maria Mariá, redigiu e publicou denúncias e reivindicações, numa época de busca por redemocratização do país, após o *Estado Novo* (SILVA, 2020) revelando que o tão desejado sistema democrático nunca fora alcançado, de fato, entre pobres, mulheres, camponeses, deficientes. É provável que, aos deserdados e esquecidos, restasse apenas o pré-estabelecido ou a manutenção do mínimo para a sobrevivência e o enriquecimento de outros, como ela própria afirmara em **Retrato do Brasil** (SARMENTO, 1956c).

O contato com as fontes e com os textos existentes, levou a elaboração de questionamentos: Como Mariá percebeu o Jornal de Alagoas? Qual a relação que estabeleceu com a escrita? Será que publicou em outros impressos? O que existe de comum entre os seus textos? Como podem revelar o seu amadurecimento intelectual? Como a escrita representa o seu lugar social e a condição de professora na

década? Diante das perguntas, surgiu a seguinte problematização: **Quais as principais concepções educacionais sugeridas por Maria Mariá no Jornal de Alagoas durante a década de 1950 e como isso interliga-se ao Manifesto dos Educadores (1959)?** Busco discorrer sobre as implicações dos textos no debate educacional da época, com o intuito de: Pensar sobre a função do jornalismo na construção da memória educacional da professora Maria Mariá; Localizar a educadora no debate intelectual alagoano dos anos 1950, atentando à representatividade docente; Analisar às configurações estabelecidas na trajetória da mestra na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**, indiciando uma **escola prosaica**. Busca-se chegar o mais próximo possível das implicações que levaram a elaboração desse pensamento educacional. E as influências dele em seu contexto de propagação.

Os movimentos de renovação educacional, receberam formato, no Brasil, a partir das contribuições da **Associação Brasileira de Educação (ABE)**, com debates que resultaram no **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, publicado em 1930 (AZEVEDO, 1932). A atuação de professoras na reformulação do pensamento educacional do período, foi colocada, sobretudo, por meio do jornalismo. A exemplo, estão as crônicas de Cecília Meireles na **Página de Educação do Diário de Notícias**. Até 1932, a educadora falava sobre a necessidade de modificação dos métodos pedagógicos e do olhar direcionado à criança e ao professorado (SILVA e MACHADO, 2021). O jornal foi um aliado fidedigno das intelectuais. Cecília reformulou suas ideias com o passar dos anos, e em 1959, quando assinara o Manifesto dos Educadores, apresentara nova análise social e educacional, em periódicos cariocas defendendo a valorização a cultura popular (COMISSÃO..., 1959), criticando a condição na qual se en-

contravam os espaços escolares e o trabalho docente. Com Mariá percebe-se algo semelhante. Entre 1953 e 1959, o seu pensamento educacional vai ganhando forma. Ora refletindo ideais do manifesto de 1932, outrora às correntes que o criticavam.

Mantendo o Jornal como principal fonte, por reconhecimento de sua capacidade de armazenamento de informações (LUCA, 2019), o estudo resulta de uma pesquisa documental de caráter qualitativo, utilizando-se da técnica de interrogação aos registros, para, a partir deles, produzir inversões escriturárias, como indicara Michel de Certeau (2017). O material e o tratamento dado a este, colocam a produção no campo da História Cultural (CHARTIER, 1988), tornando possível a investigação da representação docente, pelo viés micro-histórico (GINZBURG, 2007). Aproximando o olhar ao objeto, até percebê-lo em mínimos detalhes, e distanciando-o dele, sempre que necessário, para o estabelecimento de associações com a realidade macroscópica (Idem). É mantido, do início ao final do processo, o faro indiciário que originou a busca histórica e antropológica (GINZBURG, 1989).

Para o tratamento dado a história, busquei apropriar-me de alguns conceitos, como o de **representação**, posto por Roger Chartier (1988), com o intuito de perceber como a docência local, pode ser analisada a partir da escrita da mestra. Para além, recorri ao conceito de **intelectual** em Sirinelli (2003), visando apresentá-la como uma das professoras que ajudaram a pensar a educação alagoana por meio das publicações na imprensa e do exercício professoral. Fora inovadora⁶. Pela escolha temática, não seria possível desconsiderar o conceito de **poder simbólico**, definido por

⁶ Definição dada às personagens estudadas em obra organizada por Vidal e Vicentini (2019).

Bourdieu (1989), visto que trato de uma mulher estigmatizada pelos cânones sociais épicos. Penso, por meio disso, a ideia de **Educação Nova** e os seus reflexos, colocando os textos no contexto, como escrita de si e de outros. Na tentativa de compreensão das principais ideias da personagem, foram buscados indícios das leituras, por ela feitas, com o intuito de identificar: o que a inspirava, o que criticava, o que desejava.

A escrita desta obra organiza-se em dois momentos: no primeiro é feita uma discussão com três capítulos interligados, que buscam responder a problematização pelo caminho traçado em objetivos anteriormente colocados; e, no segundo, são dispostas as prosas da docente, digitalizadas com as marcas do tempo e do local de divulgação.

Mesmo com indícios da visibilidade nacional que a professora possuiu, nesse texto é mantido o objetivo de perceber a sua contribuição para Alagoas, partindo dos feitos propagados na cidade de União dos Palmares. Portanto, o primeiro capítulo consiste na apresentação de como se deu o encontro com as produções de professoras, até chegar às prosas escritas por Maria Mariá, discorrendo sobre a escolha metodológica e escriturária, ao traçar relações entre os conceitos e a análise às fontes. Ressalto também, como foi sendo estruturado o movimento que parte do micro para o macro, atentando aos detalhes que permitem perceber a construção do pensamento educacional da professora palmarina. Pode-se dizer que é uma parte da obra que narra, analiticamente, a história da reconstrução de uma história quase perdida.

No segundo capítulo, busco localizar a mestra no debate intelectual alagoano dos anos 1950, atentando à construção e exposição de sua representatividade no jornal de Alagoas. Para tanto, identifico o vínculo do magistério com

o jornalismo, entre as mulheres que ocuparam o espaço público durante a primeira metade do século XX, e construíram peculiares e semelhantes trajetórias. E no último capítulo, discuto a constituição do que denomino **Escola de Prosas**, buscando remeter os escritos, aos vínculos existentes com a **Escola Nova**, ressaltando os elementos do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova** (1932) e as modificações percebidas no **Movimento dos Educadores** (1959).

A produção caracteriza-se, portanto, como um fragmento de biografia. Ao tempo que também pode ser percebida como **(auto)biografia**, dado o meu lugar de origem, correspondente ao da personagem. Ao narrar os fatos históricos, penso sobre minha condição.

"União dos Palmares e a
George de Lima" foram as pala-
vras que batizaram a reportagem
do sr. Luiz Gutemberg, publica-
domingo ultimo, na "Gazeta
das Américas". No entanto quero
conhecido jornalista
obscuros da
ser assim
noção

contemp-
to em praça pu-
como em qualquer
E de fato, está na
busto do grande
de um logradouro
se falou em co-
"Basiliano Sar-
mos meio esq-
omenagens,
asil t

UNIAO DOS PALMARES

ESPEITO DE JORNAIS

Maria Mariá de Castro Sarmento

me me sobra tempo
nossa "Pagina",
do este municipio
viando mensagens
ades que têm a
lembra de mim,
pontaual nos
scar linhas ou
ndo aquilo que
Acontece, po-
a vida no inte-
queia lufa-lufa
e, o tempo de
raço para ne
sta coisa
um velho pro-
le cm pedra
que fura". E
e verdade da
is, de tanto
desta cois.
União dos
vejo que
oram in-
aos pou-
os ho-
e impulso

passagem para Penedo e
pretendo voltar. Finalmente, aonde
está "O Pindobense", órgão que
me despertou maior simpatia,
não deixando com isto de
nhecer o merito e de
ciativa de as-
me che-
somen-
se" de
simpe-
te de
lugar q
nicipio.
cimento,
do ano,
estas pov
mente, se
Incluo, ne
Palmares.
começo desta
bati por esse
turo bem pro
terá tambem
vou alimentar
sar que terem
portante, bem r
ex que acima

S.O.S. a Maria

V. Excia.
municipidade inv
aquí. Basta, l
os anos que
que pudemos
com uma as
caro Deputa
marina não
grande mun
inovações e
advento à A
falta de com
namente, e
que esta ge
me refiro n
ouvir, pedi
timavel est
casa de co
quir a

União...

(Conclusão da 1a.)

foi uma personalidade que
mente marcará nova época
vida literaria do Brasil
desconhecemos seus
como poeta, medico
pintor e...

o dep. Antonio
Mariá de C...

quando prefeito des...
ameros beneficios e seria
portanto, que o povo palm
hão de vir. Como testemu
fazer por V. Excia., foi
sombrosa vitoria contra
do, que sua cooperação
acabou quando a outro
incipio. Sabemos sim, e cor
em prol desta coletividade
Assembleia Estadual. Não
apreensão. O que nós que
dentro de suas possibilidades
ante precisa de essencial.
nima, é para que, na As
ado aos poderes públicos
ado em que se ad... a C
rreção, é mais que...
boa marcha do B...
si de seu inteiro...
em u...

PARTE I

VALIA

"União dos Palmares e a
George de Lima" foram as pala-
vras que batizaram a reportagem
do sr. Luiz Gutemberg, publica-
domingo ultimo, na "Gazeta
das Américas". No entanto quero
conhecido jornalista
obscuros da
ser assim
noção

contemp-
to em praça pu-
como em qualquer
E de fato, está na
busto do grande
de um logradouro
se falou em co-
"Basiliano Sar-
mos meio esq-
omenagens,
asil t

UNIAO DOS PALMARES

ESPEITO DE JORNAIS

Maria Mariá de Castro Sarmento

me me sobra tempo
nossa "Pagina",
do este municipio
viando mensagens
ades que têm a
lembra de mim,
pontual nos
scar linhas ou
ndo aquilo que
Acontece, po-
a vida no inte-
queia lufa-lufa
e, o tempo de
raço para ne
sta coisa
um velho pro-
le em pedra
que fura". E
e verdade da
is, de tanto
desta cois.
União dos
vejo que
oram in-
aos pou-
os ho-
e impulso

passagem para Penedo e
pretendo voltar. Finalmente, aonde
está "O Pindobense", órgão que
me despertou maior simpatia,
não deixando com isto de
nhecer o merito e de
ciativa de as-
me che-

som-
se" D
simpe
te de
lugar q
nicipio.
cimento,
do ano,
estas pov
mente, se
Incluo, ne
Palmares.
começo desta
bati por esse
turo bem pro
terá tambem
vou alimentar
sar que terem
portante, bem r
ex que acima

S.O.S. a Maria

V. Excia.
municidade inv
aquí. Basta, l
os anos que
que pudemos
com uma as
caro Deputa
marina não.
grande mun
inovações e
advento à A
falta de com
namente, e
que esta ge
me refiro n
ouvir, pedi
timavel est
casa de co
quir a

1 FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA: ENTRE ACHADOS E PERDIDOS

aquele, Aquela, aqueles, Aquelas
– aquilo!

Assim diz a História
Que registrou memórias
De (pró)nomes
Indefinidos.

(Hebelyanne Pimentel da Silva)

U m **encontro inesperado** com algo que se procura, mas não se acredita na possibilidade de captura. O **maravilhamento** pelo mistério ressignificado na insignificância dos dias comuns. A visualização do tudo no nada, e do nada no tudo. Formulação de **topázio de esplendor**⁷. Assim parece configurar-se a pesquisa resultante nesta escrita. Ela ressoa como notas produzidas por **faro indiciário** (GINZBURG, 1989). Os entrelaçamentos tornam notável o saborear do trajeto historiográfico. O saborear do acervo e do que nele pode ser imperceptível a olhares rápidos e técnicos. Arlette Farge (2009, p. 20), ao referir-se aos arquivos judiciais, recordara que eles impõem “[...] logo de início uma enorme contradição; ao mesmo tempo em que invade e imerge, ele conduz, por sua desmesura, à solidão”. Solidão que está nos personagens desconsiderados pela história

⁷ Expressão utilizada pelo personagem narrador, **Rodrigo S. M.**, ao revelar o que procura na vida da Alagoana **Macabéia** (LISPECTOR, 1998).

tradicional, e em quem os procura. “Uma solidão em que pululam tantos seres “vivos” que parece quase impossível dar conta deles, ou seja, fazer sua história (Idem). As mulheres que, em vida, estiveram sós em ideias, permanecem sós em memória. Ocupam lugar no pensamento solitário de outros tempos.

Talvez a alusão explique uma das dimensões que permeiam a história das mulheres. Uma história de silêncios, ou melhor, de silenciamentos. Como dissera Michelle Perrot (2018, p. 197): “Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História!”. Algumas das que registraram pensamentos em palavras, tiveram seus textos desconsiderados ou transformados em alfarrábios, pelo tempo ou por complicações políticas e sociais. Perceptivelmente, “[...] a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres” (PERROT, 2018, p.192), estejam estas em estado de vida ou de morte. Os acervos preservam mais que fontes.

A busca por escritos femininos, manteve, inicialmente, o recorte temporal correspondente entre 1930 e 1960. Este levou ao encontro de documentos de professoras hispânicas e brasileiras públicas, a exemplo: Luisa Luise (uruguaia), Gabriela Mistral (chilena), Alfonsina Storni (argentina), Cecília Meireles, Noemy M. da Silveira Ruldolfer, Armanda Álvaro Alberto. As três últimas, intelectuais popularmente conhecidas pela atuação no movimento escolanovista de 1932. Além destes, nas hemerotecas nacionais estavam os escritos de Rosália Sandoval e, finalmente, os de Mariá. A intenção mantida neste momento, é a de relatar detalhes de como se deu o caminho investigativo até chegar à última personagem mencionada. Portanto, indago: **Como os arquivos alagoanos preservaram a memória educacional da professora e jornalista Maria Mariá?**

O leque de fontes históricas que dizem da professora, varia entre: Depoimentos orais, documentos escolares (na condição de estudante e de docente), fotografias e jornais. Não busco ressaltar as especificidades das primeiras. Aqui atento aos documentos. Material considerado como relevante à história, após propagação das ideias da *Revisita Annales* (PINSKY, 2008; BURKE, 2010). O movimento de escrita considera as ideias de Certeau (2017), ao atentar aos ditos, não ditos e interditos, visando significar os rastros de existência encontrados, inesperadamente, em investigação de caráter indiciário (GINZBURG, 1989). Ação microscópica (GINZBURG, 2007).

A forma de organização primeiro capítulo, permite perceber os entrelaçamentos que partem da história das mulheres professoras, até chegar as alagoanas e a mestra destacada. Indo do macro, pela escala universal, para o micro, focalizando atenção final no estado supracitado. A discussão desenvolve-se em três momentos respectivos: **Caminhos e descaminhos dos sabores e saberes indiciários: uma escolha metodológica**, no qual, como afirmara título, são abordados elementos que levam a escolha metodológica adotada na pesquisa documental, realizada em acervos virtuais e físicos; **Significados e significâncias do olhar microscópico**, quando tento discorrer sobre os significados da percepção minuciosa, para a construção da história de pessoas esquecidas, com ênfase nas mulheres professoras, expondo o material localizado em acervos alagoanos; e **Das fontes à construção historiográfico-educacional**, apresentação de evidências capazes de legitimar a pesquisa como necessária a História da Educação, por intermédio da História das Mulheres, marginalizadas pelo poder estatal.

Caminhos e descaminhos dos sabores e saberes indiciários: uma escolha metodológica

Rodrigo S. M. ao escrever sobre Macabeia, faz refletir sobre o ofício do historiador: “É dever meu, nem que seja de pouca arte o de revelar-lhe a vida” (LISPECTOR, 1998, p. 23). A vida que, nem sempre, se apresenta de maneira clara. A vida que é contraditória e, por esse motivo, turva. Em busca dos rastros que tornam decifráveis os seus detalhes, esteve Ginzburg (1989, p. 177): “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. É preciso recorrer ao, supostamente, invisível. Para tanto, torna-se necessária a associação da história, com saberes de distintas, porém, próximas áreas, dentre as quais encontram-se: Arqueologia, psicologia, linguagens.

Em interpretação antiga, Góes (2000, p. 18) afirmara que o autor ancorara sua proposta metodológica, “[...] nas formas de conhecimento do perito de arte, do detetive e do psicanalista, em referência respectivamente a Giovanni Morelli, Conan Doyle/Sherlock Holmes e Sigmund Freud”. E discutira “[...] um paradigma de natureza indiciária, fundamentado na semiótica” (Idem). Considerando a origem familiar do historiador (GINZBURG, 2007), acrescento que este também buscara inspiração na literatura. Ele ressaltara, em referência aos problemas metodológicos de alguns estudos, que “o historiador da arte recorre à literatura, o historiador da literatura recorre à arte, e ambos recorrem à filosofia quando não conseguem explicar determinados problemas surgidos dentro de suas disciplinas” (GINZBURG, 1989, p. 89). A troca de saberes entre as áreas, é relevante, mas não deve levar a explicação dos fenômenos: “Visto que o historiador tem de lidar com acontecimentos irrepetíveis, o conceito de explicação há de ser usado com cautela” (Idem).

Lole (2016, p. 556), ressalta que ele situara “[...] sua proposta sobre o indiciarismo no bojo dos incômodos de modelos epistemológicos que se contrapõem entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’”. Ainda de acordo com ela, “[...] para enfatizar a existência silenciosa, nas ciências humanas, de um modelo que tem passado despercebido” (Idem). O modelo situado entre pós-modernismo e positivismo. O primeiro, porque ao se contrapor ao desprezo a particularidade, focalizara demasiadamente nela: “As narrativas históricas não falariam da realidade, mas sim de quem as constituiu” (GINZBURG, 2007, p. 9). E o segundo, por manter-se atento a grandes eventualidades: “Trata-se, observava Bloch, de um ceticismo que não toca naquilo que existe por baixo do acontecimento, ou seja, as mentalidades, as técnicas, a sociedade, a economia” (GINZBURG, 2007, p. 10). O autor italiano não secundarizara contribuições das distintas dimensões. Afirmara, apenas, que alguns dos que tocaram em tais elemento, aprisionaram-se a eles. Não se mantiveram seguros ao *fio* que os possibilitaria sair dos *labirintos* para os quais eram conduzidos⁸ pela dimensão técnica ou subjetiva.

Entre a expressão das realidades do mundo físico e a das realidades do espírito humano, o contraste é, em suma, o mesmo que entre a tarefa do operário fresador e a do luthier: ambos trabalham no milímetro; mas o fresador usa instrumentos mecânicos de precisão; o luthier guia-se, antes de tudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos. Não seria bom nem que o fresador se contentasse com o espírito do luthier, nem que este pretendesse imitar o fresador (BLOCH, 2001, p. 55).

⁸ Faço alusão a metáfora apresentada na introdução da obra **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício** (GINZBURG, 2007).

É um trabalho artístico, que precisa manter compromisso com a verdade em suas lacunas: o “[...] tempo verdadeiro é, por natureza, um contínuo. É também perpétua mudança. Da antítese desses dois atributos provêm os grandes problemas da pesquisa histórica. Acima de qualquer outro, aquele que questiona até a razão de ser de nossos trabalhos” (Idem). Trabalho de minúcias. Nem sempre reconhecido como academicamente relevante: “Quando comecei a aprender o ofício, pelo final dos anos 50, a atitude que prevalecia na academia era completamente diferente. Escrever, contar a história não era considerado um tema de reflexão sério” (GINZBURG, 2007, p. 7). Coloca-se em questão a necessidade de percepção do subterrâneo da história. Do que nem sempre recebe visibilidade universal, mas que favorece melhor compreensão totalizante.

No momento mencionado por Ginzburg, a revista *Annales* já recebia visibilidade, dentro e fora da França (BURKE, 2010), mas não convencia, em totalidade, aos acadêmicos (Idem). Provavelmente pela juventude das ideias. Apesar disso, Hobsbawm (2013, p. 251) afirmara que Bloch já era admirado pela juventude intelectual da Inglaterra, desde 1930. O que mostra a visibilidade dos autores do periódico:

Imagine que alguns de nós, pelo menos em Cambridge, líamos os *Annales* já nos anos 1930. Além do mais, quando Marc Bloch veio e conversou conosco em Cambridge – ainda me lembro disso como o grande momento que então parecia ser e foi –, foi-nos apresentado como o maior medievalista vivo, a meu ver, com toda justiça.

A consideração a contribuições de intelectuais com distintas ideias e com variadas metodologias de pesquisa, passara a ser feita, com maior variedade, na terceira gera-

ção da revista. Percebe-se a valorização à escrita feminina, que manteve entre os mais renomados nomes: **Christiane Klapisch, Arlette Farge, Mona Ozouf, Michèle Perrot**⁹ (BURKE, 2010). Alguns historiadores definiram o período, como momento de crise, por não haver unidade entre os pensamentos: “Revel mencionou-a numa forma, Peter Burke mencionou-a quando disse que os **Annales** não estavam falando uma, mas diversas línguas, entre as quais nem sempre há inteligibilidade mútua completa” (HOBSBAWM, 2013, p. 255). Para Ginzburg (2007, p. 9), a crise estivera na propagação da perspectiva pós-moderna.

No caso específico da História das Mulheres, havia diversidade de olhares e de escala perceptiva. E fora publicada em diferentes países: “A história geral das mulheres, planejada por George Duby e Michèle Perrot, está sendo escrita não para uma editora francesa, mas para a Laterza” (BURKE, 2010, p. 91). Visara contrapor o marxismo, no qual o sexo mantinha-se em estado de invisibilidade: “Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos” (PERROT, 2018, p. 197). Atentara ao vínculo do sexo com os demais estados de marginalização, colocando o feminino entre outros que não se encaixam no padrão privilegiado de homem branco, heterossexual e de elite (Idem). A pesquisa utilizara de olhar atento às minúcias, dada a invisibilidade das fontes que se associavam ao objeto. Mas recorrera a escritura generalizante. Um ponto importante, já nas mulheres que publicavam na revista *Annales*, era a ênfase no vínculo existente entre o gênero, a raça e a classe. Posicionamento comentado por Joan W. Scott (1995, p. 11): “O interesse pelas categorias

⁹ Essa grafia está presente na obra **A escola dos Annales 1929-1989**, por Peter Burke (2010). O nome da historiadora em outros documentos é grafado da seguinte maneira: **Michelle Perrot**.

de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do(a) pesquisador(a) com uma história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão”.

Ao estudar “[...] o mundo social das ruas de Paris no século XVIII” (BURKE, 2010, p. 90), **Arlette Farge** aproximara-se da invisibilidade. Utilizara-se, para isto, de fontes armazenadas em arquivos policiais: “Eis agora o povo que se apresenta com seus múltiplos rostos: eles são recortados da multidão, sombras chinesas nos muros da cidade (FARGE, 2009, p. 31). Sombras ou margens, não notados nas coerências e incoerências dos arquivos: “O arquivo nasce da desordem, por menor que seja; arranca da obscuridade longas listas de seres ofegantes, desarticulados, intimados a se explicar perante a justiça” (Idem). Como estes, estiveram as mulheres brasileiras. Não apenas nos textos policiais, como é de se imaginar que tenha acontecido com muitas professoras em períodos ditatoriais. A exemplo Armanda Álvaro Alberto¹⁰ com prisão anunciada em jornais:

Maria Gergner Prestes, ou Maria Benario; Auguste Elise Ewert, ou Machla Berger; Carmen Alfeia de Ghiodi, Julia dos Santos Eneida Costa de Moraes, Valentina Leite Barbosa Bastos, Maria de Moraes Werneck de Castro, Eugenia Alvaro Moreyra, **Armanda Alvaro Alberto**. Todas ellas participaram da propagação comunista em nosso paiz, velada ou ostensivamente. Em colaboração na imprensa, ou cooperando com seus maridos ou parentes na difusão, entre nós, dos ideaes marxistas (AS MULHERES..., 1936, p. 1, grifo meu)¹¹.

¹⁰ Assinante do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, publicado em 1932.

¹¹ Nesse excerto respeitou-se a grafia original das fontes. O mesmo ocorre em toda a obra.

Mas também estiveram no mundo jornalístico, discutindo, entre outros temas, à docência. Algumas com visibilidade nacional, outras com prestígio local. Com isso, estabeleciam relações paralelas entre as dimensões dos espaços públicos e privados. Seguir os rastros por elas deixados, em escritos de suas autorias ou daqueles que delas falavam, mostrava-se como chave para a construção de suas histórias. As fontes documentais de variada espécie, constituíram-se, progressivamente, como peças perdidas de difíceis quebra-cabeças. O quebra-cabeça de histórias reais, secundarizadas pelo tempo, pela realidade social, pelas intencionalidades políticas.

Para localizá-las, mostrara-se preciso, olhar o invisível. Os restos de nada no nada. Michelle Perrot (2018, p. 198) o fez, quando buscou conhecer os excluídos das ruas de Paris. Para tanto, recorreu a arquivos que também foram, por longa data, desconsiderados: “Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar dos senhores – prefeitos, magistrados, padres, policiais”. Para recuperação das mulheres, fora preciso buscar fontes de outra natureza: “Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria” (Idem). São decorrentes do lugar reservado a estas senhoras. Predestinadas a maternidade e a vida doméstica. Quando muito, conquistavam o fazer docente, e por meio deste passavam a levar vida semelhante.

Os, em muitos momentos, alfarrábios, traziam a ilusória ideia, para os que contatavam, de que traziam verdades, como confessado por Arlette Farge (2009, p. 15): “Nasce assim o sentimento ingênuo, porém profundo, de romper um véu, de atravessar a opacidade do saber e de chegar, como

depois de uma longa viagem incerta, ao essencial dos seres e das coisas”. Provavelmente, pela intimidade provocada. Os personagens colocam-se, de algum modo, na vida dos historiadores, enquanto estes, do mesmo modo, tornam-se partes de suas vidas passadas. Pela peculiaridade do trato, o trabalho é minucioso, passando “[...] por esse gesto artesão, lento e pouco rentável, em que se copiam textos, pedaço por pedaço, sem transformar sua forma, sua organização, ou mesmo sua pontuação. Sem pensar muito nisso. E pensando o tempo todo” (FARGE, 2009, p. 23).

Estes são pontos comuns nos que se dedicam a recuperação de trajetórias perdidas. Alguns escolhem olhares generalizantes, como fizeram *Perrot* e *Farge*. Outros decidem atentar aos casos particulares, como *Ginzburg*: “Uma ‘situação’ pode ser um ponto de partida convincente, como no estudo de Ginzburg sobre a ideologia popular por meio do caso de uma única aldeia ateísta no século XVI ou um único grupo de camponeses da região de Friuli, acusados de bruxaria” (HOBSBAWM, 2013, p. 265-266). A escala não interfere nos objetivos gerais da investigação: falar sobre a marginalização humana, em estado de vida e de morte. Ou até de morte em vida e vida em morte. O autor mencionado ainda arriscara dizer: “Não há nada de novo em preferir olhar o mundo por meio de um microscópio em lugar de um telescópio. Na medida em que aceitamos que estamos estudando o mesmo cosmo, a escolha entre micro e macrocosmo é uma questão de selecionar a técnica apropriada” (Idem). A pesquisa e escrita passa a encaixar-se em determinadas formas de análise social, a partir do que nela é defendido. Aqui trato de mulheres professoras, marginais no cargo e no gênero. Maximizo o olhar durante a busca por produções de mestras brasileiras, nordestinas e alagoanas, até chegar em Maria Mariá. Portanto, o movimento varia entre volu-

me e especificidade. Mas desde o início o microscópio atua timidamente. Valoriza-se a minúcia, os detalhes, as sobras, os sentidos. Na investigação e na escritura. Tudo se encaixa na mesma maneira de percepção do real, do passado e do humano. Segue-se a estrutura dos romances clássicos. Justificativa à escolha metodológica.

Significados e significâncias do olhar macroscópico, para a percepção do micro

Mulheres como **Armanda Álvaro Alberto**, **Cecília Meireles**, **Noemy Ruldolfer**, mantiveram ações conhecidas pela atuação intelectual. Pelo vínculo com momentos históricos importantes. Sobre seus feitos, os jornais espalharam notícias (SILVA e MACHADO, 2021). Alguns dos escritos, estão dispostos na *Hemeroteca Digital* da *Biblioteca Nacional*.

Não obstante estiveram algumas nordestinas, como é o caso de **Zila Mamede**, que manteve a troca de correspondências com o literato *Carlos Drummond de Andrade* (MACHADO, NUNES e VASCONCELOS, 2018). O diálogo com o intelectual a projetara nacionalmente. Assim como parece ter acontecido com **Maria Mariá**, quando proferiu críticas a **Jorge de Lima** (SILVA, 2020). *Iracema Marques da Silveira*, irmã de Noemy (VIDAL, 2019, p. 16), “[...] em 1928, quando fez parte da Comissão organizadora da Semana de Educação, atuou junto a Sampaio Dória, Lourenço Filho, Renato Jardim, Almeida Júnior e Roldão Lopes de Barros, dentre outros”, mas a sua atuação manteve-se desconhecida, por longa data. Além disso, “sua vida privada, como a da maioria das mulheres, em especial das oriundas das classes médias e populares, transcorreu praticamente sem rastros” (VIDAL, 2019, p. 140).

Nem todas as professoras conseguiram manter suas vidas privadas distantes dos olhares públicos, diferente do

que afirmara a pesquisadora supracitada. Algumas tiveram corpos e mentes controlados pelo inconveniente tratamento social à profissão. Em entrevista cedida por *Paulo de Castro Sarmiento*, ao Jornal de Alagoas, é possível perceber a exposição da pacata vida de **Dulcineia Bibiano Costa**, por meio de denúncias às agressões por ela sofridas, em ambiente íntimo:

[...] professora Estadual, acaba de ser agredida no interior da residência do sogro do chefe político local, sob maiores insultos por inemoros da milícia Rocha, necessitando intervenção imediata do Juiz de Doreito da Comarca, retirando-a do interior da sua referida casa. Opinião pública revoltada com o indigno atentado, solicita providencias no sentido de por termo aos desmandos e desatinos praticados por esses elementos desta pobre e infeliz terra (DENUNCIADA..., 18 de abr. 1956).

As atitudes estudantis nas escolas secundárias palmarinas, também foram comentadas por Mariá, em texto publicado na década posterior: “No ano que passou, um aluno se despiu, nas proximidades do Ginásio e assim mesmo, no singularíssimo traje de Adão, circundou o Ginásio, sob aplausos dos colegas para receber o prêmio por tão inusitada façanha: Cr\$ 20,00¹²” (SARMENTO, 1960). As agressões simbólicas destinadas as mestras, eram constantes, pelo que pareciam anunciar os jornais. Suas profissões as impediam de usufruir de privacidade. Provavelmente, por tal motivo, muitas educadoras, desde os tempos mais remotos, desistiam de outras vivências: casamento, maternidade

¹² O ato torna-se criticável pela forma e momento no qual ocorre. Compreende-se a importância da expressão corporal e liberdade estudantil, mas esta não pode ou deve interferir na integridade de demais humanos, como é o caso da categoria professoral.

(ALMEIDA, 2007; NICOLE e ALMEIDA, 2017). Os alunos tornavam-se filhos e a escolas suas *ex(in)ternas* casas.

A influência do público na intimidade era tão comum, que **Rosália Sandoval** discorria, em literatura, sobre os danos que a causavam: “[...] como diante dos meus olhos se confundem, na mesma pequenez, as duas espécies de traças – a que inconscientemente estragou os livros da minha estante e a que voluntariamente destruiu a minha ventura!” (SANDOVAL, 1927). Ela não se referia apenas a profissão docente, mas também a literária. Os livros eram os fiéis, e, em alguns casos, únicos amigos em dias solitários:

A capa de alguns deles parecia ornada com motivos á Gobelias. Outras apresentavam-se garridas, lembrando escabrosidades de rocha que as ondas açoutam impiedosamente. Outras faziam lembrar, na depressão grotesca, figuras que as creanças com certa vaidadesinha de artista, traçam com giz ou carvão, nos passeios da rua (Idem).

O olhar que a professora direciona aos livros, é semelhante ao que a História deve direcionar às vidas que atuaram no passado. Olhar próximo e sensível ao invidente. Na pesquisa e na escrita. Atentando aos *ditos*, comumente percebidos por meio de breve contato com o objeto. Os *não ditos*, que exigem aproximação subjetiva. E os *interditos*, que estão entre as palavras, os acontecimentos e os significados (CERTEAU, 2017). Por tal caminho, a escrita historiográfica aproxima-se do romance, da crônica. Dos atos e dias comuns. Rastros desse paradigma podem ser notados na biografia de *Carmélia Pessoa*¹³ (MACHADO, NUNES e LACET, 2021), quando os autores decidem atender às minuciosas informações. Mas encontra-se de maneira explícita, na

¹³ Não é um texto decorrente de pesquisa indiciária, mas a escrita valoriza os fragmentos imperceptíveis.

obra *O Diário de Dalila*. Da pesquisa à escritura. As evidências do método podem ser notadas em vários trechos, entre eles, aquele que discorre sobre a tentativa de descoberta da proprietária do documento escolar: “O nome ‘Dalila’ surge explicitamente mais duas vezes no diário. Na segunda, ele está rasurado; utilizando uma lupa disponível no setor de manuscritos da biblioteca, foi possível enxergar que a parte rasurada formava, com a letra ‘D’, o nome ‘Dalila’” (PINHEIRO, 2017, p. 49). Desafiador pelo objeto e pelo tratamento dado a este. No mesmo paradigma, estão as pesquisas sobre professoras alagoanas.

Em livro sobre Rosália Sandoval¹⁴, Isabel Brandão e Ivya Alves (2002, p. 41) os indicam: “[...] dificuldade de acesso às Bibliotecas e Arquivos Públicos do Estado de Alagoas. Isso fez com que me deslocasse para os Estados de Pernambuco e Rio de Janeiro a fim de coletar mais alguns dados pertinentes a pesquisa”. Os textos, mesmo estando em amplos espaços de divulgação, pela visibilidade da intelectual em seu tempo e contexto, foram desconsiderados por outros pesquisadores, e secundarizados nos acervos. Mas por meio de alguns achados, houve a possibilidade de encontro com outros, por longa data inesperados: “[...] descobertas maiores acerca de sua obra, o que conforma sua produção através de periódicos, revistas literárias, almanaques, diários textos manuscritos, documentos que permitiram registrar sua trajetória” (Idem). Assim aconteceu na pesquisa sobre professoras alagoanas, até chegar à Maria Mariá.

Os textos sobre Sandoval, na imprensa local e nacional, foram encontrados com facilidade. Algumas de suas obras eram comentadas, como é o caso de *Versos Alheios*:

¹⁴ A obra **Preces a Humanidade**, de *Rosalía Sandoval*, foi publicada em 1954. Momento no qual Mariá criticara as incoerências da elite intelectual brasileira.

Rosália Sandoval, pseudônimo literário de Rita de Abreu, irmã daquele inspirado poeta que a morte levou para o outro lado da vida – Sebastião Abreu – e de quem Aristheu de Andrade e Cyridião Durval guardaram impressões de entusiasmo e de fé promissoras – dá-nos, agora, uma collectanea de versos vertidos do castelhano, um ramalhete lírico em que reuniu a fina flor da intelectualidade sul-americana, representante dos três principais paizes – Argentina, Chile e Uruguay (LIVROS..., 1930, p. 14).

O livro fora o primeiro documento localizado, sobre a mestra¹⁵. Por meio dele, foram buscadas Histórias de três professoras latino-americanas: **Gabriela Mistral** (Chile), **Alfonsina Storni** (Argentina) e **Luisa Luise** (Uruguai). Com a colaboração dos escritos, foi possível refletir sobre a condição das professoras atuantes na primeira metade do século XX, nos países do Sol da América. Essa inquietação deu origem ao interesse pela investigação em escala reduzida. Foram buscadas obras dessas mulheres em bibliotecas digitais: nacionais, internacionais e mundiais. As produções, localizadas no recorte temporal correspondente entre 1910 e 1950, foram analisadas e catalogadas (Quadro 1), fazendo surgir novos interesses.

¹⁵ Um exemplar da obra, encontra-se disponível no **Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas** (IHGAL).

Quadro 1 – Entrelaçamentos HISTÓRICOS

Professoras Latino-Americanas				
1º	Rosália Sandoval	Livros Literários	Preces a Humanidade	1954
			Queda e Ascensão	1952
			Versos Alheios	1930
		Livros Pedagógicos	Curso Elementar de Português em Pequenos Exercícios Práticos	1921
			Através da Infância	1918
2º	Gabriela Mistral	Livros Pedagógicos	Lecturas para Mujeres: destinadas a la enseñanza del lenguaje	1924
3º	Alfonsina Storni	Livros Pedagógicos	Teatro Infantil	1950
4º	Luisa Luise	Livros Pedagógicos	A través de libros y autores	1925
			Educación Artística	1919
			Ideias Sobre Educación	1922

Foram buscados, posteriormente, vestígios de docentes Alagoanas, ainda não reconhecidas em meio acadêmico, com atenção ao que Brandão e Alves (2002) deixaram passar por despercebido na busca por mulheres literatas. Havia interesse nas professoras esquecidas. Logo foi iniciada a procura, específica, aos alfarrábios da vida de *Maria Mariá*. Inicialmente nos acervos palmarinos: **Casa Museu Maria Mariá**, **Secretaria de Cultura Palmarina**, **Biblioteca Municipal Jorge de Lima** e **Escola Estadual Rocha Cavalcanti**. Posteriormente nos acervos estaduais: **Arquivo Público de Alagoas (APA)**, **Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL)** e **Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos (BPEGR)**. Nos primeiros, foram encontradas atas assinadas pela professora, demarcando o tempo e as turmas nas quais lecionara, e textos escolares que discorriam sobre a sua trajetória enquanto estudante da Escola Primária. Por meio dos documentos escolares, localizados na *Escola*

Rocha Cavalcanti, foram surgindo pistas que levaram ao encontro de outras fontes: Documento de matrícula na Escola Normal de Maceió, boletim da Escola Normal de Maceió, Histórico Escolar da Escola Primária (Quadro 2). Além das fotografias preservadas pela família.

Quadro 2 – Alfarrábios de VIDA escolar e professoral

Documentação Estudantil			
1º	Matrícula Escola Normal	Caixa 4785 (A.P.A.)	16-2-1933
2º	Certificado de Conclusão do <i>Curso Primário</i> , no Grupo Escolar Rocha Cavalcanti	Caixa 4785 (A.P.A.)	23-11-1932
3º	Boletim com pontuações obtidas no primeiro ano do Curso Normal	Caixa 3821 (A.P.A.)	4-11-1933
4º	Documento de matrícula no 2º da Escola Normal	Caixa 3821 (A.P.A.)	20-1-1934
5º	Texto sobre a aprovação de Mariá no Curso Normal, como uma das três estudantes com maior pontuação – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1930-1940)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1934
6º	Ata de Exames e promoções – Apresentação de Mariá como aluna	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1932
Documentação Professoral			
1º	Assinatura de Mariá em textos coletivos – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1930-1940)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1942
2º	Assinaturas da Mariá em turmas do 4º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1944
3º	Assinaturas da Mariá em turmas do 4º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1945
4º	Assinaturas da Mariá em turmas do 1º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1946
5º	Assinaturas da Mariá em turmas do 2º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1947
6º	Assinaturas da Mariá em turmas do 3º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1948

7º	Assinaturas da Mariá em turmas do 4º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1949
8º	Assinaturas da Mariá em turmas do 2º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1950
9º	Assinaturas da Mariá em turmas do 1º misto – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1951
10º	Assinaturas da Mariá em turmas do 1º feminino – Ata da Escola Estadual Rocha Cavalcanti (1940-1950)	Acervo da Escola Estadual Rocha Cavalcanti	1952

Por meio do fio estendido nos lugares pelos quais passou Mariá, foram se desvelando os rastros que possibilitaram¹⁶, remontar a trajetória que vai da etapa de formação profissionalizante, até os primeiros anos de exercício do magistério. Assim evidenciaram-se datas importantes, que levaram ao encontro de outras fontes. Após dois anos, foram localizados os escritos publicados entre 1953 e 1959, no Jornal de Alagoas. Como os dicionários biobibliográficos existentes, até o momento, não apontavam dados precisos (BARROS, 2005; SILVA e BOMFIM, 2007), todas as informações sobre a vida da mestra, foram sendo encontradas por meio da comparação de dados soltos, que geravam hipóteses, ora confirmadas, outrora, falseadas. A pesquisa foi sendo direcionada pelo material que, minuciosamente, ia revelando-se. As produções idealizadas eram incertas. Inicialmente o desejo que movimentava os atos, era o de encontrar algo sobre a personagem. Os textos, que variam entre informativos e literários, contam 57 títulos (SILVA, 2020, p. 8): “[...] abordando, entre outros temas: a condição econômica da cidade natal, a conjuntura política do estado, a precariedade das escolas públicas interioranas, as péssi-

¹⁶ Alusão a metáfora formulada por Ginzburg (2007), ao discorrer sobre os fundamentos da micro-história.

mas condições formativas da classe popular e a função do ambiente letrado no processo de formação”. Aos poucos, a história subterrânea de tal vida, ia sendo desvelada. Nos primeiros momentos, a procura parecia pouco rentável. Nem sempre era possível compreender os motivos que levavam a uma investigação desta natureza. O relato de Farge (2009, p. 22, grifo meu) ganhava sentido:

Pode parecer estranho afirmar que as horas passadas na biblioteca consultando o arquivo são horas passadas copiando-o, sem mudar nenhuma palavra. No fim do dia, após esse exercício banal e estranho, muitas vezes se questiona sobre essa ocupação industriosa e obsessiva. **Tempo perdido ou meio utópico de reencontrá-lo, custe o que custar.** Tempo que lembra um pouco os outonos da infância e da escola primária, passados entre folhas mortas, copiando palavras ou ditados que o professor julgava na mesma manhã como extremamente mal feitos.

Os desafios e tentativas sem sucesso, quase culminavam no abandono da busca. Mas algo parecia tornar acreditável que a escrita dessa vida era emergente. Ela levava ao encontro com o tempo para o qual a personagem redigira textos, atrelando-se ao presente. Mariá fora palmarina. Buscou a formação como maneira de libertar-se: do estigma, da subordinação. Falar sobre ela era como dizer do meu trajeto: “Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao *complexo* de uma fabricação específica e coletiva do que ao estudo de efeitos de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma ‘realidade’ passada: É o *produto* de um *lugar*” (CERTEAU, 2017, p. 57). Um lugar que fabricara mulheres impedidas de *Ser*. Ora pela condição de pobreza, comum entre a maioria: interioranas. Outrora, pela profissão mal remunerada: docência.

Para falar sobre a mestra, era preciso, antes, senti-la, respeitando as limitações disso: “[...] a pesquisa está circunscrita pelo lugar que define uma conexão do possível e do impossível” (CERTEAU, 2017, p. 63). Esse é o desafio, comum, na escrita autobiográfica: “É preciso, antes de tudo, cultivar um olhar sobre si, um modo diferenciado de enxergar o outro e o mundo, numa postura que se constrói advinda de um processo gradual de autodescoberta” (SÁ, 2019, p. 20). A escrita, nessa perspectiva, sustenta-se em uma relação de reciprocidade entre quem escreve e quem é escrito. Por esse motivo é micro e indiciária, como *Sá* afirmara ser a produção de biografias: “[...] ilustra essa maneira de ver como o olhar de um detetive apaixonado pela investigação, um olhar curioso e sempre disposto a penetrar nas frestas do cotidiano, a buscar as sombras” (Idem). Essa dimensão cognoscitiva era sugerida por Ginzburg (2007, p. 265), como princípio da micro-história: “Os obstáculos postos à pesquisa eram elementos constitutivos da documentação, logo deviam tornar-se parte do relato; assim como as hesitações e os silêncios do protagonista diante das perguntas dos seus perseguidores – ou das minhas”.

Diferente da teorização de *Stewart*, que, de acordo com o supracitado autor, “[...] desemboca numa reflexão sobre o **nariz de Cleópatra**” (GINZBURG, 2007, p. 251, grifo meu), por enfatizar nos vencedores, defende-se, na perspectiva adotada, o oposto¹⁷. O olhar aos vencidos. Por meio do moleiro *Menocchio*, é possível perceber a tentativa de resgate a sabedoria popular (GINZBURG, 2006), com suas filosofias. Tentativa semelhante fizera *Guimarães Rosa*, por meio do narrador personagem vivificado em *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 2019). Mas a influência literária dessa pers-

¹⁷ A obra **O queijo e os vermes** (GINZBURG, 2006), mostra-se como exemplificação dessa tentativa.

pectiva deriva de escrito russo: “[...] de *Guerra e paz*, da convicção expressa por Tolstói de que um fenômeno histórico só pode se tornar compreensível por meio da reconstrução da atividade de *todas* as pessoas que dele participaram” (GINZBURG, 2007, p. 266). Provavelmente por tal motivo, “[...] muitos historiadores que aderem a micro-história têm-se envolvido em contínuos intercâmbios com as ciências sociais (LEVI, 2011, p. 135). As produções reafirmam, sobretudo, o compromisso com as **margens humanas**. Iluminam o que estivera distante da luz. A redução da escala e o investimento nos detalhes, favorecera a percepção do que jamais seria notado na universalidade dos dias (a)típicos. Uma das maneiras de buscar proximidade com mulheres professoras, apagadas da memória social.

Das fontes à construção historiográfico-educacional

Os fatos foram encaminhando ao debate sobre as formas de poder produzidas no inconsciente social. Poder simbolizado pelo tratamento à história feminina: “[...] os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)” (BOURDIEU, 1989, p. 11). Ele mediara o diálogo entre as instituições e os sujeitos sociais. Fazendo-os maiores ou menores, em organizações hierárquicas. Tornara-se forma de ser de alguns, por permissão de outros: “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 8). Atuara sobre às consciências fragilizadas pelas violências, direcionando os atos dos violadores.

Uma maneira de manutenção de liberdade, concretizara-se, em alguns, a partir do domínio de elementos socialmente valorizados, o conhecimento como um destes. Conhecimento de todas as dimensões. O socialmente valorizado, como é o letrado, e o decorrente da imaginação, do contato com a cultura e a natureza. Estes, ampliaram as oportunidades entre professoras. Em produção instrutiva às mulheres, Luisa Luise (1922, p. 98) afirmara o impacto do conhecimento letrado, no processo de emancipação feminina, dada a possibilidade de ingresso no mundo do trabalho externo ao lar: “Es preciso enseñar a la mujer que debe bastarse a sí misma para lo cual ha de adquirir en la edad adolescente, un instrumento de trabajo”. Defendera a tese de que “[...] toda mujer está, pues, em el deber de elegir una profesión y de perfeccionarse em ella hasta hecerse económicamente independiente” (Idem). Todavia, a independência nem sempre era conquistada por meio do exercício do magistério. Algumas mulheres recorreram a literatura.

A docência sugerira reformulação das relações, mas mantivera sua essência. O poder estatal propagara-se sobre as vidas e os corpos, revestido pela sutileza moderna. Um poder transfigurado, como definira Bourdieu (1989, p. 15): “[...] forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. O poder que atua na dimensão do (in)consciente. A beleza de suas (pa)lavras, pode ser notada no manual destinado a Escolas Primárias maceioenses, quando Elias Sarmiento (1920, p. 43) discorrera sobre a importância do trabalho: “Uma das maiores preocupações do homem deve ser o maio de ganhar a vida, honestamente”. O autor leva a crença de que as pessoas precisam buscar, desde cedo, por atividades profissionais que favoreçam à manutenção, desde que sejam honestas. A contradição aparece, quando este separa, em

palavras, os cargos por classe: “As necessidades imperiosas da manutenção da existência impõem-nos que escolhamos, logo cedo, uma profissão compatível com o nosso estado social, tendo sempre em vista a nossa vocação” (Idem). Com isso, o professor torna acreditável que existem ofícios adequados para cada classe. A intencionalidade liberal das palavras, marginaliza a condição de alguns humanos em função do progresso. Estimulam a formulação de pensamentos individualistas, competitivos, maximizando a subdivisão social entre **Casa-grande & senzala**¹⁸, nunca desfeita. O professorado primário, após feminilizado, passara a localizar-se entre as correntes dos **galpões de porte médio**.

A forma de *ser docente*, foi entrelaçando-se a forma de *ser mulher*. Representação célebre em *dizeres e interdizeres*: “[...] a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado” (CHARTIER, 1988, p. 20). Aos poucos, o conjunto social percebera as categorias como indissociáveis. Maternidade maior: **A mãe do Estado**. Originária do jeitinho brasileiro. Fenômeno que faz recordar a análise de cordialidade, feita por **Sergio Buarque de Holanda** (2014, p. 176):

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e

¹⁸ Título de um clássico da literatura brasileira. Obra criticada por razões diversas, mas que tem, em sua predominância, apresentação contundente da forma de organização do Brasil no processo de colonização Fenômeno que o afeta até os dias atuais. As críticas ao autor são as críticas que precisam ser feitas a sociedade moderna. Crítica as máscaras (FREYRE, 2006).

fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal.

Máscara às violências. É corrupção com afeto. Típico exercício da hipocrisia presente no Brasil. Do conjunto de mães (tias¹⁹), tornara-se possível esperar muito. Delas, passara a depender o futuro da nação. Na escola moderna, precisavam saber o mínimo, suficiente ao ofício. Não deveriam forçarem-se ao exercício do pensamento. Mal possuíam tempo para a evolução intelectual. Nas instituições primárias, orgulhavam-se da expressão de suas técnicas (metodologias) e do seu amor maternal, pedindo a *Deus* força para mantê-lo:

Dame el ser más madre que las madres, para poder amar y defender como ellas lo que no es carne de mis carnes. Dame que alcance a hacer de una de mis niñas mi verso perfecto y a dejarte en ella clavada mi más penetrante melodía, para cuando mis labios no canten más. **Muéstrame posible tu evangelio en mi tiempo, para que no renuncie a la batalla de cada día y de cada hora por él** (MISTRAL, 1919, p. 35, grifo meu).

Não existe aqui, a intencionalidade de proferir críticas a técnica ou ao amor pelo ofício, dado o reconhecimento das suas relevâncias enquanto complementares, mas a de mostrar que isso não basta. Que a sua ênfase excessiva, leva à produção de uma imagem negativa ao magistério: atividade leiga, capaz de ser exercida por qualquer pessoa. Como tal, mantém-no propício a marginalidade. Sugerindo a existência do que denominarei: **Capital Professoral**. A profissão vale aquilo que paga. Move o desejo de comparar as profissões, com o dinheiro, em seus poderes simbolicamente es-

¹⁹ Adjetivo utilizado por estudantes da escola primária ao referirem-se às professoras.

tabelecidos. Um dinheiro produzido pelo que sobra do lucro estatal. Quanto maior a técnica, menor torna-se o salário. Como notável aos que conhecem a obra de Bourdieu (1989), inspiro-me no conceito de Capital Cultural. O ofício reflete o liberalismo. No mais alto nível da pirâmide encontram-se os escritores, no mais baixo, os técnicos.

As mulheres trabalhadoras liberais, continuavam a ser submissas ao patriarcalismo e as implicações do capital. Segundo a lógica discursiva, eram vocacionadas, naturalmente, a servidão. O salário era pouco relevante: complementar às boas remunerações masculinas. Por esse motivo, era aconselhado que as *tias* se mantivessem casadas, dada a impossibilidade de sustento com a renda recebida individualmente, sobretudo entre as professoras de primeiras letras. Faz recordar, novamente, a simbolização do poder: “[...] como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 15). É nessa lógica de repetição, que são forjadas tentativas de verdades: mulheres professoras precisam trabalhar *por* amor, são delicadas *tias*²⁰. Por mais evidente que esteja a marginalização do estado de humanidade, essas colocações podem transformarem-se em norma social. Assim também é normalizado o tratamento à profissão, que, por vezes, pode confundir-se com quaisquer outras atividades não remuneradas. Assim, perdera *valor*. Tonara-se, com o passar dos anos, missão: “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário” (Idem).

²⁰ Paulo Freire criticara essa lógica na obra **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar** (FREIRE, 1997).

Nos registros históricos, raras foram as mestras que criticaram tal lógica. A estas foi dado o tratamento de *herreges*, deslocadas, desviadas, rebeldes. A elas somavam também outros oprimidos. Estes representaram-se por intermédio dos grupos aos quais foram pertencentes. Grupos constituidores de *mentalidades*. Para compreendê-los tornara-se preciso pensar sobre os seus pensamentos. Vivenciaram às dores provocadas pelas agressões simbólicas. Suas ações levaram ao prestígio ou desprestígio histórico. Aí está a arte do trabalho antropológico-históriográfico: “Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo” (GINZBURG, 2007, p. 14). Os arquivos revelam os *(não)lugares* dos que por eles foram preservados. *Maria Mariá* compôs as margens.

Margens humanas. Esta foi a posição de muitas mulheres professoras. A elas proferiam-se pronunciamentos indefinidos: *isto*. Foram mais grupo que individualidades. Foram partes de um todo de ordenação masculina. Desviantes ou cúmplices do *(e)Estado*. Perdiam-se nas multidões: **Sandoval, Mariá, Meireles, Noemy, Armanda, Mistral, Luise, Storni, Carmélia.** Também as renomadas acadêmicas, definidoras de uma ótica perceptiva de análise historiográfica atenta às mulheres: **Michèle Perrot, Arlette Farge, Christiane Klapisch, Mona Ozouf.** As últimas valorizavam manifestações da cultura popular. Viram os múltiplos sons do silêncio. Em suas vidas e escritos, percebe-se que também sentiram o sabor de ocupar **lugares** desconfortantes: partes internas de ostras perlíferas (SILVA, 2020). De origens e classes distintas, suas trajetórias cruzam-se em um mesmo marcador: **gênero**. Algumas renderam-se à necessidade de falar sobre o que Ginzburg denominara *Nariz de*

Cleópatra (GINZBURG, 2007). A estas o liberalismo exaltara. Mesmo colocando-as como **não homens**. Outras precisaram lidar com a desventura de ser como Menocchio: inquietas em pensamentos. Necessitadas de expor ideias divergentes das predominantes. Fizeram-se críticas e pagaram alto preço. Às últimas, muitos dirigiram-se como: **aquilo**. Pronome apropriado ao que se percebe com indiferença. Como nada. Ao que se coisifica. Quando muito, foram produtoras ou objetos na história da historiografia.

Dizer sobre elas é mais que escrever um texto. É mais que fazer ciência. É mais que fazer política. É, antes de tudo, fazer ressurgir vida. Ou, como colocara Rodrigo S. M., trazer à público **um topázio de esplendor**. Trabalha-se com a sensibilidade da alma. Com o invisível. Com os sons do silêncio. Com o mistério. É como repensar a existência, por meio da substituição dos pronomes, mesmo quando os mantemos indefinidos: **Aquela, Aquelas**. Aos poucos torna-se possível o uso de: **Ela** ou **Elas**. Indagação de caso reto. Substituição gramatical que favorece a percepção da pessoa em sua melhor forma de **Ser**.

O caminho de estudo, pesquisa e escrita, até à conclusão do texto, visara trazer a público tal ótica perceptiva. Mostrando, por meio de detalhes, que muito acontece, quando aparentemente não existem indícios de ações. A condição das mestras poderia ter passado por despercebido entre demais fatos de impacto maior. O valor do olhar aos **indícios**, levou a visualizações pouco imagináveis. Isso justifica a escolha do método, bem como do local de pesquisa: **acervos**. Justifica a escolha dos autores que comigo dialogaram. Explica a origem da pergunta que busquei responder neste primeiro momento do texto, em caminho que trilhou do macro ao micro, chegando a personagem principal: **Maria Mariá**.

ENTRE ORIGENS E REDES DE SOCIABILIDADE:

ALFARRÁBIOS DE UMA TRAJETÓRIA

**Intelectualidade é, portanto,
 Um pouco, talvez, de tudo
 Há quem diga que está
 Em cada humano do mundo
 Pode ser até, digamos,
 Parte de todo assunto.
 Das entrelinhas,
 Diz que ali,
 Escondem-se melhores rumos.
 Diz dos ditos e dos não ditos.
 Nos interditos mergulha fundo.
 Encontra críticos impositores
 Diz da justiça na injustiça
 Leva luz, me parece,
 Às retinas fatigadas pelo glaucoma da inconsciência
 É, muitas vezes, reprimida.
 No passado,
 Para alguns,
 Custou até a vida.
 Fez os hereges e as bruxas,
 Fez pessoas oprimidas
 Fez, com o tempo,
 Personagens esquecidas.**

(Hebelyanne Pimentel da Silva)

Maria Mariá, como outras mulheres professoras de épocas distintas espalhadas pelas mais longínquas partes do globo, encontrou na escrita, forma de eternizar pensamentos. Um pensar nem sempre compartilhado. Geralmente solitário, como fora o do moleiro **Menocchio**: “[...]

meu intelecto e memória me faziam saber o que não era necessário” (GINZBURG, 2006, p. 142). A intelectualidade produz a solidão, por decorrer do contato com ela. Por levar ao mais íntimo da dimensão humana. Talvez, não como um fenômeno absolutamente individual, dado o contato profundo com a realidade, e com os que sobre ela pensaram em outrora. Pode-se dizer que é uma espécie de solidão coletiva. Solidão em meio a multidões. É na intimidade com o que si é profundamente, que o encontro com a visualização límpida do real, acontece. O que se entende aqui como intelectualidade, é a expressão da tentativa de compreensão de como se estabelecem as formas de ser e estar, sociais. A intelectualidade é, portanto, uma impulsiva força que move os sujeitos no sentido oposto ao que pode ser definido como comportamento **comum**. Ou melhor, comportamento obediente às estruturas padronizadas. Alguns autores denominam tal fenômeno: **criticidade**. Hannah Arendt (1999) fala sobre o agir coletivamente mecanizado, em julgamento a **Eichmann**, sugerindo o oposto como manifestação de liberdade. Sartre (2015) definira a intelectualidade a partir do engajamento social. Com isso Gramsci (2004, p. 21) concordara, distinguindo duas categorias de intelectuais: **Orgânico** e **Tradicional**. Distribuídos gradualmente: “[...] no mais alto grau, devem ser postos os criadores das várias ciências, da filosofia, da arte, etc.; no mais baixo, os mais modestos ‘administradores’ e divulgadores de riqueza intelectual já existente, tradicional, acumulada”. Mesmo estando em todos os lugares, sendo reconhecidos pela capacidade de engajamento, existem grupos específicos de intelectuais atuantes em espaços da sociedade: “O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora”

(SIRINELLI, 2003, p. 248). Eles podem estar na literatura, no jornalismo, na profissão docente. O que os classifica é a capacidade de engajamento. “O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é dado pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas – que acreditam ser literatos, filósofos, artistas – crêem também ser os ‘verdadeiros’ intelectuais” (GRAMSCI, 2004, p. 53). Para definir-se, é preciso mais que o domínio do conhecimento historicamente acumulado, é preciso mais que o engajamento nas atividades sociais, é preciso mais que o domínio da escrita. Pode-se dizer que a intelectualidade consiste na associação de tudo isso.

Alguns personagens utilizaram-se das suas aptidões para o exercício da justiça, outros da injustiça. De acordo com Jean-François Sirinelli (2003, p. 234), é uma historiografia que “[...] empreendida pela via indireta da história dos engajamentos individuais, ela se situa – duplo efeito! – no cruzamento da biografia e do político”. Fazendo movimentos escriturários que interagem entre micro e macro, em ótica analítica. Interagindo com a perspectiva metodológica da **Nova História**, marcada pela sua multiplicidade, os estudos sobre trajetórias de pessoas consideradas intelectuais, interage com diferentes campos: “[...] tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2013, p. 232). A concretização de trabalhos bem sucedidos na área, evidencia-se em recentes obras. Algumas inusitadas, como é o caso do estudo sobre **Lima Barreto** (SCHWARZ, 2017). Ainda de acordo com Sirinelli (2013, p. 235), “[...] a historiografia recente experimentou um entusiasmo pelas ‘massas’, às quais os intelectuais não podiam pertencer devido a seu número reduzido, mas também pelo fato de pertencerem às ‘élites’, por muito tempo purgató-

rio dos subobjetos da história”. Com o advento de personagens públicos, com vidas periféricas com ideais e ideais incomuns e influentes, tornou-se possível notar que a manifestação da intelectualidade não acontece apenas entre membros da elite dirigente. **Graciliano Ramos**, com vida marcada pela pobreza, pertencera ao grupo de intelectuais (MORAES, 2012; RAMOS, 2011). Assim como **Rosália Sandoval** (SILVA e MADEIRA, 2019). Ambos, literatos atuantes em Alagoas. A última, professora. Tornaram-se intelectuais pelo compartilhamento de ideias influentes.

Os jornais, em alguns casos, foram ambientes férteis para o estabelecimento de relações e manifestações de análise à realidade, provavelmente pela função histórica da imprensa, recordada por **Nelson W. Sodré** (1999). É o espaço da coletividade: “[...] empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2019, p. 140). Já na década de 1930, a *Revista Annales* publicara reivindicações ao uso de tal fonte, mas existem indícios de que **Gilberto Freyre** foi pioneiro nesta utilização (idem).

Na pesquisa, os impressos ocupam lugar de principal fonte, pelo número de textos que Mariá publicara. A análise documental irá considerar a materialidade, em suas condições de preservação e em seus elementos estéticos. Guia-se pela metodologia de caráter indiciário (GINZBURG, 1989), em ótica micro histórica (LEVI, 2011; GINZBURG, 2006, 2007). Intenciona-se localizar a professora no debate intelectual alagoano, partindo-se da problematização: **Como Maria Mariá apresenta-se na interação entre demais redatores da Página dos Municípios do Jornal de Alagoas, durante a década de 1950?** A pergunta direciona o olhar para diferentes dimensões, entre as quais pode-se colocar

a formação da mestra, a condição da imprensa alagoana. A escolha pelo debate local, se deu pela possibilidade que este oferece ao detalhamento das reflexões nacionais e internacionais. O que ocorre por longa data em outros estados (CARVALHO e FILHO, 2007; SCHELBAVER, 2007). Direta ou indiretamente, os jornais dizem da condição educacional e do magistério. Tais dizeres serão pensados, aqui, em seções que dialogam proficuamente, na tentativa de explorar um fragmento da obra e da vida da docente: **Um (não)lugar de fala: sons e silêncios do intelecto**, na qual será discutido o vínculo do currículo com a formação das professoras atuantes no século XX, explicitado por meio da escrita literária, pedagógica e jornalística; **O magistério como escolha ou possibilidade: peculiaridades da década de 1950**, quando discuto elementos do debate educacional da década, à luz dos documentos oficiais, fazendo pensar sobre as experiências do magistério; e **Dos cânones sociais ao intercâmbio intelectual**, momento de exploração a composição das redes de sociabilidade, estabelecidas pela personagem, na *Página dos Municípios* do *Jornal de Alagoas*, abrindo caminhos para a análise dos elementos comuns em sua escritura.

Um (não)lugar de fala: sons e silêncios do intelecto

Em diálogo com o esposo, a personagem denominada **mulher do médico**²¹, na obra **Ensaio sobre a cegueira**, indagara da parte interna do manicômio: “E tu, como queres tu que continue a olhar para estas misérias, tê-las permanentemente diante dos meus olhos, e não mexer um dedo para ajudar” (SARAMAGO, 1995, p. 135). É a mesma pergun-

²¹ O nome dado a personagem, chama a atenção leitora para o modo como a mulher foi colocada: reflexo do homem. O autor desenvolve críticas a submissão feminina durante toda a narrativa distópica.

ta feita por todos os que portam lucidez, diante de realidade socialmente organizada a partir de líderes e subalternos, respectivamente: elite e proletariado. A ausência de lucidez decorre, em muitos casos, da ausência de acesso à formação humanista. Fenômeno comum na escola pública moderna, que passara a resumir o fazer pedagógico, a técnicas de ensino: metodologias (SAVIANI, 2013, 2018). Em metáfora do surto de cegueira, José Saramago (1995, p. 216) fizera pensar sobre o lugar ocupado historicamente pelos predestinados à miséria: “[...] não tardamos a perceber que nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar de nosso, a não ser o que levamos no corpo”. Apenas em eventualidade atípica, com a desestruturação das classes, seria possível que a **margem** mantivesse o privilégio de acesso ao que é usufruído pelo **centro**, como ilustrado por meio do rapazinho estrábico, em momento posterior à quarentena: “Ao rapazinho estrábico basta-lhe a satisfação de levar calçados os sapatos com que sempre sonhou, nem chega para o entristecer o facto de não poder vê-los” (SARAMAGO, 1995, p. 233). Como os bens materiais, o estudo sempre fora, entre os marginais, uma utopia. Apenas por meio dele, as injustiças tornam-se visíveis. Mantendo-o distante dos injustiçados, rebeliões tornam-se pouco prováveis. A negação de acesso aos deserdados, decorre de um projeto pensado desde a colonização. Basta-lhes o mínimo, como recordado por **Antônio Candido** (2011, p. 193): “[...] temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta, e aliás aos próprios bens materiais à sobrevivência”. Para o exercício da democracia defendida pelo liberalismo²², é preciso que

²² Inspirador do *escolanovismo* (TEIXEIRA, 1934; DEWEY, 1979).

todos os cidadãos sejam capazes de perceber o que são e o lugar que ocupam na estrutura organizacional das nações. **Anísio Teixeira** (1934, p. 11) apresentara, em seus escritos, reivindicações a igualdade de direito ao conhecimento: “[...] o direito de cada individuo ás oportunidades necessarias para, na medida de suas forças, se desenvolver plenamente no campo economico ou no campo social”. Segundo sua forma de percepção, “[...] a tradição democratica não só provê ao preparo do individuo, como tal, dando-lhe oportunidades economicas e educativas, como ainda o prepara para a vida social (Idem). A vida social da qual tratara, tinha relação com a técnica, pouco explorada em propostas tradicionais. Inspirara-se nos ideais estadunidenses. **John Dewey** (1979, p. 13-14) sugerira a democracia como modo de vida, concretizado nas escolas, por meio da liberdade de expressão entre discentes. Para ele, tornara-se preciso superar às práticas de adestramento tradicionais. A libertação se fundamentaria nessa tentativa:

A atividade humana modifica-se de análoga maneira. Uma criança que se queimou teme o fogo; se um pai preparasse as coisas de modo que a criança se queimasse cada vez que tocasse em determinado brinquedo, essa criança aprenderia a evitar esse brinquedo tão automaticamente como evitaria o fogo. Estamos, todavia, a tratar do que se pode chamar *adestramento, treino*, para se distinguir do ensino educativo. As mudanças consideradas são mais de atos exteriores do que de disposição mental ou emocional. A distinção não é, contudo, muito grande. No espírito da criança pode gerar-se violenta aversão não só por aquele brinquedo, senão também pelas espécies de brinquedos que se lhe assemelhem. A aversão poderá persistir mesmo depois de esquecidas as primitivas queimaduras; ulte-

riormente poderá chegar mesmo a inventar alguma razão para explicar essa aversão aparentemente desrazoável. Em alguns casos, pois, a modificação dos hábitos exteriores do proceder, por meio de mudança a atividade mental corresponde a essa ação. Isto, entretanto, não acontece sempre; uma pessoa exercitada a desviar-se de um golpe, desvia-se automaticamente sem qualquer correspondente pensamento ou emoção. Precisamos, por isso, descobrir alguma diferença essencial entre o adestramento e a educação (Idem).

A erudição e tudo o que da escola tradicional decorra, passara a receber tratamento negativo. Todavia, com o dualismo educacional, a formação das elites mantivera o caráter humanista clássico, com sua valorização aos bens historicamente acumulados pelo conjunto da humanidade. Ao mesmo tempo, nas escolas públicas, focalizara-se atenção nos métodos antirrepressivos, marginalizando-se os elementos básicos para a formação crítica. **Antonio Gramsci** (2004, p. 33) escrevera, do cárcere italiano, reflexões acerca de tal fenômeno: “A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola ‘desinteressada’ (não imediatamente interessada) e ‘formativa’, ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite”. Elite esta, constituída por pessoas “[...] que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional especializado, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predestinados” (Idem). Os fatos justificam as críticas feitas por tais intelectuais, e a reivindicação deste último por escolas únicas.

O acesso a erudição, defendido pelos que contrapuseram-se ao escolanovismo, decorre da necessidade de

tornar, a todos, acessível a possibilidade de diálogo em nível semelhante: **Consciente**²³. “O *Fausto*, o *Dom Quixote*, *Os Lusíadas*, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos” (CANDIDO, 2011, p. 193). As professoras formadas pela escola tradicional, comentavam suas experiências em escrita literária, pedagógica, jornalística. **Amélia de Freira Beviláqua** (1907, p. 1-2), nos primeiros anos de república, recordara que “[...] poucas escolas públicas existiam, e essas mesmo eram dirigidas muitas vezes por pessoas sem preparo, incompetentes para a missão²⁴ melindrosa de educadores”. Além disso, “[...] nessas escolas o que sobressaía era o rigor; castigos de toda espécie se espalhavam ao ensinando, descendo o mestre a todos os ridículos para humilhar a criança, que era de natureza rude ou vadia”. O estranhamento à escola, era comum entre literatos. **Graciliano Ramos** (2020, p. 9) o fizera transparecer: “A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: Um b com um a – b, a: ba; um b com um e – b, e: be”. E Maria Mariá criticara a estrutura dos ambientes formativos, ao observar a condição da escola **Rocha Cavalcanti**: “[...] temos a triste ideia destes velhos tumulos abandonados que se espalham ao longo dos cemitérios de aldeias. Com a diferença de que estes, ao menos, se retocam para os dias de Finados” (SARMENTO, 1953). Por meio dos textos, intelectuais registravam suas denúncias. Criticavam o método repressor que interferia negativamente em

²³ Entende-se por consciência, o que foi defendido em toda a obra de **Paulo Freire** (2016).

²⁴ Percebe-se como foi sendo cunhada a associação da docência com o fazer missionário.

suas memórias, mas denunciavam, pelo nível de argumentação e escrita, a formação clássica recebida.

O termo “clássico” é utilizado com diferentes acepções. Derivado da palavra “classe”, significou inicialmente “de primeira ordem”, “de primeira classe”. Sua origem estaria na classificação censitária feita pelo rei Sêrvio Túlio, que governou Roma entre 578 e 535 a. C. Na divisão da população de Roma em cinco classes de renda, foram considerados clássicos os cidadãos mais ricos, que, por isso, integravam a primeira classe. Mas já no século II d. C. o gramático latino Aulo Gêlio passou a designar como “clássico” o escritor que, pela correção da linguagem, se constituía em autor de primeira ordem (*classicus scriptor*). A partir daí, se incorporou à noção de “clássico” a ideia de algo que é referência para os demais, que corresponde às regras, que se aproxima da perfeição, que é sóbrio, simples, isento de ornamentações, que é paradigmático, modelar, exemplar (SAVIANI e DUARTE, 2012, p. 30).

A literatura serviu, em alguns momentos históricos, como instrumento de formação. **Raskólnikov**, em seu **Cri-me e castigo**, fizera notável a condição de estudantes pobres (DOSTOIÉVSKI, 2016). Apresentara, para leitores, a dramática vida de quem percebe às formas de injustiça as quais submete-se. Nem todos fizeram o que fez tal jovem. Alguns se pareceram com **Menocchio** (GINZBURG, 2006, p. 179): “[...] um espírito livre e agressivo, decidido a acertar contas com a cultura das classes dominantes”. O segundo era dotado de elementos da cultura popular. As suas reivindicações se davam por meio da palavra. “Menocchio pretendia frisar para os juízes, até o último instante, que seus pensamentos haviam surgido no isolamento, em contato exclusivo com os livros. Contudo, nós já vimos que ele projetava sobre a

página impressa elementos tirados da tradição oral” (GINZBURG, 2006, p. 171). Respondendo ou não com agressividade, os marginais, em alguns casos, continuaram a ocupar o lugar de origem, mesmo quando acessavam ao conhecimento historicamente acumulado. Mantiveram-se receptores de simbólicas agressões. Agressões decorrentes da secular predisposição dos sujeitos, a agrupamentos distintos por acúmulo de bens: **classe**. Desses saíram variações de intelectuais. Alguns públicos, outros atuantes em âmbito privado. Foram som ou silêncio. Marcaram-se pelo tempo e pelos projetos defendidos. Formaram-se, em muitos dos casos, autonomamente, por meio do contato com obras de distintas áreas. Na apresentação do **Livro das Aves**, indicado, nos anos iniciais do século XX, às escolas profissionais brasileiras, a professora mineira **Prisciliana Duarte de Almeida**, evidenciara às leituras que a inspiravam:

De facto, a leitura de **L'Oiseau**, de Michelet, convenceu-me de que um conhecimento profundo da vida dos pássaros constituiria quasi que só por si um verdadeiro compendio de educação moral! Onde mais tocantes exemplos de devotamento e providência na protecção á prole para comover e edificar os futuros chefes de família? Onde encontrar modelos mais perfeitos de abnegação e de heroísmo para fazer comprehender a sublimidade infinita do amor materno? Onde maior estímulo para as artes, para a perseverança no trabalho, para o amor ao ninho pátrio, para o culto da liberdade? (ALMEIDA, 1914, p. 3).

O contato com a filosofia, a história e a literatura, era denunciado pela forma de escrita e pelos autores citados. O mesmo se percebe na produção educacional de **Amélia de Freita Beviláqua**, que vinculara a formação intelectual a evolução do espírito e da moralidade: “Sem uma urbaniza-

ção mental, quero dizer, um certo aprofundamento da organização moral, não se poderá também obter uma intelectualidade muito equilibrada. O espírito precisa ser formado internamente” (BEVILÁQUA, 1907, p. 6). E confessara: “[...] sou dos que pensam que convém preferir uma educação restritiva” (Idem). Com ela a uruguaia **Luisa Luisa** (1922, p. 19) concordara: “Pretender curar por leyes a decretos, males que afctan hondamente a la naturaleza humana, es tarea vana”. Para ela, “[...] sólo un carácter elevado, una conciencia escrupulosa y un alto concepto del deber pueden en la vida privada como en la vida pública, asegurar un porvenir feliz y grande a la humanidad entera” (Idem). **Cecília Meireles** sugerira a formação literária, desde à infância, afirmando ser possível, por meio desta, elevar o espírito humano. Inspirara-se em literatos da antiguidade grega: “Homero é a rapsódia grega, é a concentração de tudo que o povo sonhou, imaginou, viveu, transformando em narrativa tradicional, antes de se converter em poema épico” (MEIRELES, 2016, p. 40). Afirmara que “[...] por esses exemplos vemos como, depois de terem exercido sua função civilizadora, por via oral, essas experiências da humanidade se convertem em obras eternas, quando servidas por um estilo que as immortalize” (Idem). Dialogara, visivelmente, com ideais **frankfurtianos**²⁵. Fora duramente criticada em períodos repressores, pelo culto feito à liberdade de expressão.

O magistério como escolha ou possibilidade: peculiaridades da década de 1950

Na coluna **Minha Palmatória: contos aos meus alunos**, a professora cearense **Anna Facó**, espalhará li-

²⁵ Os textos de Meireles fazem recordar os escritos dos autores da **Escola de Frankfurt**. Todos inspiravam-se em **Friedrich Nietzsche** (2009).

ções de bom comportamento aos estudantes das escolas primárias cearenses, parecendo tentar estimular as possibilidades de formação pelo diálogo. Criticara, sutilmente, os métodos repressivos. Alertara, por meio de um diálogo fictício no qual simulara a recepção a uma criança no primeiro dia de aula, sobre os equívocos presentes em julgamentos docentes: “Como se chama você?/- Julinha/- De quem é filha?/ Do papai/Quem é ele?/- O papai. A professora riu-se, beijou-a de novo e disse consigo: – Esta vem, por em quanto, habituar-se á vida escolar e nada mais” (FACÓ, 1907). Tudo levava ao prestígio da professora entre estudantes e colegas de trabalho: “Hoje, data de seu aniversário natalino, recebeu a Exme. Sra. D. Anna Facó, propecta directora do Grupo Escolar, a mais significativa manifestação por parte das professoras e alumnas do mesmo Grupo” (SALÃO..., 1908). Em 7 de fevereiro de 1908, o **Jornal do Ceará** anunciava as aulas ofertadas por **Anna Bilhar**, no Collegio Nossa Senhora de Lourdes: “[...] leccionará no mesmo estabelecimento de ensino a alunas externas, mediante convenção prévia, as seguintes matérias: Frances e inglês, literatura, sciencias naturais, physica e chimica” (BILHAR, 1908). Evidenciava-se o currículo do ensino secundário. Os estudantes mantinham formação política. Organizavam-se em grêmios para reivindicar direitos seus e de outros, como pode ser percebido por meio das ações dos estudantes secundaristas do grupo ginasial Santa Maria Madalena, quando se contrapuseram a decisão resultante no exílio da professora Maria Mariá. Os feitos eram anunciados no **Jornal de Alagoas**, em 19 de abril de 1956: “[...] os estudantes de União dos Palmares mesmo ao saírem do Palácio dos Martírios, ainda se manifestaram firmes na greve que desde sexta-feira última iniciaram em favor da sua professora” (GINASIANOS..., 1956). Além dos estudantes, a equipe docente mostrara-se sensível a condi-

ção mestra: “[...] diversas outras professoras solidárias com a srta. Maria Mariá Sarmiento, também deixaram de ensinar no ginásio, o qual ficaria conseqüentemente incapacitado de continuar funcionando” (Idem). A atividade jornalística somada às ações atípicas na docência, seja pelo feminismo, seja pela metodologia moderna, ou até mesmo pelo autodidatismo, retiravam Mariá do anonimato. Tornavam-na uma entre as demais professoras com trajetória acompanhada pela imprensa. Como recordado por Silva (2020), os seus escritos no **Jornal de Alagoas**, apenas na década de 1950, contavam 57 títulos, e a titulavam, aos poucos, como jornalista. Suas prosas, desde os títulos (Quadro 1), dialogavam com o tempo de escrita e com a contemporaneidade. A **Página dos Municípios** a preservava, intencionalmente ou não, como personalidade a ser lembrada em vida e após a morte.

Quadro 1 – Uma década de PROSA

Um fazer-se docente			
1º	Decadencia	20-9-1953	Domingo
2º	Um velho tema: brasileiro sarmiento	29-9-1953	Domingo
3º	Uma iniciativa louvavel	4-10-1953	Domingo
4º	Um júri que apaixonou a opinião pública	18-10-1953	Domingo
5º	A Casa do Pobre	25-10-1953	Domingo
6º	Um apelo à saúde pública	8-11-1953	Domingo
7º	Um julgamento rumoroso	7-2-1954	Domingo
8º	Muito grata, Snrs. Candidatos	21-2-1954	Domingo
9º	Recado para João Yôyô filho	16-5-1954	Domingo
10º	Herança de Primo Pobre	23-5-1954	Domingo
11º	Tourada	30-5-1954	Domingo
12º	Mendicancia, um flagelo	6-6-1954	Domingo
13º	Valores palmarinos	20-6-1954	Domingo
14º	Assistencia ao homem do campo	27-6-1954	Domingo
15º	Caipirismo idiota	4-7-1954	Domingo
16º	A mais querida reminiscencia do Natal	13-3-1955	Domingo
17º	S.O.S. ao dep. Antônio Gomes de Barros	20-3-1955	Domingo
18º	União dos Palmares em dois tempos	27-3-1955	Domingo
19º	Descortinando velharias	17-4-1955	Domingo

20º	Queixas e reclamações	15-5-1955	Domingo
21º	Ao Sr. diretor regional dos correios	29-5-1955	Domingo
22º	Ilusões perdidas	12-6-1955	Domingo
23º	Jorge de Lima, um velho tema	19-6-1955	Domingo
24º	Reflexões	3-7-1955	Domingo
25º	Meniagem à Princesa das Matas	30-10-1955	Domingo
26º	Uma Lição de História dos Palmarinos	20-11-1955	Domingo
27º	Monografia do município de Mata Grande	4-12-1955	Domingo
28º	Atualidade Palmarina	11-3-1956	Domingo
29º	Presente, passado e futuro	25-3-1956	Domingo
30º	Notícias Palmarinas	15-7-1956	Domingo
31º	Semana ruralista	29-7-1956	Domingo
32º	Grandes esperanças	5-8-1956	Domingo
33º	Os assuntos dos outros	12-8-1956	Domingo
34º	Retrato do Brasil	26-8-1956	Domingo
35º	Semana Ruralista em Penedo	23-9-1956	Domingo
36º	Resposta a um bilhete - impressões	7-10-1956	Domingo
37º	Sobre Marechal Deodoro	11-10-1956	Domingo
38º	União dos Palmares & Desportos	14-10-1956	Domingo
39º	A respeito de jornais	28-10-1956	Domingo
40º	Atividades ruralistas	4-11-1956	Domingo
41º	Pelo esporte	11-11-1956	Domingo
42º	Uma indústria em foco	18-11-1956	Domingo
43º	Retorno	19-5-1957	Domingo
44º	União dos Palmares	26-5-1957	Domingo
45º	15 de julho	9-6-1957	Domingo
46º	Marechal Deodoro	29-6-1957	Domingo
47º	Paralelos	14-7-1957	Domingo
48º	15 de setembro	7-11-1957	Sábado
49º	Candidatos e primavera	2-9-1958	Domingo
50º	Eleitores e eleições	12-10-1958	Domingo
51º	Palavras aos vereadores palmarinos	19-10-1958	Domingo
52º	Uma embaixada de viçosa	21-11-1958	Domingo
53º	Retorno	15-8-1959	Domingo
54º	Queixas e reclamações	30-8-1959	Domingo
55º	Palavras a um amigo	13-9-1959	Domingo
56º	Apêlo ao nosso povo	27-9-1959	Domingo
57º	À mocidade palmarina	4-10-1959	Domingo

A frequência das publicações, tornam notável a relação do jornalismo com a vida da personagem. A escrita parece ter sido parte dos seus dias comuns. Como mostrado

em quadro, as *prosas* foram apresentadas pelo jornal, semanalmente. A autora mantinha-se em diálogo com os demais redatores, representando União dos Palmares. Os textos eram divulgados aos domingos, com exceção do título **15 de setembro**, que aparecera, inexplicavelmente, no sábado. Neste último, ela afirmara estar voltando a página, após algum tempo de ausência, exatos quatro meses: “O pessoal da terra está sentindo falta da coluna de União dos Palmares nesta ‘Página dos Municípios’. O sumiço é motivado pela velha causa: falta de tempo para escrever” (SARMENTO, 1957b). O texto anunciara o aniversário da **Associação Atlética Palmarina**. Mas nele, Mariá recordara os motivos que a levavam a escrever para jornais: “[...] vamos passar por este planeta fazendo algo que fique como um marco de nossa passagem. Nada melhor, então, do que trabalhar conjuntamente pelo engrandecimento da terra comum” (Idem). Os jornais eram instrumento pedagógico e político, com seus números espalhados pelos diferentes municípios do interior de Alagoas (SARMENTO, 1956, grifos meus):

[...] o “**Ipaneme**”, um grande jornal da progressista Santana do Ipanema, belo recanto do sertão alagoano. Agora, a “**Folha Miguelense**”, notável publicação de São Miguel dos Campos, cidade que conheci de passagem para Penedo e aonde pretendo voltar. Finalmente, aqui está “**O Pindobense**”, órgão que me despertou maior simpatia, não deixando com isto de reconhecer o mérito e de louvar a iniciativa de seus congêneres que me chegaram às mãos.

Outro elemento que cabe colocar, é a evolução do espaço reservado aos escritos municipais, durante a década. No início de 1950, este era denominado **Vida Municipal**: espaço aberto a exposição de reflexões sobre a condição parti-

cular das divisões federativas do estado de Alagoas. Mantinha a mesma disposição estética, mas o número dos textos publicados era menor. A partir de 7 de fevereiro de 1954, passara a intitular-se **Página dos Municípios** e passara a registrar maior número de textos, sempre dispostos na segunda seção do periódico. **Maria Mariá tinha as produções dispostas na lateral esquerda das páginas, ou ao centro. Durante a década, a prosa Monografia do município de Mata Grande**, fora disponibilizada a público em duas datas próximas: 4 de dezembro de 1955 e 11 de dezembro de 1955. O jornal não explica a repetição, apenas apresenta os textos. Pode-se supor que as publicações tenham duas datas, pelo nível de relevância. A segunda versão recebe correção gramatical. **Queixas e Reclamações** é um título repetido em dois momentos, como 20º e 54º publicação, mas os textos discorrem sobre temas distintos. Na prosa **A respeito de jornais**, surgem os indícios de que a professora publicara no jornal **Correio Lajense**, periódico editado em *São José da Laje*: “Começo pela vizinhança, ou seja, o ‘Correio Lajense’, importante órgão editado em São José da Lage e de que sou colaboradora, atendendo a um convite, honroso para mim, de seu diretor-proprietário, snr. Bernardino de Souza Ferreira” (SARMENTO, 1956).

Durante os dez anos, foram percebidos momentos de pausa longos entre uma publicação e outra, entre: **8/11/1953** e **7/2/1954**, **4/7/1954** e **13/3/1955**, **3/7/1955** e **30/10/1956**, **25/3/1956** e **15/7/1956**, **14/7/1957** e **7/11/1957**, **7/11/1957** e **21/11/1957**, **18/11/1956** e **19/5/1957**, **21/11/1958** e **15/8/1959**. Ao voltar dos dois últimos intervalos, publicou, respectivamente, os títulos: **Retorno** e **Retôrno**. Nos dois afirmara apenas ter estado indisposta para o exercício escriturário. Fato curioso no primeiro texto, é a menção que fizera a pessoa homenageada como mãe do ano, na cidade: “[...] snra.

Regina Cordeiro Lins, mãe de 17 filhos e esposa do snr. Francisco de Moraes Lins. Seus filhos são hoje a recompensa os esforços de seus pais. Alguns são formados em Contabilidade, outros estudam engenharia, outros segue a carreira eclesiástica” (SARMENTO, 1957a). Afirma ainda que “[...] os mais moços são ginásianos. **Uma bela prole, portanto, futuramente a serviço da sociedade**” (Idem, grifo meu). O fragmento remete a uma percepção de formação enquanto elemento capaz de elevar a condição econômica dos indivíduos e, conseqüentemente, da família. Faz recordar a reflexão feita por Franz Kafka (2017), ao apresentar atitudes da família de **Gregor Samsa**. Em espaço de mercantilizações, indivíduos tornam-se produtos para compra e venda. Parece irônico, após tal analogia, colocar que **Retrato do Brasil** foi a primeira crônica encontrada, perdida entre os alfarrábios do Arquivo Público de Alagoas (APA). Pois bem, publicado em 26 de agosto de 1956, esse é também o primeiro texto da década de 1950, assinado apenas com os dois primeiros nomes da professora: Maria Mariá. Ele apresentara-se na segunda página do jornal, entre anúncios e publicações de naturezas múltiplas. A mestra fala sobre *Marginalidade*. Do contato com ele nasce a pesquisa e também o sentido dado aos escritos que dela derivam. Um trecho da prosa classificada como crônica, traz à tona o termo **maginar**, expressão coloquial que remete ao uso da imaginação, mas que, no contexto, pode apresentar, também, o sentido de marginalização (SARMENTO, 1956, grifos meus):

Que nos adiantam congressos, convênios, reuniões sobre isto e aquilo, se o nosso caboclo não recebe nenhuma assistência, se os donos da Patria teimam em não tomar conhecimento de suas necessidades? **Melhor fora não tivesse o velho Pedro Alvares Cabral descoberto esta terra**

privilegiada, onde suas riquezas clamam, lá de suas entranhas, por braços fortes, amigos, para que, larga e generosamente, eles sejam recompensados. **Disse o mestre Monteiro Lobato que o Brasil atravessou inúmeras fases de sua controvérsia indiferente**, cigarro de palha no canto da boca, acorçado à soleira do casebre, cuspinhando e “maginando”, maginando”. Se lhe perguntavam por que não consertava o casebre cai-mas-não-cai ou por que não ia trabalhar a terra, ele respondia que não pagava a pena.

Marginalização do estado de humanidade. Termo citado em outro texto (SILVA e MACHADO, 2021), que faz alusão a condição de invisibilização, nas pessoas, da sua possibilidade de *ser*. Que retira de suas vivências o exercício da gentitude. Mariá discorrera sobre tais elementos. O seu fazer-se docente, como mulher interiorana, também leva a reflexões sobre o fenômeno. Desejou *ser mais* do que uma pessoa que passa pelo mundo: “Pensemos na hora presente. Os sucessivos **donos de nossa Pátria**, nos decepcionam tanto e com tal intensidade que **eu continuo sem nenhum entusiasmo de ser uma modéstia cidadã brasileira, contendo-me com a simples condição de palmarina**” (SARMENTO, 1957b, grifo meu). O conhecimento e o domínio da escrita, fez a sua voz ecoar por ambientes inimagináveis. Mariá indiciara, no supracitado trecho, elementos da formação histórica recebida na **Escola Normal**. A percepção de um país descoberto por um grupo de sujeitos que o levaria ao progresso. Um país habitado por preguiçosos que precisavam ser educados por bondosos homens brancos. Seus ditos parecem conservar elementos arcaicos.

Da *Escola Normal*, pela qual fora diplomada, havia saído da primeira turma, **Manoel Balthazar Pereira Dié-gues**, cuja fama espalhou-se por meio da atuação do seu fi-

lho, **Manoel Balthazar Pereira Diégues Júnior**. O último atuou como *Diretor da Instrução Pública*, iniciando carreira em 1886, e publicou obras que muito associam-se com as ideias da mestra, a saber: *O Município e a valorização das Atividades Locais* (1954) (BARROS, 2005). Além de obras escolares como: **Compendio de Geografia e Cosmografia** (JUNIOR, 1980). O último, utilizado em aulas primárias do estado, durante os primeiros anos de república. Em dados demográficos de 1944, Manuel Diégues Junior (1944) abordara em resultados de pesquisa, que Alagoas era um estado composto por 33 municípios, contendo um total de 956.628 habitantes. Destes, 60.952 residiam em União dos Palmares. População inferior a existente em Maceió, com 91.358 habitantes. Em expansão, o município interiorano tinha área de 980 km², tamanho superior ao de Maceió, com 367 km². Com quilometragem superior à capital também estavam: Água Branca (1.340 km²), **Anadia** (1.116 km²), **Arapiraca** (414 km²), **Assembleia** (849 km²), **Atalaia** (789 km²), **Colônia-Leopoldina** (412 km²), **Conceição do Paraíba** (518 km²), **Cururipe** (1.039 km²), **Igreja Nova** (749 km²), **Limoeiro de Anadia** (1.361 km²), **Maragogi** (518 km²), **Marechal Floriano** (936 km²), **Mata Grande** (1.678 km²), **Murici** (692 km²), **Palmeira dos Índios** (1.509 km²), **Pão de Açúcar** (1.288 km²), **Passo de Camaragibe** (518 km²), **Penedo** (609 km²), **Plassabussú** (529 km²), **Pôrto Calvo** (743 km²), **Pôrto Real do Colégio** (479 km²), **Quebrangulo** (479 km²), **Santana do Ipanema** (2.1163 km²), **São José da Laje** (557 km²), **São Luiz do Quitunde** (805 km²), **São Miguel dos Campos** (1.428 km²), **Traipú** (2.549 km²). Os menores municípios, no período eram: **Porto de Pedras** (262 km²), **Marechal Deodoro** (268 km²) e **Rio Largo** (337 km²). No que diz respeito a educação, em 1942, União dos Palmares abrigava 27 Estabelecimentos educacionais primários, destes, 10 eram

estaduais, 15 municipais e dois particulares. Recebia, em média, 1.629 matrículas gerais, 1.324 matrículas efetivadas, 1.034 em frequência média, e 41 conclusões de curso (Idem). O número das pessoas que concluíam a formação era baixo. Nesse contexto, se deu o exercício da docência, pela personagem e a sua atuação no âmbito intelectual, por intermédio do jornal.

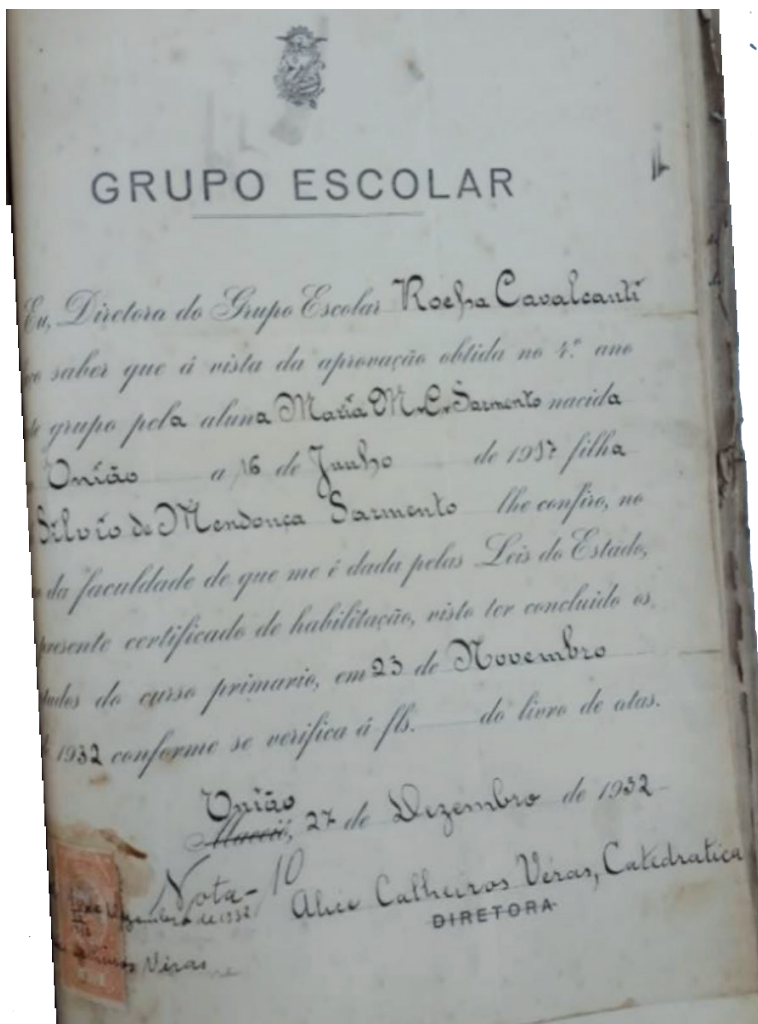
O **Arquivo Público de Alagoas** (APA) preservou o registro de matrícula, da professora na Escola Normal de Maceió. Nele é possível notar a idade de ingresso da docente no curso, com data exata: 16 de fevereiro de 1933 (Imagem 1). Além da certidão de conclusão do curso primário no grupo escolar Rocha Cavalcanti, com pontuação máxima, datada de 23 de novembro de 1932 (Imagem 2). Um outro documento que reflete o tempo de escolarização da mestra, é o certificado de vacinação contra à varíola, comum entre normalistas da época, pela condição epidêmica (Imagem 3). O jornal *Diário de Notícias* recordara que em 1877 havia chegado à ilha de Guanabara, “[...] duas epidemias, ao mesmo tempo, a da varíola e a da febre amarela, tantas victimas faziam que foi necessario construir-se uma ponte no antigo caés do bairro da Saude, para embarque de cadáveres para a necrópole da praia de S. Christovão” (RESENHA..., 1930). As mortes ainda eram comuns durante a década de 1930, sendo noticiadas em coluna diária no respectivo jornal. Isso justifica a exigência institucional.

Imagem 1: Registro de matrícula na Escola Normal



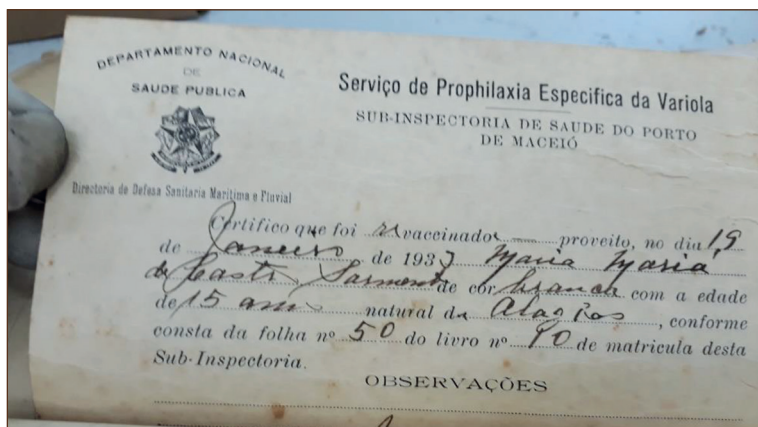
Autor: Escola Normal de Maceió **Ano:** 16/2/1933 **Acervo:** APA (caixa 4785).

Imagem 2: Certificado de conclusão do curso primário no Grupo Escolar Rocha Cavalcanti



Autor: Grupo Escolar Rocha Cavalcanti **Ano:** 27/12/1932 **Acervo:** APA
 (caixa: 4785).

Imagem 3: Certificado de vacinação contra a varíola.



Autor: Escola Normal de Maceió **Ano:** 19/1/1932 **Acervo:** APA (caixa: 4785).

Aos 15 anos, Mariá destinara à vida ao magistério. Moldara, aos poucos, os seus atos às necessidades professorais, em tempos de popularização das ideias escolanovistas. As suas concepções interligam-se as eventualidades renovadoras, ao tempo que preservam crença nas positivas pontuações dos ideais formativos tradicionais. As marcas do contato com clássicos, espalham-se por suas palavras e ações. O desempenho nas instituições educativas pelas quais passou, revela, aos poucos, uma jovem autodidata. Intelectual pela forma e redes de sociabilidade. Pequeno fora o número de moças de origem interiorana, ocupantes de cadeiras na Escola Normal maceioense. O trajeto revela oportunidades conquistadas pela elite, mas as escolhas desvelam identificação com margens.

Dos cânones sociais ao intercâmbio intelectual

Os jornais dispuseram, desde suas criações, enquanto veículos de informação, a condição da sociedade em di-

ferentes tempos (SODRÉ, 1999). Neles tornara-se possível localizar pessoas, lugares, sentimentos. Com eles, aproximávamo-nos do real de outrora. Eles foram modificando propósitos e disposições, com o passar dos anos. Durante o Império, o **Jornal de Alagoas** fora apresentado como propriedade de **Tertulliano T. de Menezes e Silva** (CENAS..., 1953). Dispôs majoritariamente: anúncios comerciais, lições de moralidade, editais. Por longa data não houve uma página destinada à disposição dos interesses e necessidades municipais. Mas, contundentemente, sempre estiveram críticas aos descasos governamentais com a estrutura das províncias afastadas do centro. Em 16 de abril de 1874, anunciava às necessidades públicas:

O estrangeiro ou o filho d'outra província, que aporta a esta cidade, fica, por certo, pasmado ante o desmazelo que encontra em nossas ruas, praças e becos. Não é crível que possa haver uma outra cidade capital de província, no império do Brasil, onde a limpeza publica esteja mais desprezada. Com a actual estação invernososa, sem apossuirmos o menor systema de esgoto, as aguas pluviais estendem-se francamente pelas diversos ruas e travessas, e n'uma velocidade mais ou menos impetuosa, conforme o declive por onde correm, vão arrastando as áreas e outras partes terrosas, formando aqui fossos profundos ali tegos lagos e precintes, adiante contaros de terra solla que obstruem as calçadas lateraes, e n'outro lugar lagoas onde as mesmas aguas stagnão-se, produzindo lamaçais, que são verdadeiras fontes de moléstias pa-ludosas (INEDITORIAES..., 1874, grifos meus).

Cabe destacar que o país se mantinha sob regime escravocrata, mas os jornalistas apontavam apenas os problemas aparentemente estéticos da pacata vida provinciana. O

que pode ser compreensível em um momento que colocava a escravidão como algo comum. O descaso com as cidades, foi mantido durante a república. Agravava-se nos municípios interioranos. Maria Mariá observara a condição das pessoas: “A’s vezes encontro criaturas maltrapilhas, símbolos da decadência humana, chorando pelas esquinas. Pergunto-lhes por que choram. ‘Estou morrendo de fome’ é a resposta categórica” (SARMENTO, 1954). A miséria sempre fora perceptível no Nordeste, e agravava-se com o advento da crise deixada pelo regime ditatorial denominado **Estado Novo** (1937-1946). O **Diário de Notícias**, de 12 de março de 1953, anunciara: “Seres humanos chorando de fome, convencidos da morte próxima” (CENAS..., 1953, p. 2). O ambiente era propício à desumanização. A condição que anteriormente atingira aos sertões, propagara-se por todo o Nordeste: “Em **União dos Palmares**, município vizinho de São José da Laje, não há jeito de chover e a produção de algodão e de cereais se estiola, enquanto não se desenvolve a cana de açúcar” (Idem, grifos meus). As consequências eram lamentadas pela professora:

Sinto uma revolta no amago do meu ser. Penso. Há qualquer coisa errada que não consigo focalizar. De repente, se faz luz em meu cérebro. Lembro-me das milhões que a nação esbanja com suas sinecuras e “mamatas” para que os desprovidos vivam errando pelas ruas a mendigar o que comer (SARMENTO, 1954).

O olhar sensível ao inevidente tornou-se característica comum entre alguns intelectuais. Existe, em **uma década de prosa**, explícita indignação com as injustiças sociais recorrentes. Provavelmente pelo contundente questionamento à realidade díspar, tenha recebido a denominação de **comunista** (SARMENTO, 1958, grifos meus): “E por falar em

eleição, lembrei-me agora que em tempo que não vai longe, alguém me qualificou de política exaltada, **udenista** e até **comunista**. Ela ironizara: “Não sei de quem partiu semelhante idéia, pois, em se tratando desta barafunda, deste organismo complexo que é a política de nossos dias, sou de uma ignorância sem limites, primaria mesmo” (Idem). As suas afirmações contrariam-se, quando postas diante das evidências existentes em outras prosas publicadas, a saber no trecho de um escrito de ano anterior (SARMENTO, 1957b, grifos meus):

Trabalhamos. É verdade, mas sem nenhum estímulo pois, se nossos homens públicos não **se desentendessem com seu primarismo político, talvez todas as comunidades da nação brasileira fossem um mimo de organização.** No entanto, **a discórdia é tamanha que o resultado é este que se vê: de norte a sul e de leste a oeste do país são uns tais de P.T.B., P.S.P., P.S.D, U.D.N, P.S., não sei que e tantas outras combinações alfabéticas fazendo confusão, que a gente conclue daí que os homens querem apenas fazer politicagem e não governar.**

Mostrara-se uma mulher conservadora, em alguns argumentos. A divisão partidária é criticada por ser vista como algo incompatível com a comunhão nacional. O seu pensamento evidencia a análise feita por **Antonio Gramsci** (2004, p. 22), ao intelectual de tipo urbano: “Os intelectuais de tipo urbano cresceram junto com a indústria e são ligados às suas vicissitudes. A sua função pode ser comparada à dos oficiais subalternos no exercício: não possuem nenhuma iniciativa autônoma na elaboração dos planos de construção”, e ainda “[...] elaboram a execução imediata do plano de produção estabelecido pelo estado maior geral, **os intelectuais urbanos são bastante estandardizados;** os

altos intelectuais propriamente dito” (Idem, grifos meus). A classificação pode ser ainda mais assertiva, quando analisado o que ela dissera sobre o apoio aos partidos de parentes: “[...] tenho, por força da lei, de comparecer às urnas, quando o dever me chama. No entanto, faço-o desapaixonadamente, cumprindo uma obrigação apenas e votando naqueles a quem sou ligada pelos laços de parentesco e de amizade” (SARMENTO, 1958). Mariá parece negar a função de todos os anos de reinvidicação por democracia. Negar as lutas sufragistas. Vistos isoladamente, os textos que discorrem sobre política, podem desvelar, para alguns olhares historiográficos, uma mulher pouco interessante. As suas ideias poderiam parecer reprodutivas do senso comum. As impressões seriam agravadas por meio da análise ao que disse- ra de um famoso latifundiário com quem mantivera grau de parentesco: “É sem dúvida, **um dos meus mais notáveis antepassados**. Quando um grupo discute sobre sua personalidade, os ânimos se alteram e eis que surgem os insensatos ridicularizando este venerável palmarino, digno de nosso respeito e gratidão” (SARMENTO, 1953a, grifos meus). **Basiliano Sarmiento**, do qual tratara, fora um palmarino que viveu entre 1846 e 1931 e

[...] se notabilizou por ter sido possuidor de uma das mais solidas e malbaratadas fortunas das Alagoas. E em particular, pelos grandes benefícios que prestou à União dos Palmares. Benefícios estes que os descontentes, os ingratos, não querem reconhecer. A verdade deve ser dita, seja a que preço fôr. Logo, alguns fatos de sua vida têm, forçosamente, de vir a lume, para ver se assim fecham a bôca os mal informados, sempre dispostos a menosprezá-lo, nunca a exaltá-lo. Pondo à parte o nome de família que nos é comum, pretende apenas defender aqui a

memória de um velho matuto, incompreendido e sonhador. Sem saber por onde nem como principiar quero dizer mais ou menos ter sido Basiliano Sarmiento um carvalho gigantesco, à sombra do qual se sentavam muitas gerações palmarinas (Idem).

Basiliano foi um personagem que construiu fortunas, em União dos Palmares, por meio do empréstimo de dinheiro a juros, às pessoas desvalidas, durante as décadas iniciais do século XX. Período de assolante miséria (CENAS..., 1953). As suas ações assemelhavam-se as comumente percebidas no período imperial. Reproduzia, durante a república, a monarquia. Mesmo com os feitos, a sua atuação favorecera muitos palmarinos. Ele fora um organizador de bens. Não era bem visto por parcela da população: “[...] **os despeitados chamam ‘usurpador de terras alheias’**. Os não usurpadores de terras alheias de nossos dias que lancem a primeira pedra...” (SARMENTO, 1953a, grifos meus). O personagem apoderara-se de muitas terras alheias, de fato. O município se constituíra a partir da herança por ele deixada ao Estado.

Eleito varias vezes, de suas sucessivas gerações, estão aqui. Provas incontestáveis: deu-nos o Cemitério Público, o Mercado municipal, a ponte sobre o Mundaú, não sei por quê, denominada “Rocha Cavalcanti”, os começos de nossa igreja Matriz; doou ao Estado uma Estação Experimental de Plantas Texteis onde se lia outrora em seu portão de entrada: Estação Experimental Basiliano Sarmiento”; lançou em algumas ruas os primeiros calçamentos, embora em pedra bruta (Idem).

Ele era admirado porque, segundo sua percepção, não se deixava corromper. Atuara de modo independente. Implícita está a evidencia de seu pensamento. Criticara **Jor-**

ge de Lima por ser, segundo sua forma de análise, o oposto do que fora Basiliano (SILVA, 2020). O poeta era, para ela, apenas um servo dos interesses da elite: “[...] em seu cérebro privilegiado talvez por causa dessa profusão de conhecimentos, jamais sobrou lugar para um pensamento dedicado à sua terra natal. Em sua vida tanto se lhe dava que União dos Palmares levasse ou não à breca” (SARMENTO, 1954a). As suas colocações eram criticadas pelo repórter **Luiz Gutemberg** (SILVA, 2020). “Na escrita e comentários, percebe-se não apenas a impressão que ela tinha das ações do *vate*, mas sobretudo, de membros da intelectualidade. Estes precisavam estar engajados na solução dos problemas do povo” (Idem). Precisavam ser coerentes e justos. A possibilidade de proferir críticas a figuras de alto renome, se dá pelo lugar social. A mestra apresentara parentesco com membro da elite épica. Além da família *Sarmento*, pertencera aos *Castro*. Este último, por decorrência materna. Indícios da sua formação podem ser notados quando discorre sobre recordações de **Tertuliano de Castro**: “Declamava os “Lusiadas” da primeira à última estrofe. E eu, na ignorância de meus oito anos, dizia às companheiras de grupo escolar: ‘Tio Tertuliano sabe uma reza danada de grande’. Morreu quando eu era criança ainda” (SARMENTO, 1954b). Literato que pode ter inspirado a escrita de suas **crônicas**.

Após períodos de pausa nos jornais, Mariá agradecia às pessoas que sobre ela escreviam. Em 19 de maio de 1957, respondera ao texto de **Moacir Ribeiro**, redator de Marechal Deodoro (SARMENTO, 1957a): “[...] com bondosas palavras falou do meu retorno à nossa estimada “Página”. Sim, me amigo, voltei ao nosso cantinho do ‘associado’, não com o brilhantismo com que me distingui, porém, aqui estou, firme, inabalável, alheia às questões políticas”. É possível que a ressalva constante à ausência de envolvimento políti-

co, tenha mantido a intencionalidade de afasta-la de crítica feitas dos parentes públicos, atuantes na época de escrita. Afirmara estar “[...] disposta sempre a falar sobre o que aqui se desenrolar, dêa a quem doer, fira a quem ferir” (Idem). A coragem de fala e de escrita a aproxima do universo intelectual crítico. De algum modo, não fora apenas uma intelectual de tipo urbano. Transgrediu os cânones postos ao gênero e a origem interiorana, ao utilizar-se da escrita para expor opiniões, reflexões e denúncias.

A formação de normalista, aparece nas evidências dos clássicos citados em escritura. Na predisposição culta da linguagem. Notórios são os traços do tempo, com a contraposição às regras de ambientes repressivos, por aversão ao regime do *Estado Novo*. Ao tempo que se mostram evidenciadas as afinidades com a renovação educacional, provocada pelo advento do escolanovismo. Como **Menochio** ou **Raskólnikov**, houve o estabelecimento de um lugar de fala que poderia lhe ser negado como mulher. Fizera escolhas semelhantes às de **Eichmann**, quando se aproximara das normalidades. Porém, no decorrer da década, os textos revelaram um amadurecimento capaz de resultar em novos olhares aos fatos e as pessoas que ocupam posição de poder. Contrapusera a hipocrisia intelectual, e com isso fez pensar sobre a função da formação na modernidade. Tornou-se capaz de olhar as entrelinhas e por elas seguiu rumos impensáveis. Caminhou pelos interditos. Foi silenciada em vida e em morte pela tentativa inconsequente, comum entre intelectuais críticos, de levar luz às retinas fatigadas pelo glaucoma da inconsciência. Foi reprimida. Portadora da **marginalização do estado de humanidade**. Desse lugar percebeu melhor os silêncios e os silenciados. No tempo de fala, não perdeu a vida pelas colocações feitas. Mas precisou aprender a conviver com o que Rosália Sandoval (1927) denomi-

nara: **Traças humanas**. Morreu um pouco por dia. Morte provocada pelo destino carregado. Diferente do passado, não lhe denominaram **herege** ou **bruxa**, mas **comunista**.

Mariá localizara-se como uma das poucas mulheres redatoras da Página dos Municípios do **Jornal de Alagoas**. Representara a voz palmarina. Fora notada positivamente entre colegas como **Moacir Ribeiro**, e criticada por **Luiz Gutemberg**. Inspirara intelectuais que escreveram sobre município distintos, inclusive em projetos educacionais, como é o caso da Fundação de Bibliotecas. Os feitos possibilitaram visibilidade local, nacional e até internacional. Os laços relacionais estabeleceram-se por meio de palavra escrita. Pode-se dizer que o conhecimento a fez viver com maior liberdade e com menor passividade. A trajetória da mestra, confirma as hipóteses de **Antonio Candido**, quando este reflete sobre o poder da literatura. Ela experienciara, e por tal motivo expusera, à relevância da leitura de boa qualidade, portanto, do humanismo, na construção de pensamentos livres. A Escola Normal, com o apoio dos clássicos, a preparara para as vivências em ambiente demarcado pela necessidade de domínio dos saberes historicamente acumulados pelo conjunto da humanidade.

MAGISTÉRIO E JORNALISMO NA TRAJETÓRIA DE MARIA MARIÁ: INDÍCIOS DE UMA ESCOLA DE PROSAS

Estranho, Extraño, Weird
Bizarro, Strano, Seltsam
CTpaHHo
Seres desabrigados
Padecidos de mal estar
Pacatos
Oprimidos
(não)localizados

(Hebelyanne Pimentel da Silva)

N o **Diário de Notícias** de 19 de novembro de 1948, anunciava-se às atitudes silenciosas de **Franz Kafka**, diante de questionamentos feitos as suas obras: “Tão grande é a força do silêncio. Fôrça que, no palavreado e barulho de nossa época, esquecemos por demais” (O SILÊNCIO..., 1948). Kafka fora um escritor como muitos outros: sereno e assertivo em (pa)lavras. Frio e sensível as inevidências. Uma contradição em si mesmo. Já recordara **Graciliano Ramos** (1937/2005, p. 142): “Quem imagina que um escritor é capaz de rebentar caras, meter-se em espalhafatos, nunca viu de perto um desses homens. São as criaturas mais pacatas do mundo”. É o tipo de “[...] sujeito que se habitua a compor livros, compõe livros – e não passa daí. Diante do papel é tudo: pinta o sete, mata, esfola. Tirem-lhe a pena e o tinteiro – desarmam-no” (Idem). É provável que, como es-

tes, tenham sido alguns jornalistas alagoanos. A pacata vida provinciana os fizera refugiarem-se em jornais. Lá espalhavam escritos dos mais distintos gêneros. Deles e de pessoas que sobre eles escreviam. Diziam dos dias comuns: “Num desses momentos é que visitei a pequena estante de meus antigos livros didacticos, esquecidos de há muito, como os sapatos que atiramos a um canto, com a intenção de usá-los alguma vez em que noite invernosa” (SANDOVAL, 1927). Os livros, independente do gênero, eram companheiros. Alguns estudiosos, bem como estudiosas, viram nos livros modos de perceber mais amplamente o passado: “Julgamos o livro didático elemento preciso no estudo da evolução histórica do ensino em geral. O livro marca, realmente, cada época, cada reação às reformas, às ideologias em seu aspecto material e conseqüentemente batalha competitiva dos seus produtores” (VILELA, 1982, p. 93). Foram produzidos e estudados por professoras, eram instrumentos formativos que, em alguns casos, passaram a secundarizarem-se diante das demais necessidades postas pela escola moderna: “Em primeiro lugar, há que compreender essa palavra “formação”, em toda a sua amplitude. Formação cultural, formação técnica, – mas, acima de tudo, – formação da personalidade, constituição do caráter” (MEIRELES, 1930b, p. 163). Com a ansiedade democrática republicana, as atitudes professorais do império eram repudiadas, dando espaço ao novo mestre, ou melhor, novas mestras, dada a feminização da categoria: “Professor que não aparece diante de seus alunos com uma auréola de pureza e respeito perenemente luminosa não deve ter a esperança de influir beneficemente no seu destino” (Idem). O professor que oprimia, humilhava e batia, não era mais visto de bom modo. Os antigos discípulos questionavam o caráter das práticas de outrora. O jornal do Ceará já apresentava, na década de 1900, colunas com o

título **Minha Palmatória**, com à sugestão de conscientização por meio de pequenos contos ou fábulas. Sempre finalizadas com lições moralizadoras: “O menino apressava o passo fazendo ouvidos de mercador, mas dahi em diante foi sempre assíduo á escola, não chorava por qualquer bagatela, e se rara vez fazia, levava as mãos ás orelhas a verificar se estavam crescendo” (FACÓ, 1907a). Tentava-se mostrar, pelo exemplo, a importância dos bons comportamentos. Nos propósitos da página, estava explícita a nova atribuição dada às pessoas dispostas ao exercício da docência. Atribuição defendida, anos mais tarde, pelos assinantes do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**: “Esta realidade exige, antes de tudo, um espírito vivo, de criação contínua; uma sensibilidade especial; uma emoção sempre nova...” (MEIRELES, 1930a, p. 158). E repensada pelo **Manifesto dos Educadores** (AZEVEDO, 1959).

No cenário de reformulações de ideias educacionais, Maria Mariá passou pela Escola Normal maceioense (1932-1935), exerceu a docência e tornou-se representante de União dos Palmares na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**. Neste último ofício, desenvolveu o que pode ser definido como **Escola de Prosas**, pelo caráter pedagógico dos escritos. A partir da percepção, indago finalmente: **Quais às principais ideias e ideais de formação sugeridos por Maria Mariá na Página dos Municípios do Jornal de Alagoas durante o período correspondente entre 1953 e 1959?** O efeito das prosas é decorrente da configuração, ao tempo que pode ter a influenciado: “Somente através de uma longa e difícil moldagem de suas maleáveis funções psíquicas na interação com outras pessoas é que o controle comportamental da pessoa atinge a configuração singular que caracteriza determinada individualidade humana” (ELIAS, 1994, p. 46-47). Mariá foi uma individualidade em

meio à multidão. Moldou-se: “[...] somente através de um processo social de moldagem, no contexto de características sociais específicas, é que a pessoa desenvolve as características e estilos comportamentais que a distingue de todos os demais membros de sua sociedade” (Idem). A proposta de análise sugerida às produções que refletem o pensamento educacional da personagem, se assemelha a de Silva (2014), que falara sobre uma invisível escola formada por meio da atuação de **Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo**. A mulher de vida provincial, aproxima-se de outras em ideias.

Diante dos fatos, o capítulo faz movimento diferente dos anteriores. Nele se faz um movimento que vai do microscópio ao macroscópio: **Das coisas de mulher: entre impressos e impressões** com reflexões acerca da maneira como o magistério interliga-se a formação feminina historicamente estabelecida; **Jornais, livros e arte: propostas de formação**, quando se discorre sobre as propostas de formação apresentadas por meio dos impressos deixados por Maria Mariá na Página dos Municípios do Jornal de Alagoas, indiciando a escola de prosas; **Da busca por pensamentos libertos: utopias e possibilidades** faz pensar sobre a interferência das prosas publicadas por Maria Mariá, na formulação de pessoas conscientes da realidade nacional.

Das coisas de mulher: entre impressos e impressões

Anna Bilhar mantivera, no **Jornal do Ceará**, em 6 de fevereiro de 1908, anuncios com as disciplinas ofertadas pela escola que dirigira, “[...] madame Bilhar leccionará no mesmo estabelecimento de ensino a alumnas externas, mediante convenção prévia, as seguintes matérias: **Francez e inglez, literatura, ciencias naturais, physica e chimica**”

(BILHAR, 1908a, grifo meu). A predisposição clássica se mostrara frequente na proposta curricular. Durante o império, no **Jornal de Alagoas**, também eram comuns os anúncios das aulas particulares ofertadas, sobretudo em residências, com suas especificidades: “O professor Pindahiba lecciona em sua residência das 3 às 6 horas da tarde mediante modica gratificação, as seguintes matérias: grammatica nacional e **analyse dos clássicos** (estudo completo), arithmetica até proporções” (INSTRUÇÃO..., 1877, grifo meu). Estudava-se profundamente a literatura de reconhecimento universal, além das especificidades das ciências exatas e humanas atualizadas: “[...] o novo systema de pesos e medidas (explicado á comprehensão de todos), noções geraes de geografia e historia, ditas de historia do Brasil, geometria plana e todas as matérias que constituem o ensino elementar” (Idem). Peculiarmente, no Império, esteve a **analyse dos clássicos**. Os saberes que autores como Antônio Candido (2011) continuaram a defender, por longa data, permaneciam explicitados nas escolas republicanas, inclusive na formação de professores (VILELA, 1982). Mesmo quando alguns intelectuais já defendiam a simplificação da proposta curricular (DEWEY, 1979, p. 22): “À proporção que uma sociedade se torna mais esclarecida, ela compreende que importa não transmitir e conservar todas as suas realizações, e sim unicamente as que importam para uma sociedade futura mais perfeita”. Partindo-se do pressuposto de que se executava na escola tradicional “[...] uma teoria que nega a existência das faculdades e exagera o papel exclusivo da matéria de estudo para o desenvolvimento mental e moral” (DEWEY, 1979, p. 5).

Algumas escolas passavam a ser definidas como lares, pelo que se percebe no discurso de **Armanda Álvaro Alberto** (2016, p. 47), quando esta apresenta a *Escola de Muriti*: “Não tendo sob os olhos nenhum modelo a seguir, foi

inaugurada em 13 de fevereiro de 1921, sem um só programa escrito; tomou desde o começo, no entanto, a feição de um lar-escola, embora externato, com número limitado de alunos”. A mestra torna perceptível a classe para a qual era dirigido tal modelo de escola:

A Escola Regional de Muriti tem por máxima aspiração ser reproduzida em todo o país. Que os fazendeiros, os industriais, os capitalistas fundem escolas para os filhos dos seus colonos, sitiante, operários, empregados. Peçam aos poderes públicos ou aos centros de educação, como a Associação Brasileira de Educação, os programas, mesmo as professoras, mediante entendimento com o governo” (ALBERTO, 2016, p. 53).

Modelo escolar apropriado às crianças pobres. Não se pode desconsiderar a contribuição dada pelos movimentos republicanos a educação dos desvalidos, como recordara Amélia de Freitas Beviláqua (1907, p. 1): “O progresso sobre esse ponto, na constante evolução do tma conquista empo, tem conseguido muito. Outrora não era comum aos pobres saberem ler”. No entanto, a instrução destes se constituía como elementar. Focalizara na codificação e decodificação. Enquanto isso, à elite, era destinado o ensino de caráter humanista. Formulavam-se inocentes e quase imperceptíveis, lacunas nas reflexões e reivindicações sobre os direitos humanos. O fenômeno era observado por Antônio Candido (2011, p. 174), anos mais tarde: “[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual”. Os direitos pareciam ter classe. Alguns para pobres, outros para ricos:

[...] as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante (Idem).

Entre as meninas, moças e mulheres, por longa data foi negado o direito de ser. Uma conquista importante a recordar, fora o advento da coeducação, defendida no manifesto de 1932: “A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e **coeducação** são outros tantos princípios em que assenta a escola unificada e que decorrem tanto da subordinação à finalidade biológica da educação de todos os fins particulares e parciais” (AZEVEDO, 2006b, p. 193, grifo meu). Já colocada como necessidade em manuais pedagógicos, elaborados por profissionais da educação, desde os primeiros anos do século XX: “[...] e, mesmo nas classes aristocráticas, muitas vezes somente se cuidava da instrução do menino. As meninas eram preparadas para serem dona de casa, cresciam em geral quase que completamente analfabetas” (BEVILÁQUA, 1907, p. 1). A condição feminina passara a ser tratada como problema a ser ajustado, em ambiente social que se propunha ao exercício da democracia. O manifesto propunha uma escola única para a classe trabalhadora, mas deixara espaço para que a elite mantivesse a proposta curricular desejada. Nesses termos, o conceito de unitária, do manifesto, não correspondeu ao sugerido por **Antonio Gramsci** (2004).

No contexto, Euclides da Cunha era elogiado por Almeida Magalhães (1934), na imprensa carioca, pela predisposição naturalista: “Euclides amou a Natureza para compreender o homem e amal-o, e principalmente amou a natureza brasileira para compreender e amar seus patrios. Esse amor à Natureza, transumanda de toda a sua produção, mesmo de seus trabalhos menores”. Valorizava-se o cuidado com o que era múltiplo nos problemas da sociedade: “Euclides pensou os problemas brasileiros cosmicamente, telluricamente, ecologicamente” (Idem). O mesmo cuidado indiciado nos escritos de Rousseau (1979, p. 15), quando discorrera sobre a educação dada a *Emílio*: “Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar, Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem”. Um humano capaz de viver comunitariamente, “[...] e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar” (Idem). Apelara-se para a formação de pessoas mais justas, honestas, conscientes. Característico de um globo terrestre entristecido pelas tragédias naturais, pelas guerras, pelas epidemias, pela miséria, pelo egocentrismo resultante em ações de injustiça. Mostrava-se emergente a necessidade de pensar sobre o tipo de cidadão que a modernidade desejava formar. A escola tornava-se o espaço apropriado para o depósito de maiores esperanças, por ser “[...] o exemplo típico do meio especialmente preparado para influir na direção mental e moral dos que as frequentam” (DEWEY, 1979, p. 20). Dessa linha de pensamento, decorre a ideia de que a educação, sobretudo a institucionalizada, pode ser capaz de transformar a sociedade. “Etimologicamente, a palavra educação significa exatamente processo de dirigir, de conduzir ou de elevar. Se tivermos em mente

o resultado desse processo, diremos que a educação é uma atividade formadora ou modeladora – isto é, modela os seres” (DEWEY, 1979, p. 11). A modelagem pode levar ao progresso nacional em consequência da elevação ou do declínio da dignidade de quem por ela passa.

No manual **Curso elementar de português em pequenos exercícios práticos**, Rosália Sandoval (1921, p. 6) indicara a sua escolha pedagógica: “[...] definições de diversos autores, procurei simplificar-as, algumas vezes, para torná-las acessíveis às inteligências ainda não desenvolvidas”. O livro circulara nas escolas primárias maceioenses. Formara as crianças desvalidas, filhas da classe operária. Era uma percepção próxima a de **Sampaio Doria** (1923, p. 8). Para este, a formação de professores deveria passar a atentar, sobretudo, aos métodos de ensino: “Sabeis que a efficacia do ensino é, em substancia, uma questão de methodo. Não que se desmereça no valor dos programmas. Elles são projectos humanos de uma obra divina. Mas ficarão letra morta, si não forem executados, como devem”. Buscara-se, durante as primeiras décadas republicanas, a universalização do ensino. Além da superação dos métodos repressivos impostos pela escola tradicional. O clima levava **Cecília Meireles** a defender a reformulação das **Escolas Normais** brasileiras. À guisa de exemplificação, está a crônica publicada em 21 de setembro de 1930, no **Diario de Noticias**:

Aqueles que estão a par do atual movimento pedagógico bem sabem que a Nova Educação, que se vem estabelecendo em todo o mundo moderno, e que entre nós se exprime pela reforma do dr. Fernando de Azevedo, não poderá vir a ser posta em prática eficientemente se, *pari passu*, não for acompanhada da necessidade de transformação da Escola Normal, permitindo a

formação adequada de professores para o novo regime” (MEIRELES, 1930c/2001, p. 169).

Alto era o número de resistentes as ideias renovadoras, nas Escolas Normais. De acordo com a literata, elas pareciam “[...] **vir a abrigar no seu solene recinto todos os adversários da Escola Nova** (Idem, grifo meu). O apelo ao método decorre da crítica a formação de predisposição tradicional, na qual eram focalizadas teorizações que pouco faziam-se compreendidas diante das necessidades práticas frequentemente apresentadas após os cursos profissionalizantes: “Depois de tanto trabalho, terão de fazer por si mesmos, e com enorme esforço, agulhoadas pela pressa de quem já está no quadro do magistério, toda a cultura técnica que ninguém pensou ou lhes pôde fornecer no momento devido” (MEIRELES, 1930a/2001, p. 159). A autora de Espectros (MEIRELES, 2013) parece contraditória ao dizer que os livros pouco ou nada colaboravam com a formação docente: “Em vão leram livros copiosos, beberam a caudalosa erudição dos catedráticos imponentes, como oradores parlamentares, fizeram provas escritas de inúmeras laudas, com letra miúda... Palavras, palavras, palavras que o vento levou...” (Idem). Ela que tanto utilizou-se do conhecimento letrado para a produção de obras literárias e pedagógicas. Algumas das mulheres que criticaram a formação culta, expuseram, por vários meios, a ligação do que liam com o que escreviam.

Sandoval discorrera, em outubro de 1927, no periódico **Vida Domestica: revista do lar e da mulher**, sobre os seus mais fieis companheiros: “Há tempos não visitava uns antigos companheiros – os meus velhos livros de estudo. Parece que ás vezes despertamos com vontade de ter saudades. Como que há dentro de nós mesmos uma sede de recordar, de sentir” (SANDOVAL, 1927). Os livros, e, por sua vez, o estudo, parece ter sido parte dos dias das professoras

escritoras. Estes as libertavam do estigma. Levavam-nas a ser mais que mulheres.

Jornais, livros e arte: propostas de formação prosaica

As mulheres que interagiram com os livros, tornaram-se capazes de eternizar as suas indagações. Exercitaram a capacidade e possibilidade de ser. Muitas foram definidas intelectuais. Algumas não ultrapassaram apenas o ultraje, mas a marginalização do estado de humanidade. As negras e pobres, como é o caso de *Sandoval*, conquistaram admiração pública. As interioranas, como **Mariá**, denunciaram o que lhes afetara. Caminharam ao lado da invisibilidade e falaram sobre ela. Utilizaram-se do microscópio adotado por literatos. Falaram sobre os dias comuns. Em alguns casos, pensaram sobre o que os desvalidos haviam pensado. As margens a levaram a percepção do centro. Os laços traçados foram partes do que Norbert Elias (1994, p. 90) denominara configuração.

Como fenômeno social e individual, esse tipo de experiência faz parte da mudança geral em cujo decurso cada vez mais pessoas se desligam das comunidades pequenas, menos diferenciadas e estreitamente ligadas, e se dispersam como que no movimento de um leque se abre, formando as sociedades mais complexas e, por fim, os Estados nacionais em que elas mantêm maior distância pessoal entre si.

Personagens com pensamentos críticos divergentes da coletividade, foram estranhados e estranhadas pela cultura. Uma cultura que buscara padronizar, por longa data, as ações. Os escritos educacionais de Rousseau revelam a

demarcação dos lugares das pessoas: “Na ordem social, em que todos os lugares estão marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se um indivíduo, formado para o seu, dele sai, para nada mais serve. A educação só é útil na medida em que sua carreira acorde com a vocação dos pais” (ROUSSEAU, 1979, p. 15). Implícita está a hierarquização de classe. Com a proposta desse intelectual, seria possível manter as pessoas no lugar e condição de origem. Aos pobres seria destinada, quando muito, a formação técnica, apropriada ao trabalho manual. Aos ricos a instrução culta para o trabalho intelectual. Alegava-se a necessidade de atendimento aos fins da educação: “No Egito, onde o filho era obrigado a abraçar a profissão do pai, a educação tinha, pelo menos, um fim certo” (Idem). Não obstante esteve o pensamento deweyano: “[...] o meio, o ambiente particular em que o indivíduo vive, leva-o a ver e a sentir mais uma coisa do que outra; leva-o a seguir certos planos com o fito de ter bom êxito em suas relações com os outros” (DEWEY, 1979, p. 12). Além disso, “[...] reforça-lhe algumas convicções e enfraquece-lhe outras, como condição para obter a aprovação de outras pessoas. Deste modo, põe-se a adotar gradativamente certo modo de proceder, certas disposições mentais para a ação” (Idem). Assim, as crianças filhas de trabalhadores estariam predispostas ao mesmo destino que demais membros da família. Cabendo a elas o ensino elementar. A educação publicizada, passara a ser denominada democrática. O fenômeno sugerido por **John Dewey**, fora comentado por Anísio Teixeira (1934, p. 11, grifo do autor):

O que os Estados Unidos estão realizando através de sua educação e de suas inúmeras instituições sociais é o alargamento e expansão da vida em todos os sentidos. E’ uma **cultura**, uma cultura material, intellectual, moral e artistica,

de que todos venham a participar, que se está elaborando nessa parte do planeta. Nenhuma face do problema está esquecida, parte alguma do desenvolvimento material da republica ganhou tal hypertrophia que a leve a medrar á custa de sacrificios de valores.

Uma cultura que passara a notar os sujeitos como individualidades. Ao tempo que os mantivera em coletivos apropriados as suas classes originárias. Nisso consiste o princípio da democracia estadunidense: “A democracia americana visa facilitar a necessaria conciliação social, alargando os pontos de interesse commum, expandindo as possibilidades de contacto e integrando, tanto quanto possivel, toda a estructura social” (Idem). Para o exercício da democracia republicana, passara a ser preciso que todos pudessem se tornar proficientes em leitura e escrita, além de executores de boa índole, como grifado por Rousseau (1979, p. 13): “As boas instituições sociais são as que mal* bem sabem desnaturar o homem, tirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe outra relativa e colocar o eu na unidade comum, de modo que cada particular não se acredite mais ser um, que se sinta uma parte”. Enquanto Dewey discorrera sobre a individualidade, o autor de Emílio defendera ações sociais mais coletivas. Para os humanos recém afetados por contexto de guerra, tornara-se preciso atentar as suas subjetividades, portanto, a natureza: “O homem natural é tudo para ele; é a unidade numérica, é o absoluto total, que não tem relação senão consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil não passa de uma unidade fracionária presa ao denominador e cujo valor está em relação com o todo” (Idem). Passara a ser notada a importância de discutir-se caráter.

Entre os periódicos de 1940, Rousseau fora frequentemente definido como inspirador da revolução francesa. Pro-

vavelmente pela atenção dada ao protagonismo do povo nas decisões estatutárias. A democracia presente na sociedade moderna, decorre de interpretações feitas a autores como ele. José A. Rios (1941) analisara que a Revolução Francesa fora “[...] uma consequência lógica do Renascimento. Jean Jacques Rousseau, com seu retorno à natureza, mostra claramente sua filiação aos humanistas que sonhavam a volta ao paganismo”. Os humanos revolucionários tendiam a ser colocados como idealistas, nada mais. Como loucos: “Perdeu-se para sempre aquele senso da realidade que fez a arte grega e o direito romano. Liberdade, igualdade, fraternidade – três abstrações – seriam d’ora em diante os três altares onde se imolariam as massas. O homem da Revolução é um grande idealista”. Para José Brígido (1946),

“Emílio ou d’education” está impregnado do pensamento de Sócrates. Entretanto, Rousseau, dadas as condições da época em que viveu e de outras circunstâncias ponderáveis, fez um sem número de observações próprias, e deu àquela obra uma fisionomia mais universal, porque de maior fundamento pedagógico.

A inspiração em Sócrates evidenciara-se na atenção dada ao alto conhecimento. O humano precisava aprender a viver consigo. Nele, “a formação espiritual mais profunda e mais sólida se origina, sem intuito consciente, da co-participação, por parte dos elementos sociais mais novos, da atividade dos vários grupos a que possa pertencer” (DEWEY, 1979, p. 24). Portanto, “a educação se efetua pela instrução tomada em sentido estritamente literal; é uma edificação feita, de fora para dentro, no espírito. Que a educação seja formadora do espírito, não há nenhuma dúvida; na teoria que propomos, isso já foi afirmado” (Idem). O propósito da escola seria o de mediar esse contato do humano com a sua

natureza. **João Enrique Pestalozzi** era definido no **Diário de Notícias** de 3 de fevereiro de 1946, como alguém que se inspirou em Sócrates e Rousseau, até chegar a uma percepção própria do real: “**Como pedagogo emérito, seguiu, em princípio, as diretrizes de Sócrates e Rousseau**, mas fez obra própria e, entre outros educadores de envergadura, teve em Claparede um batalhador incansável em favor da educação da criança” (BRIGIDO, 1946, grifos meus). A capacidade de elaborar suas próprias ideias, foi um ponto que marcou intelectuais docentes. Alguns foram agredidos física e verbalmente, como é o caso de **Dulcineia Bibiano Costa** (DENUNCIADA..., 1956). Outras foram controladas e julgadas em ambientes privados, como é o caso de Mariá.

Em texto publicado no Jornal de Alagoas, de 15 de agosto de 1959, a professora respondera aos comentários feitos durante o seu tempo ausente da Página dos Municípios: “[...] ainda não “estiquei as canelas” (como certamente pensaram), o que não pretendo tão cedo, nem tão pouco mudei de residência, pois minhas raízes aqui são seculares, de forma que me sinto prêsa a esta terra por muitos e muitos anos” (SARMENTO, 1959a). A reação aos comentários e críticas feitos a sua existência, eram constantes. Mariá fora reprimida pelo Estado, por suas atitudes de rebeldia. Ao mesmo tempo, contou com o apoio público de conterrâneos: “Após vários meses de ausência, União dos Palmares volta novamente a ocupar seu lugarzinho em nossa ‘Página’. Foram os colegas **Rubens, José Branco, Hélio Teixeira** e outros que me trouxeram de volta ao nosso colóquio domingueiro” (Idem, grifos meus). Além dos supracitados amigos, ela falara sobre outros jornalistas com os quais dialogara, em texto divulgado em mês seguinte: “[...] quero agradecer ao ilustre confrade **Luiz Silva Melo**, de Rio Largo, as elogiosas palavras a minha pessoa” (SARMENTO, 1959b, grifos meus).

Os homens eram predominantes em suas redes de sociabilidade, provavelmente por ser a imprensa um espaço majoritariamente masculino. Além da dialogicidade, pode-se dizer que as ações da professora, em si, foram formativas.

Em 18 de abril de 1956, os jornais anunciavam a transferência da mestra para um município vizinho, ressaltando a revolta populacional, com o fato: “O governador Antonio Gomes declarou que a população do município de União dos Palmares estava revoltadas com as ocorrências que culminaram com a transferência da Professora Estadual Maria Mariá de Castro Sarmiento” (DENUNCIADA..., 1956), ressaltando dispensar “[...] comentários sobre o que por lá vem acontecendo” (Idem). No dia seguinte, uma matéria afirmara que estudantes secundaristas acampavam na praça dos Martírios, em frente ao palácio do governo de Alagoas: “Após esperarem duas horas nos bancos da praça dos Martírios, os rapazes resolveram pedir a ajuda de outro alto funcionário do Governo, que os encaminhou á presença do Chefe do Executivo” (GINASIANOS..., 1956). Discorriam sobre a atitude definhada pelo município de União dos Palmares, como subversiva: A divulgação de uma imagem de Mariá vestindo maiô (Imagem 1).

Imagem 1 – Polemizações



Fonte: MARIA..., 2017.

Justificara-se que “[...] o ato do D. E. E. atingiu a srta. Mariá apenas como diretora e professora do G. E. Jorge de Lima” (GINASIANOS..., 1956). Lugar no qual mostrou a fotografia para alunas. As entidades sugeriram que a mestra trabalhasse em um município e residisse em outro, dada a função efetiva que mantivera no Ginásio Sta. Maria Madalena: “[...] se quisesse, poderia facilmente viajar todos os dias da cidade vizinha de Murici para União dos Palmares, a tempo de alcançar as aulas noturnas” (Idem). As decisões governamentais colocam dois fatos problemáticos à época: a precarização do trabalho docente e o contraste existente entre as vidas, pessoal e profissional, das docentes. No período de redemocratização do Estado, a efetivação da democracia mostrara-se inevidente. O controle ao feminino, parecia comum. Explícitas estavam as relações de gênero.

Durante o período de distanciamento professoral, Mariá não escreveu para o Jornal de Alagoas. Entre as crônicas denominadas **Presente, passado e futuro** (SARMENTO, 1956b) e **Notícias Palmarinas** (SARMENTO, 1956a), passaram-se quatro meses. Ao retornar a **Página dos Municípios**, a professora parece ter preferido não comentar a ocorrência. Discorreu sobre a seca nordestina: “Em nosso município e, certamente, em outros do Estado, o verão deste ano se tirou um pouquinho, de maneira que fez o nosso matuto ficar alarmado ante a perspectiva de uma sêca, destas que comumente arrazam o Nordeste Oriental brasileiro” (Idem). Fato que levara o país ao colapso. As consequências do fenômeno natural somada a crise econômica dos anos 1950. A tentativa de conscientização aplica-se de modo sutil. Quase inevidente. A função pedagógica e política dos jornais, mostra-se no decorrer de toda a década. Além de dizer da condição do país, também parecera colocar instruções à escrita, como percebido no texto intitulado **Queixas**

e Reclamações (SARMENTO, 1959c). No mesmo questiona-se sobre a miséria: “Por que os enfermos do nosso Hospital passam fome e não têm sequer um pouco de água para as necessidades mais prementes? Incuria dos Poderes Públicos? Falta de amor e de caridade do nosso povo?” (Idem). A indignação fora um fenômeno comum entre intelectuais predispostos ao exercício da justiça.

A dimensão de classe parece perpassar os escritos da mestra: “Infelizmente o homem de hoje não vive submisso aos grandes ensinamentos da humanidade. Se assim o fosse, a mendicância seria um fato constrangedor” (SARMENTO, 1954), afirmara ainda que “[...] o número de mendigos cresce assustadoramente nas ruas desta cidade que caminha a passos largos para um futuro promissor” (Idem). A percepção liberal de progresso não parecia compactuar com a dignificação humana. Pedagogicamente os escritos pareceram compactuar com as ideias da Escola Nova. Mas o caráter conscientizador o tornara mais próximo a segunda onda renovadora, predominante nos idos de 1950, com suas predisposições socialistas. A ironia escriturária, aproxima a docente de críticos como: **Sérgio Buarque de Holanda**, **Florestan Fernandes**, **Nelson Werneck Sodré**, **Antonio Candido de Melo e Souza** e outros entre 161 assinantes do **Manifesto dos Educadores**, publicado em 1959. Era uma criticidade a hipocrisia moderna. Diferente do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, publicado em 1932 (AZEVEDO, 2006b), o novo documento contara com a participação de 24 assinaturas femininas: Armanda Álvaro Alberto, Maria Laura Monsinho, Maria Yedda Linhares, Anne Dannon, Oracy Nogueira, Branca Fialho, Ophelia Boisson, Jaiyme Abreu, Juracy Silveira, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Lúcia Marques Pinheiro, Maria José Garcia Wereb, Ruth Correia Leite Cardoso, Alice Pimenta, Irene de Melo Carva-

lho, **Cecília Meirelles**, Maria Geni Ferreira da Silva, Dalila Quitete, Silvia Bastos Tigre, Silvia Maurer, Maria Isolina Pinheiro, Iva Weisberg, Dulce Kanitz, Neusa Worllo, Helena Moreira Guimarães, Ester Botelho Orêstes, Mariana Alvim, Maria Thetis, Zenaide Cardoso Schultz, Celita Barcelos Rosa, Zilda Faria Machado, Iracema França Campos, Alfredina de Souto Sales Sommer, Terezinha de Azeredo Fortes. Entre os nomes não se encontra a assinatura de Noemy da Silveira Rudolfer. Provavelmente pelo vínculo que esta mantivera com o **Estado Novo** (SILVA e MACHADO, 2021).

Uma peculiaridade observada no Manifesto de 1959 é a assinatura de mulheres comuns. Provavelmente pelo ape-lo feito nos jornais, por assinaturas:

Continuam a afluir de todos os pontos do país adesões ao Manifesto dos Educadores Brasileiros, redigido pelo professor Fernando de Azevedo e publicado pelo <Diário de Notícias> na edição de 2 do corrente. O professor Fernando de Azevedo, em São Paulo, (rua Bragança, 55) e o professor Anísio Teixeira, no fito, (rua Senador Vergueiro, 154, apto. 1304), estão recebendo novas adesões. São os seguintes os novos signatários do Manifesto dos Educadores Brasileiros, que se acrescentam aos 103 nomes já publicados pelo <Diário de Notícias> **Cecília Meirelles**, Ismael França Campos, **Iracema França Campos**, Oto Carlos Bandeira Duarte Filho, Viriato da Costa Gomes, **Teresinha de Azevedo Fortes**, **Celita Barcelos Rosa**, **Zilda Faria Machado**, **Alfredina de Souto Sales Sommer**, Valdemar Marques Pires, Noel Aquino Casses e Hugo Regis dos Reis (MANIFESTO..., 1959, grifos meus).

A presença feminina revela a nova concepção de gênero predominante. As mulheres assinantes, circulavam nas mais distintas áreas. O amadurecimento da professora du-

rante a década, parece ter acompanhado o amadurecimento das ideias educacionais. Mariá iniciara com denúncias a condição das escolas públicas, discorrera sobre a condição docente e sobre as formas de marginalização do estado de humanidade, provocada pela pobreza, pela invisibilização social. Sugeriu instrumentos de formação atípicos. Parecera apresentar o jornal como possibilidade coletiva de rebelião: “[...] de tanto eu reclamar, através desta coluna, as coisas a que União dos Palmares tem direito, vejo que minhas batalhas não foram infrutíferas. Tanto que, aos poucos, estão reaparecendo os homens de fibra que tanto impulso deram, em tempos idos” (SARMENTO, 1956). As crônicas sobre a condição do país, a literatura popular, as cidades alagoanas visitadas, datas comemorativas, política. As atitudes incomuns: hábito de leitura e escrita, apresentação de novas expressões de feminilidade, tudo apresentara potencial formador à mocidade palmarina e, por sua vez, alagoana, que dominara o código linguístico. A finalização dos seis anos de textos, concretizados em uma década de reformulações educacionais, parece ter culminado no que denomino aqui,

Escola de Prosas.

Da busca por pensamentos libertos: utopias e possibilidades

Sem quadros, sem giz, sem o uso do título de docente. A escola da qual tratamos, fora constituída pela palavra escrita. Efetivara um modelo formativo inusitado. Quase imperceptível. Na escrita, no argumento, na coragem. Formara-se pela maneira de ser e viver de quem escrevera: pelo exemplo. Os leitores das *prosas* de Mariá, (in)formaram-se pela força do pensar crítico. A capacidade intelectual convincente, levava a crença no progresso humano, em todas

as suas dimensões. A ação da personagem interage com a de outros e outras, que se utilizando do espaço profícuo do jornalismo, fizeram-se ouvir.

Na imprensa nacional, os escritos de professoras são comuns, desde o império. O que torna as ações da mestra destacada, peculiares, é a capacidade de falar de um *lugar* interiorano. Nos anos 1950, quando Alagoas fora um estado marcado pela escassez de possibilidades formativas, sobretudo em União dos Palmares, ambiente com atraso na implantação de projetos nacionalizados (SILVA, 2020), Mariá manteve-se como mediadora entre marginais e privilegiados. É possível que a contraposição a cultura de escravização e miséria, tenha decorrido do contato com as próprias experiências. A vida a fez construir um olhar indignado. O seu olhar sobre a sociedade foi sendo lapidado em um contexto de valorização ao debate socialista. Diferente das mulheres atuantes nos anos 1920 e 1930, apresentadoras de olhar melancólico sobre a educação e crítico aos métodos educativos tradicionais (SILVA e MACHADO, 2021), a mestra criticara outros tipos de injustiça. Ressaltara a condição da categoria docente, com crítica as condições de trabalho, ao controle dos corpos, as agressões de naturezas distintas. Os atos revelam um pensar influenciado pela formação humanista que recebera e pela aproximação com as pessoas desvalidas.

A onda socialista, vigente no recorte temporal, tornava predominantes as reflexões sobre a importância das ciências humanas na constituição de pessoas habilitadas ao exercício da coletividade: “Dia a dia cresce de vulto o interesse pelo estudo as ciências sociais; nos que se dedicam a esse mister, já não sobrevive nenhuma dúvida quanto ao valor de tais conhecimentos para a conjuntura social” (GOURT, 1953). Com a valorização destas, as pessoas passaram

aperceber melhor os silêncios e silenciamentos. Nos vários ambientes tornou-se comum a valorização às pessoas e a sua condição socioeconômica: “Já não existe mais aquela enorme maioria de homens esquecidos; hoje, todos têm iguais direitos diante da vida. É preciso, pois, que se faça saber a essa sociedade-massa qual o valor das ciências sociais para o estudo e solução dos problemas que a afligem” (Idem). É possível que tal onda tenha interferido nas alterações percebidas nas propostas educacionais registradas por meio do **Manifesto dos Educadores (Janeiro de 1959)** (AZEVEDO, 2006a). A educação já passava a apresentar a necessidade de contato com disciplinas capazes de levar ao exercício do pensamento.

Há um livro de Teodoro Sampaio, <<História da Fundação da Cidade do Salvador>>, que êle deixou inédito e cujos direitos autorais foram adquiridos pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. O professor Anísio Teixeira, quando secretário da Educação no governo do sr. Otávio Mangabeira, descobriu-o e não hesitou em promover a sua publicação, através do Primeiro Congresso de História da Bahia, como parte das comemorações do quarto centenário da cidade (SUGESTÃO..., 1953).

Não havia apenas reivindicação ao direito à liberdade, mas à garantia de condições favoráveis à sua efetivação plena. No debate educacional, se percebia que não era bastante a garantia do acesso à escola, com seus métodos anti-repressivos. Tornara-se imprescindível reivindicar a modificação das estruturas da sociedade, que, por sua vez, tornaram comuns as hierarquias. “São as ciências sociais que realçam aos olhos do homem a sua condição de ser social mostrando-lhe, paralelamente, a fragilidade dessa mesma condição; que lhe indicam a posição que ocupa dentro

do processo histórico e da contextura social” (GOULART, 1953). Assim sendo, ao destacar o papel das ciências sociais na formação do humano moderno, **José Alipio** afirmara em 20 de setembro de 1953, em matéria ao Diário de Notícias: “Resta, pois, levar ao homem-massa, cada vez mais os apuros do conhecimento dando-lhe, concomitantemente, a formação cavalheiresca de então, sem perder de vista a movimentação acelerada da vida atual” (Idem). Mostrara-se preciso o exercício de um pensamento dialético. Um pensar desnaturalizador das estruturas de marginalidades. Sobre isso, **Sergio Buarque de Holanda** discorrera, em 15 de janeiro de 1950, no mesmo periódico, a partir da análise aos escritos do **sr. Oliveira Viana**:

O indivíduo há de submeter-se a ordem e a lei. Há de aprender a conhecer e respeitar a tradição. Deverá adaptar a língua e ajustar a laringe a certa variedade de sons, e ainda a conformar o sistema nervoso a certa variedade de hábitos’. Essa descrição, que pertence ao verbeto “Cultura” da Encyclopaedia of Sociences, de 19, e que reaparece, por vêzes com as mesmas palavras, na obra póstuma do mesmo autor, sobre a dinâmica da mudança de cultura, que se publicou em 1945, pararece prestar-se sem dúvida, melhor do que qualquer afirmação dos etnólogos “pan-culturalistas”, àquela caricatura dos “bonecos mecânicos”, exibida pelo sr. Oliveira Viana (HOLANDA, 1950).

Para o sociólogo, a cultura parecia moldar o humano nas relações com os outros. Não o tornara impossibilitado de pensar diferente, como afirmara *Oliveira*. Resultara do convívio e da troca de ideias, deveria levar a formulação de atos coletivos, e, por tal motivo, assemelhados. Todavia, é possível dizer que os ambientes, no decorrer da história,

foram capazes de determinar vários tipos de comportamentos. Formaram a inquisição, a escravatura, a eugenia. Dessas culturas saíram, respectivamente: hereges e bruxas, abolicionistas, rebeldes. O último grupo apresentara como ponto comum, o estranhamento às predominâncias. Não se adaptaram às imposições. Foram estra(nho)s. É possível que a ideia de cultura tenha tornado os humanos capazes de naturalizar a desigualdade, a intolerância, o medo. Desnaturalizar a cultura, pode favorecer a percepção límpida do real. Pode-se dizer que Maria Mariá buscou fazer tal desnaturalização. Provavelmente por esse motivo, ela manteve pensamentos, comportamentos e argumentos, em alguns momentos, desviantes.

A escola de prosas perpassa à tentativa de desnaturalização das injustiças e constitui-se, para a historiografia atual, como tentativa de história do tempo presente. Outros sujeitos também o fizeram. Alguns, apresentando contração ao bem-estar do povo. É o caso de **Gilberto Freyre** (1950), compactuante com a ditadura de Estado, ainda influente no início de 1950:

MUITO interessante, como livro didático destinado ao curso superior, a História do Brasil que recebi há pouco do seu autor, homem erudito e mestre experimentado na sua especialidade. Mas não compreendo sua atitude para com os fatos que resultaram na queda da Ditadura Vargas. Destaca êle que o <<brasileiro não se adapta a regimes ditatoriais>> mesmo suaves. E reconhece que a deposição do sr. Getúlio Vargas resultou de não ter êste <<mandado realizar o plebiscito nacional>> que prometera. Mas simplifica excessivamente ó processo político de desintegração do regime ditatorial entre nós, quando dá a idéia de ter sido o 29 de outubro expressão de simples movimento militar <<aplau-

dido pela gente brasileira. É cedo, naturalmente, para fazer-se a história de acontecimento **tão próximo de nós. Mas é preciso que não se deixe sem protesto o exagero de simplificação que reduza a deposição do ditador Vargas e a volta ao país ao regime representativo, a movimento militar, apenas aplaudido por civis.**

O texto do sociólogo reflete a sua ideia de harmonia em meio as desigualdades. Sugere a relação pacífica entre opressores e oprimidos. Mostrara, desse modo, como a repercussão da ausência democrática se configurara como reflexo da cultura brasileira. É possível que, nesse sentido, o seu pensamento social interaja com a ideia de configuração, sugerida em Norbert Elias (1994). A ideia de um Brasil harmônico, fora criticada por Sergio Buarque de Holanda, quando este discorrera sobre o cidadão cordial (HOLANDA, 2014). O cenário da década de 1950 revelara, sobretudo, a predominante divergência de olhares sociológicos, em função de transformações na forma de organização do país. As críticas a hipocrisia e a hierarquia, eram comuns. Provavelmente como consequentes das feridas deixadas pelo Estado Novo. Na educação, passara-se a debater-se a importância da formação por meio dos clássicos:

O sentido da pedagogia clássica se resumia em dois termos: <<elevação>> e <<distância>>. O primeiro significando o conhecimento histórico do desenvolvimento humano; o segundo repousando no culto dos grandes homens do passado, na contemplação de suas vidas, cujos exemplos forjavam os modelos pelos quais se deveriam pautar as ações dos que os cultuavam. E com essa cabedal estava o homem suficientemente preparado, do ponto de vista educacional, para fazer frente às graves responsabilidades da vida pública” (GOULART, 1953).

A formação das massas continuara a ser tratada como direito. Mas, pelo advento de novas correntes de pensamento, influenciadas pela percepção sociológica, a dimensão da qualidade pedagógica, ultrapassa a transformação dos métodos. A democracia no ensino, passa a ser notada como algo que interfere, também, na dimensão cognoscitiva. Entre as mais assíduas intelectuais escolanovistas, Cecília Meireles volta aos jornais com percepção mais amadurecida da realidade nacional e da pedagogia (SILVA e MACHADO, 2021). A assinatura, no manifesto de 1959, de intelectuais como Nelson Sodr e, revelam atmosfera prof ua aos debates sobre classe e sobre os sentidos da forma o. O pensamento do supracitado intelectual acerca da categoria estudantil de nível secundário e superior, torna evidente a sua concep o educacional. Em acréscimo ao discurso de **Candido Antonio M. de Oliveira**, ele discorrera em 16 de agosto de 1959, no Diário de Noticias:

Desejo dizer alguma coisa a respeito dos estudantes, e do papel que lhes cabe na luta nacionalista. O entreguismo se diverte com a idéia de que o estudante deve apenas estudar, e nisto pretende afirmar que <<estudar>>   fixar-se nos livros didáticos, fazer os exames, etc. Pretende também, que aos militares cabe apenas fazer militância. Aos comerciários fazer com cio. Aos operários, trabalhar. E assim por diante. A quem caberia fazer política? Aos entreguistas, naturalmente, porque detendo as fun es que permitem, por portaria, alterar t da a vida econômica do país. Quando o fizessem, como fazem, e protestassem os comerciários, os operários, os militares, os estudantes, diriam: V o estudar, v o trabalhar, vão fazer militância, e nos deixem em paz para fazer entreguismo. Eu digo aos estudantes: não os deixem em paz. Es-

tudar não é apenas ler os livros didáticos e prestar exames. Estudar é também viver, assistir ao espetáculo e participar dêle. É, principalmente, conhecer os problemas de seu país e participar de suas decisões. É ser nacionalista, em suma. O entreguismo está em agonia. Vamos dar-lhe a extrema-unção e sepultá-lo, sem permitir que empeste mais o Brasil. Nisto, cabe aos estudantes uma grande tarefa. Eles sabem disso, e estão participando dela (QUE..., 1959).

A categoria estudantil, indicara-se o aprendizado do que lhe possibilitaria pensar criticamente sobre a realidade. O pensamento crítico poderia evitar a submissão aos regimes escravocratas e ditatoriais. Tornaria os humanos mais atentos aos seus direitos. Mariá reivindicara o direito a formação que levasse a população a compreender a História do seu ambiente de origem:

“União dos Palmares tem suas raízes históricas no Quilombo dos Palmares e isto não é novidade para ninguém. Deste belo episódio de nossa História Patria, **nós, pioneiros da liberdade em terras do Brasil, não conhecemos mais do que aquilo que os livros ensinam superficialmente e a tradição ensina com seus fatos que, muitas vezes, a História não conta.** Nenhum marco existe aqui que assinale a passagem do grande Chefe negro, que preferiu morrer com liberdade a ter uma vida de escravidão e cujo exemplo foi seguido por seus companheiros de infortúnio” (SARMENTO, 1959d, grifos meus).

A professora parecera questionar a legitimidade da História tradicional. Não faz nada de inovador com isso, mas apresenta indícios da sua concepção educacional. A historiografia dos grandes nomes heroicos, deveria ser superada

pela apresentação das pessoas comuns, ou das que, mesmo com grandes feitos, foram apagadas pela pertença ao grupo de oprimidos. A forma de aprender sobre estes, segundo a mestra, poderia se dar pelo contato com a tradição, ou seja, com as memórias guardadas pelos antepassados. É possível que o apelo feito a criação de um jornal para União dos Palmares, decorresse do desejo de apresentar, por meio dele, algumas personagens pouco notáveis a olhares desatentos. As crônicas, tematizando as vidas comuns, levaram a público problemas ignorados pelas entidades governamentais. Além das denúncias, os textos também apresentavam a literatura popular, já comentada em 21 de setembro de 1958, por **Mariza Lira**, no Diário de Notícias:

Maria Mariá de Castro Sarmiento – União dos Palmares – A sua carta entusiasmou-me, mais ainda porque vejo nas suas palavras uma alma pura e boa. Peço-lhe que me mande algo sobre os trovadores de sua terra, estou pensando nos trovadores deste Brasil, tão grande, mas tão querido. É um assunto que vem prendendo a minha atenção já há alguns anos. Muito agradecida pelas suas palavras amigas e continue, enviando o que lhe for possível (LIRA, 1958).

A projeção nos anos 1950, período inicial de sua carreira, ora como jornalista, outrora como professora, parece ter levado a provinciana a passar da condição de pessoa personagem anônima. As denúncias e notícias, também retiraram União dos Palmares da invisibilidade. A condição educacional, a qualidade na formação, a vida cotidiana, foi percebida em âmbito local, nacional e internacional. Na década de crise assolante, a voz e a trajetória da mestra, levaram a evidencia da condição das pessoas de origem interiorana. Ambiente no qual as soluções para os problemas

são postas tardiamente. Lugares como estes, poderiam ser definidos no passado e no presente, como: **Cidadezinha qualquer**²⁶.

Lugar do silêncio. Barulhentas ou silenciosas, as mulheres que escreveram para jornais, foram capazes de criar ideias. Nem sempre se encaixaram no grupo das puras ou pacatas senhoritas, como se esperou por longa data, do gênero. As docentes, aderiram as ideias e ideais próprios dos seus tempos. Quando apresentaram pensamentos peculiares, distanciados dos costumes, receberam diversas nomenclaturas: estranhas. É possível dizer que o termo que as definira, não fora, de todo, inapropriado. O lugar de estrangeiras na cultura, decorre da impossibilidade que, em alguns casos, tiveram, de fazerem-se adeptas ao agir comum. Em períodos ditatoriais, o comum esteve ligado a obediência ao Estado, à rejeição ao pensamento divergente à opressão, à intolerância e violências das mais distintas espécies. Nazistas como **Adolf Hitler**, receberam o apoio de número significativo da população alemã. O **Holocausto**, para cidadãos como ele, possibilitaria o progresso nacional. Seguidores como **Eichmann**²⁷, o serviam burocraticamente. Atenderam as demandas e mantiveram o comportamento adequando as necessidades do período no qual viveram. Jamais questionaram a dimensão ética e estética de suas ações. Assim também ocorrera em **Esparta**, quando os guerreiros abriram mão das vidas pela honra de defender o território. Na idade média, quando o clero controlara as dimensões do pensamento, e o povo vivera sob regime feu-

²⁶ Título de um poema de **Carlos Drummond de Andrade**, no qual o literato faz alusão a forma de vida interiorana.

²⁷ Personagem que enviava as pessoas para os campos de concentração durante o Nazismo. Este notara a função como mera atividade burocrática (ARENDE, 1999).

dal. Ocorrera no continente Africano, quando vigorante estivera o Apartheid. No século vinte, com sua modernidade anunciada, implícita estivera o regime estatal. Gilberto Freyre definira tal fenômeno constitutivo do Brasil, como positivo. Para o autor, a escravidão fora benéfica a organização do país. Os regimes sustentaram-se pela adesão de pessoas cordiais, como fizera pensar **Sérgio Buarque de Holanda**.

O agir comum levava ao exercício da hipocrisia entre os que, por vezes, sempre ocuparam o topo da pirâmide econômica. Sobre isso mulheres como Mariá discorreram. A escola de prosas que constituíra, atuara na dimensão do pensamento. Tentara conscientizar ao dizer do que, na ótica contemporânea, parece evidente. Dissera da fome, da corrupção afetuosa, da história. Indiciara a capacidade de influência em Alagoas, e, possivelmente no país. Fora mais uma entre as tantas mulheres que circularam entre magistério e jornalismo, esporadicamente no universo literário. As contraposições ao agir diferenciaram-nas de **Eichman**, mas aproximaram-na de **Kafka**. Rude em palavras, assertiva em pensamentos, corajosa em atos. A pena fora a arma que utilizara para tirar da invisibilidade, os problemas que pareciam afetar os dias das margens, há milênios. Concretizara-se estranha. Desabrigada pela inconsequência de falar o óbvio. O sentimento de ser o que fora, nem sempre se mostrara favorável à existência. Deslocaram-na. Oprimiram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os textos literários que nortearam a escrita dos capítulos, destacara-se um elemento comum: a capacidade de dizer das eventualidades e pessoas pouco notáveis a olhares ansiosos. A alagoana **Macabéa**, os **cegos em manicômio** e o cacheiro viajante **Gregor Samsa**, são individualidades que muito fazem pensar sobre a composição do coletivo. Personagens fictícios, que apresentam, sutilmente, a realidade como ela configura-se cotidiana: sem máscaras. Talvez essa seja a mais valiosa contribuição dada pela literatura à história. Não por ventura, esta inspirou o saber indiciário e a micro análise. **Menocchio** poderia ter sido apenas mais uma História de heresia, se não localizado por **Ginzburg**. Tornara-se um moleiro rebelde. Um personagem crítico a cultura. Um estranho.

Como estes estivera Mariá. A sua vida fora marcada pela incapacidade de aceitação as formas de *ser* atribuídas às mulheres habitantes do interior de Alagoas. As possibilidades dadas a interioranas, não foram as mesmas atribuídas às residentes da capital, em mesmo período. A maceioense **Sandoval**, tornara-se literata e mantivera vida pública exitosa, em décadas anteriores, na condição de mulher negra e pobre. Ambas vivenciaram a marginalização do estado de humanidade. Distintas foram as experiências. Foram mulheres formuladas pela cultura em diferentes espaços

e também autoras de novas maneiras de ser e viver. Enquanto a autora de **Versos Alheios** mantivera a melancolia esperada do feminino, a palmarina circulara por universo inapropriado. Ambas proferiram críticas aos costumes comuns. Fizeram-se docentes e jornalistas. Concretizaram-se intelectuais. Como elas, espalharam-se pelo nordeste e país, muitas outras. Levaram consigo a estigmatizante memória social de rebaixamento, pelo gênero, pela classe, pela profissão. Manifestaram diferentes concepções educacionais. Ora compactuantes com rumores da época, outrora divergentes. Fizeram-se escritoras da vida, em dias de morte. Foram, em alguns momentos, morte em vida.

É possível que a prosa que aqui concluímos, não mantivesse condição de existência, se os textos de Mariá não estivessem disponíveis em acervos. A escrita a salvou do silêncio. Ora em vida, ora em morte. Os escritos ainda dizem aos nossos tempos. As escolas públicas das quais tratara há mais de meio século, ainda se encontram decadentes. As professoras ainda recebem salários inapropriados ao exercício das suas funções, e o Estado continua a interferir em suas vivências privadas. Talvez **Isabel Brandão** e **Ivia Alves**, não tivessem desconsiderado os textos da professora em suas pesquisas, caso o tempo da produção fosse este. A literatura melancólica lhes diria menos que as crônicas de linguagem popular. Nos textos da personagem, que inspiraram a obra aqui concluída, encontrariam outras faces de Alagoas. A face interiorana.

Após a troca de ideias, pode ser que os objetivos do texto tenham sido alcançados. É possível que um fragmento da trajetória da mestra, tenha revelado as suas principais concepções educacionais. Com eles também si deu a percepção, minuciosa do tempo e espaço de escrita. Fora possível notar a maneira como se configurara a educação em **União**

dos Palmares, no momento peculiar da década de 1950: intervalo de ditaduras brasileiras. Mostrara que a democracia não atingira a vida comum. Não se tornara evidente entre **margens humanas**. O jornalismo foi, para Mariá, como os relatórios da Inquisição foram para **Menocchio**: ambiente de preservação da memória. Espaço das mentalidades. Talvez a função de antropóloga exercida em tal pesquisa, tenha inspiração na capacidade de olhar o invisível. No caso da docente, os jornais foram escola e a ajudaram a fazer escola. Na interação com intelectuais, majoritariamente homens, mostrara a maneira como se fizera, progressivamente, professora e mulher. Indiciara os projetos educacionais necessários ao ambiente e a época.

O texto que atentara, especificamente, à **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**, define-se como espaço de socialização dos primeiros resultados de uma pesquisa iniciada em 2018. Nele encontram-se os rastros de um estudo atento a vida. A vida de mulheres professoras que atuaram em Alagoas durante o século XX. A vida de Maria Mariá. Vidas que muito fazem pensar sobre o tempo presente. Que dizem da utilidade da historiografia educacional.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Rochel Duarte. Carolina Ribeiro: o lugar da mulher na educação em São Paulo. In.: VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, pp. 83-96.

ALBERTO, Armanda Álvaro. Á. Tentativa de escola moderna. In: ALBERTO, A. Á. (org.). *A Escola Regional de Meriti: documento 1921-1964*. Brasília, DF: MEC, 2016. p. 45-53. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/A+Escola+Regional+de+Meriti+%E2%80%93+Document%C3%A1rio+1921-1964/3effad90-4b28-4f59-8d9c-d5219e5dc-c25?version=1.0>>. Acesso em: 1 de abr. 2021.

ALCÂNTARA, Wiara Rosa. Botyra Camoorim: imagens e memórias da carreira do magistério em São Paulo (1917-1962). In.: VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, pp. 61-82.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* Campinas: Autores Associados, 2007.

ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. *Livro das Aves: Chrestomathia em prosa e verso*. Escolas Profissionais Salecianas, São Paulo, 1914.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AS MULHERES na Revolução Comunista: A adesão da U. F. do Brasil – Mulher e marido no P.C.B. *O Imperial*, Rio de

Janeiro, ed. 00468, 1 de dez. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/107670_03/5956>. Acesso em: 5 de abr, 2020.

AZEVEDO, Fernando de. et. al. Manifesto dos Educadores: Mais uma Vez Convocados (Janeiro de 1959). *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. esp., p. 205–220, 2006a. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4922/doc2_22e.pdf>. Acesso em: 1 de abr. 2021.

AZEVEDO, Fernando de. et. al. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Brasil, 1932. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. esp., p.188–204, 2006b. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em: 1 de abr. 2021.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. *ABC das Alagoas*: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. Brasília: Senado Federal, 2005.

BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. Instrução e Educação da Infância. In.: BEVILÁQUA, Clóvis; BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. *Literatura e Direito*. Salvador: José Luiz Fonseca Magalhães, 1907.

BILHAR, Anna. Collegio N. S. de Lourdes. *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 6 fev. 1908a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/231894/2245>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BILHAR, Anna. Collegio N. S. de Lourdes. *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 7 fev. 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/231894/2245>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BRANDÃO, Izabel, ALVES, Ivia. (Org.). *Retratos à margem*: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950). Maceió: EDUFAL, 2002.

BRIGIDO, José. Os clássicos e a educação física. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 fev. 1946. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/26570>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: DEFIL, 1989.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução da historiografia*. 2. ed. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Unesp, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARVALHO, Carlos Henrique de.; FILHO, Geraldo Inácio. Debates Educacionais na Imprensa: Republicanos e católicos no triângulo Mineiro-MG (1892-1931). In.: SCHELBAVER, Anaete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (org.). *História da educação pela imprensa*. São Paulo: Alínea, 2007.

CENAS decadentes se desenrolam no sertão alagoano – Flage-lados atacam caminhões nas estradas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/22885>. Acesso em: 2 abr. 2021.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL SA, 1988.

COMISSÃO do folclore vai instalar-se. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de ago. 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/85150>. Acesso em: 2 abr. 2021.

DENUNCIADA agressão que teria sofrido um professor em União dos Palmares. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 18 de abr. 1956.

DEWEY, John. *Democracia e Educação: Introdução à filosofia da Educação*. 4. ed. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.

DORIA, Antônio de Sampaio. *Como se ensina*. 1. ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1923.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. 7. ed. São Paulo: 34, 2016.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FACÓ, Anna. Para as crianças – Minha palmatória: contos aos meus alumnos. *Jornal do Ceará*, 3 de maio. 1907. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/231894/1417>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

FACÓ, Anna. Para as crianças – Minha palmatória: contos aos meus alumnos – III O choramingas. *Jornal do Ceará*, 17 de maio. 1907a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/231894/1461>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: EDUSP, 2009.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. O esforço civil na luta contra a Ditadura Vargas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/661>. Acesso em: 2 abr. 2021.

GINASIANOS... *Jornal de Alagoas*, Maceió, 19 abr. 1956.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. 4. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 1. ed. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, abr. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 2 abr. 2021.

GRAMISCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GOULART, José Alípio. As ciências sociais e a formação do homem. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 set. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/27171>. Acesso em: 2 abr. 2021.

HOBBSAWM, Eric John. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Cultura e instituições políticas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de jan. 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/273>. Acesso em: 2 abr. 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

INEDITORIAES: Necessidades publicas. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 16 de abr. 1874. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/703249/2>>. Acesso em: 1 abr. 2021.

INSTRUÇÃO primaria e secundaria. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 3 maio. 1877. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/703249/8>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

JUNIOR, Manuel Balthazar Pereira Diégues. *Alagoas e seus municípios*. Maceió: Imprensa oficial, 1944.

JUNIOR, Manuel Balthazar Pereira Diágues. *Compendio de Geografia e Cosmografia*. Maceió: Typ. de A. Ordem, 1890.

JUNIOR, Ronaldo Rodrigues de Melo; DOMINGOS, Leandra Lourenço. Cas-museu Maria Mariá, história e cultura: opiniões e contribuições para o ensino de Geografia. *XIX Encontro Nacional de Geógrafos: Pensar e fazer a geografia brasileira no século XXI*, 1 a 7 de jul. 2008.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Livia Bono. São Paulo: Pé da Letra, 2017.

KAFKA, Franz. Josefina, a cantora ou O povo dos ratos. In: _____. *Um artista da fome seguido de Na colônia penal e outras histórias*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LEVI, Geovanni. Sobre a micro-história. In.: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011, p. 135-163.

LIRA, Mariza. O Instrumental musico popular do Brasil. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 21 set. 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/76274>. Acesso em: 2 abr. 2021.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LIVROS novos. *Diario de Noticias*. Rio de Janeiro, 17 out. 1930. ed. 00129. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/2037>. Acesso em: 2 abr. 2021.

LOLE, Ana. Gênero e serviço social: uma análise a partir do paradigma indiciário. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 127, p. 555-573, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282016000300555&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 2 abr. 2021.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

LUISE, Luisa. *Ideias sobre educação*. Montevideo: Maximino Garcia, 1922.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: Educação como Missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; VASCONCELOS, Larissa Meira. Lições de um amigo: cartas de Drummond a Zila Mamede. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 107-122, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8651679>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

MAGALHÃES, Almeida. Euclides da Cunha. *Diario de Noticias*, 17 ago. 1934. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/19993>. Acesso em: 2 abr. 2021.

MANIFESTO dos Educadores Brasileiros. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/84028>. Acesso em: 2 abr. 2021.

MARIA Mariá, a guerreira da terra de Zumbi. *História de Alagoas*, 12 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/maria-maria-a-guerreira-da-terra-de-zumbi.html>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

MEIRELES, Cecília. A futura Escola Normal. *Diario de Noticias*. Rio de Janeiro, 21 de set. 1930c. In.: _____. *Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. p. 169-171.

MEIRELES, Cecília. Aulas de normalistas. *Diario de Noticias*. Rio de Janeiro, 19 de ago. 1930a. In.: _____. *Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. p. 157-159.

MEIRELES, Cecília. *Spectros*. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. Formação do professor [I]. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 24 ago. 1930b. In.: _____. *Crônicas de Educação*, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. p. 163-164.

MEIRELES, Cecília. O exemplo moral. In.: _____. *Problemas da literatura infantil*. 4. ed. Seleção e organização de André Seffrin. São Paulo: Global, 2016, p. 40-42.

MISTRAL, Gabriela. La oracion de la maestra: a César Duayen. Punta Arenas, enero de 1919. In.: _____. *Gabriela Mistral: Magisterio y Niño*. Seleção e organização de Roque Esteban Scarpa Straboni. Santiago: Editorial Andres Bello, 1979, p. 35-36.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

NICOLETE, Jamilly Nicácio; ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 203-220, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

O SILÊNCIO de Kafka. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de nov. 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/42092>. Acesso em: 2 abr. 2021.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 8. ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PINHEIRO, José Gledison Rocha. *O Diário de Dalila: Poética, testemunho e tragédia na formação do indivíduo moderno*. Salvador: EDUNEB, 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

QUE relação se pode estabelecer, num país como o Brasil, entre o nacionalismo e o patriotismo? *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/85084>. Acesso em: 2 abr. 2021.

RAMOS, Graciliano. Jornais, 16 set. 1937. In.: _____. *Linhas Tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano*: Retrato fragmentado. 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2011.

RESENHA fúnebre. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/334>. Acesso em: 2 abr. 2021.

RIOS, José A. A angustia do século. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/4296>. Acesso em: 2 abr. 2021.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão*: veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SANDOVAL, Rosália. *Curso elementar de português*: em pequenos exercícios práticos. Viçosa: Typographia Economica, 1921.

SANDOVAL, Rosália. Traças: a minha estante. *Vida Doméstica*: revista do lar e da mulher. Rio de Janeiro, out. 1927. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/830305/7936>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SÁ, Giovanni Alves Duarte de. Biografia à luz da Perspectiva sociológica: reflexões e apontamentos teórico-metodológicos. In.: MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral

(org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019, p. 19-36.

SALÃO Azul. *Jornal do Ceará*, Fortaleza, 10 abr. 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/231894/2441>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARMENTO, Elias. *O Dote*. 1. ed. Maceió: Editor-proprietário M. J. Ramalho, 1920. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. A conjuntura do Ginásio. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 maio. 1960.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Apêlo ao Nosso Povo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 27 set. 1959d.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. A respeito de jornais. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 28 out. 1956.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Decadencia. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Vida Municipal, Maceió, 20 set. 1953.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. 15 de setembro. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 7 nov. 1957b.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Eleitores e eleições. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 12 out. 1958.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Herança de primo pobre. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 23 maio. 1954a.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Mendicancia, um flagelo. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 6 jun. 1954.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Notícias Palmarinas. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 jul. 1956a.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Palavras a um amigo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 13 set. 1959b.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Presente, passado e futuro. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 25 abr. 1956b.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Queixas e Reclamações. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 30 ago. 1959c.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Retorno. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 19 maio. 1957a.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Retôrno. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 ago. 1959a.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Retratos do Brasil. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 26 ago. 1956c.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Um velho tema: Brasileiro Sarmento. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 29 set. 1953a.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Valores palmarinos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 20 jun. 1954b.

SARTRE, Jean-Paul. *Ser e o nada*: Ensaio de ontologia fenomenológica. 24. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (org.). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. São Paulo: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 43. ed. São Paulo: Autores Associados, 2018.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto*: Triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2, jul./dez. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1995. p. 71-99. Tradução de Guacira Lopes Louro. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em 2 abr. 2021.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In.: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011, p. 65-98.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e; BOMFIM, Edilma Acioli. *Dicionário: Mulheres de Alagoas ontem e hoje*. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. A fundação de bibliotecas públicas em Alagoas: reivindicações e denúncias da educadora Maria Mariá (1953-1959). 1. v. 1. n. *Research, Society and Development*, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7186>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

SILVA, Hebelyanne Pimentel; MACHADO, Charliton José dos Santos. *A inteligentsia feminina na Escola Nova: uma leitura sem margens das crônicas de Cecília Meireles (1930-1932)*. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, 2021.

SILVA, Hebelyanne Pimentel; MADEIRA, Maria das Graças de Lóiola. Mestras e escritoras latino-americanas em Versos Alheios de Rosália Sandoval. In.: X Congresso Brasileiro de História da Educação, n. 10, 2019, Belém. *Anais do X CBHE*. Belém: SBHE/UFPA, 2019, p. 1365-1378.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Um (In)visible college na América Latina: Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Victória Ocampo*. São Paulo: Unesp, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In.: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. Maria Mariá de Castro Sarmiento: uma fala que denuncia as discriminações e desigualdades no início do século XX em Alagoas. *I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares*, 1997, João Pessoa. ANAIS Campina Grande, EDUEP, 2007.

SUGESTÃO (ou apelo) ao ministro da Educação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 de set. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/27170>. Acesso em: 2 abr. 2021.

TEIXEIRA, A. *Em marcha para a democracia: à margem dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/delivro.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. Iracema Marques da Silveira: Táticas docentes e bibliotecas escolares. In.: VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, p. 137-154.

VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no ensino: São Paulo nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

VILELA, Humberto. *A Escola Normal de Maceió (1869-1937)*. Maceió, 1982.

União...

(Conclusão da 1a.)

foi uma personalidade que
mente marcará nova época
vida literaria do Brasil
desconhecemos seus
como poeta, medico
pintor e...

o dep. Antonio
Mariá de C...

quando prefeito des...
ameros beneficios e seria
portanto, que o povo palm
hão de vir. Como testemu
fazer por V. Excia., foi
sombrosa vitoria contra
do, que sua cooperação
acabou quando a outro
incipio. Sabemos sim, e cor
em prol desta coletividade
Assembleia Estadual. Não
apreensão. O que nós que
dentro de suas possibilid
ante precisa de essencial.
nima, é para que, na As
ado aos poderes públicos
ado em que se ad... a C
rreção, é mais que...
boa marcha do B...
de seu inteiro...
em u...

PARTE II

VALIA

"União dos Palmares e a
George de Lima" foram as pala-
vras que batizaram a reportagem
do sr. Luiz Gutemberg, publica-
domingo ultimo, na "Gazeta
das Américas". No entanto quero
conhecido jornalista
obscuros da
ser assim
noção

contemp
to em praça pu
como em qualquer
E de fato, está na
busto do grande
de um logradouro
se falou em co
"Basiliano Sar
mos meio esq
omenagens,
asil t

UNIAO DOS PALMARES

ESPEITO DE JORNAIS

Maria Mariá de Castro Sarmento

me me sobra tempo
nossa "Pagina",
do este municipio
viando mensagens
ades que têm a
lembra de mim,
ia pontual nos
scar linhas ou
ndo aquilo que
Acontece, "po-
a vida no inte-
queia lufa-lufa
e, o tempo de
raço para ne
sta coisa
um velho pro-
le em pedra
que fura". E
e verdade da
is, de tanto
desta cois.
União dos
vejo que
oram in-
aos pou-
os ho-
e impulso

passagem para Penedo e
pretendo voltar. Finalmente, aonde
está "O Pindobense", órgão que
me despertou maior simpatia,
não deixando com isto de
nhecer o merito e de
ciativa de as
me che
somen
se" de
simpe
te de
lugar q
nicipio.
cimento,
do ano,
estas pov
mente, se
Incluo, ne
Palmares. A
começo desta
bati por esse
turo bem pro
terá tambem
vou alimentar
sar que terem
portante, bem r
ex que acima

S. O. S. a
Maria
V. Excia.
municidade inv
aquí. Basta, l
os anos que
que pudemos
com uma as
caro Deputa
marina não.
grande mun
inovações e
advento à A
falta de com
namente, e
que esta ge
me refiro n
ouvir, pedi
timavel est
casa de co
quir a

1 DECADENCIA²⁸

grupo Escolar “Rocha Cavalcanti”, é a mais bela obra de arquitetura de nossa cidade, e talvez a mais decadente de Alagoas. Foi construído em 1929 sob a administração do governador Alvaro Pais. Sua fachada de solidas colunas em contraste com seus similares em todo o Estado, lembra a imponência do celebre Partenon da velha Gracia. Visto de longe, todo ele é uma bela construção que meus olhos não se cansam de admirar. O largo portão de entrada é todo de ferro, em graciosos arabescos. Para dar acesso às salas de aula, há um outro portão, igualmente largo, trabalhado em losangos de vidros coloridos que constituem o enlevo da petizada de outrora. A decadência, porém, começa aí.

Os losangos quase desapareceram em sua totalidade, sob as mãos inconscientes de crianças – certamente menores abandonados – que têm como única ocupação um jogo estranho e criminoso: atirar pedras através do portão de ferro para ver quem acerta no vidro de cor determinada.

É lamentável o estado a que chegou o velho casarão! Nós, as gerações que passamos, temos para com o mesmo, uma dívida de gratidão: levamos através do tempo, os inestimáveis ensinamentos nele adquiridos, ensinamentos estes que foram a base, o pedestal das aspirações que tivemos, nos

²⁸ Prosa localizada no **Jornal de Alagoas**, na seção intitulada **Vida Municipal**, publicada no domingo correspondente a 20 de setembro de 1953.

largos caminhos da vida. E é este velho e querido Educandário que vejo decair dia a dia. Como seu estado de decadência se agravasse, os poderes competentes voltaram os olhos para ele. Para que fossem feitos os necessários reparos, durante o ano de 1951, as aulas foram ministradas na “Associação Atlética Palmarina” – o clube recreativo local. Efetivamente, seu prédio recebeu os primeiros consertos indispensáveis: novo telhado, encanamento da água, o qual, há anos não funcionava, pintura de paredes e janelas, apenas internamente. Contemplando por fora suas paredes enegrecidas pelo tempo e suas janelas desprovidas de pintura, temos a triste ideia destes velhos tumulos abandonados que se espalham ao longo dos cemitérios de aldeias. Com a diferença de que estes, ao menos, se retocam para os dias de Finados. No entanto, os reparos no Grupo Escolas ficam incompletos já lá se vão dois anos. Nos seis vastos salões de aula, como as cartor de “Vidas Secas”. Não vale téiras escolares não fossem suficientes para os 400 alunos de sua frequência diária, muitas crianças se sentavam à vontade pelo chão.

O que nos dá a ideia das antigas escolas, de nossos avós, em que os alunos se amontoavam pelos cantos, cantarolando “Um B com A, bê a Bá”. Para suprir esta necessidade, a Diretoria da Educação enviou, no ano passado, carteiras escolares que chegaram apenas para mobiliar cinco das seis salas, ficando, portanto, uma vazia, dado ao número excedente de alunos ou talvez a grande extensão das referidas salas. O que é certo, é que estas carteiras já se estão destruindo e, em breve, o velho casarão irá atravessar outra fase de aperturas, fazendo-nos recordar o provérbio: “Saiu da cinza para cair no rescaldo”. Material didático não há.

Outros moveis, inclusive birôs, estrados e cadeiras, tudo, o tempo levou. Em suas paredes nuas, não se vê uma carta geográfica, um mapa-mundi ao menos, para que a profes-

sora possa, embora vagamente, inculcir na cabeça do aluno a ideia de que a terra é redonda.

É uma ruína constrangedora. Tamanho abandono só é comparável ao abandono que sofrem as regiões nordestinas, assoladas pela sêca, estorricadas como quando “lama virou pedra e mandacaru secou”. Contudo, meu velho e querido Educandario não está de todo decadente. Ainda conserva seu ar senhoril, seu porte de linhas clássicas, lembrando os velhos nobres arruinados que encontramos aos montes nos romances franceses.

Quem foi rei, sempre tem magestade. Portanto, resta a quem de direito, zelar por nosso Grupo Escolar, por ser uma das belas contribuições do Estado e, do lado pedagógico, por estimular quem estuda e quem ensina. Segundo a pedagogia moderna, nada de ambientes fúnebres, nada de falta de conforto em uma sala de aula. E, em última hipótese, zelar pela conservação desse tradicional educandario não é prestar favor a A ou a B, é zelar pelo patrimônio do Estado de Alagoas.

2 UM VELHO TEMA: BRASILIANO SARMENTO²⁹

Em 1846, veio ao mundo em terras palmarinas, Brasileiro Olibio de Mendonça Sarmento, mais conhecido por Brasileiro Sarmento. Faleceu em 1931, após 85 anos de uma longa vida inteiramente dedicada ao bem estar e progresso de sua terra natal. É sem dúvida, um dos meus mais notáveis antepassados. Quando um grupo discute sobre sua personalidade, os ânimos se alteram e eis que surgem os insensatos ridicularizando este venerável palmarino, digno de nosso respeito e gratidão. Em geral, ele se notabilizou por ter sido possuidor de uma das mais solidas e malbaratadas fortunas das Alagoas. E em particular, pelos grandes benefícios que prestou à União dos Palmares. Benefícios estes que os descontentes, os ingratos, não querem reconhecer. A verdade deve ser dita, seja a que preço fôr. Logo, alguns fatos de sua vida têm, forçosamente, de vir a lume, para ver se assim fecham a boca os mal informados, sempre dispostos a menosprezá-lo, nunca a exaltá-lo. Pondo à parte o nome de família que nos é comum, pretende apenas defender aqui a memó-

²⁹ Texto publicado no dia 29 de setembro de 1953, na 2ª Secção do Jornal de Alagoas, intitulada **Vida Municipal**. Nele, Mariá fala sobre a ausência de reconhecimento dos palmarinos a figura de Brasileiro Sarmento, ao tempo em que critica o poeta **Jorge de Lima**. A ausência de simpatia pelo escritor é evidente em outras *prosas*. Ela alega que o ilustre poeta e romancista pouco se empenhou com o desenvolvimento da cidade natal.

ria de um velho matuto, incompreendido e sonhador. Sem saber por onde nem como principiar quero dizer mais ou menos ter sido Basiliano Sarmiento um carvalho gigantesco, à sombra do qual se sentavam muitas gerações palmarinas.

Pois bem, quando em nossas famílias surgem um elemento “seguro”, tipo característico do usurário, é comum ouvirmos a expressão: “Não nega ser parente de Basiliano”. Tãmanha falta de reconhecimento é revoltante, inacreditável.

Um usuario não tem os rasgos de generosidade que ele tantas vêzes demonstrou, dando a mão, como se diz usualmente, a muitos conterrâneos, parentes e forasteiros. E estas criaturas ainda hoje desfrutam seus benefícios, sem a menor parcela de gratidão a seu bem feitor. Uma de suas grandes qualidades era seu estranho amor à terra natal. Se negócios o chamavam à Maceió, de lá voltava no mesmo dia, constituindo uma faceta interessante de sua vida não ter passado sequer uma noite fora de seu velho soltar de azulejos. Como a língua humana é prodiga em maledicências, diziam esta sua pressa em voltar era com o fim de não gastar dinheiro em Maceió ou para chegar logo aqui, afim de se distrair “contando os cobres”.

Muitas lendas se criaram em torno de sua personalidade – umas graciosas, outras ridículas ou cômicas. Mas tudo isto só serviu para valorizar sua pessoa perante nós, seus admiradores. Minha velha e querida terra outro destino teria se um outro Brasileiro surgisse, com o mesmo espirito independente não subjulgado a facções políticas. O velho era bravo, justiceiro, mas nunca homicida. Consciente ou não, adotou um sistema social avançado: legalmente ou “in nomine” quasi todas as terras de União dos Palmares eram suas. O domínio, porém, era exercido com tanta abnegação que seu usufruto era revertido em benefício de seus arrendatários ou foreiros. As usinas açucareiras das ci-

dades vizinhas, sempre de olho em suas terras férteis para o cultivo da cana, jamais conseguiram comprar uma sua oportunidade por menor que fosse.

Está aí, evidente, seu entranhado amor ao torrão natal, pois, a seu coração de bom filho da gleba, repugnava ver suas terras passarem às mãos de estranhos. Preferia, portanto, vende-las modicamente a seus pequenos agricultores aos quais, muitas vezes, emprestava dinheiro para que, oficialmente, fosse consumada a transação. Além de tudo isto, a um cidadão desta tempera, os despeitados chamam “usurpador de terras alheias”. Os não usurpadores de terras alheias de nossos dias que lancem a primeira pedra... Podem protestar os descontentes, mas o velho Brasileiro foi uma notável figura de dominador que teve às mãos o governo do povo palmarino, já por sua ascendência econômica, já por sua ascendência patriarcal. Os que foram de seu tempo, os que acompanharam durante largos anos a brilhante carreira de sua vida, não negam ter sido ele um dos grandes Prefeitos de União dos Palmares. Eleito várias vezes, de suas sucessivas gerações, estão aqui. Provas incontestáveis: deu-nos o Cemitério Público, o Mercado municipal, a ponte sobre o Mundaú, não sei por quê, denominada “Rocha Cavalcanti”, os começos de nossa igreja Matriz; doou ao Estado uma Estação Experimental de Plantas Textéis onde se lia outrora em seu portão de entrada: Estação Experimental Basiliano Sarmiento”; lançou em algumas ruas os primeiros calçamentos, embora em pedra bruta.

Que mais se pode dizer sobre este benfeitor, oh! Meu povo incontestável”. Em sua memória ficou apenas uma praça com seu nome. Assim mesmo muitos espíritos de contradição reclamam esta modesta homenagem, achando-a imerecida. Este mesmo povo vai homenagear o poeta palmarino Jorge de Lima com um busto na mesma praça

“Brasiliano Sarmiento”. Estranha fusão! Já diz a sabedoria popular: “Quem a dois senhores servir, a um há de mentir”...

Jorge de Lima, inegavelmente é o que se pode chamar hoje uma legítima glória nacional. Mas, infelizmente, União dos Palmares nada lhe deve. Teve apenas a honra de lhe servir de berço e nada mais. Seu busto em praça pública, reconhecimento, é uma homenagem justa, mas, ao grande brasileiro que ele é. Porém a estatua de Brasiliano Sarmiento devia estar em sua praça pública, como uma homenagem muito mais justa em reconhecimento ao grande palmarino que ele foi.

3 UMA INICIATIVA LOUVAVEL³⁰

A tarde de domingo, 27 de setembro, foi uma tarde diferente, marcada no calendário de União dos Palmares. As 16,30, à rua Demócrito Gracindo, foi inaugurada a fábrica “Palmares”, primeira fábrica de doces construída no Estado, de propriedade do industrial Manuel Gonçalves, gerente da Algodoeira Lajense” em nossa cidade. O químico responsável por essa indústria é o dr. Newton Pereira Gonçalves, recentemente formado em Recife, jovem e trabalhador a quem confiamos o desenvolvimento e progresso da grande iniciativa de seu ilustre progenitor. A inauguração, compareceram as autoridades locais e grande parte do povo palmarino, que ver de perto, como se não acreditasse, esta prova concreta de uma indústria em nossa velha comunidade. A fábrica “Palmares” está instalada em um bonito prédio, construído especialmente para este fim, e sua maquinaria moderna, foi posta a funcionar pela primeira vez em exibição aos presentes.

Foram distribuídos em profusão, sanduíches e “bebidas” com uma garrafa de uísque. Está de parabéns o povo de União dos palmares. Tivemos a primazia de uma indústria em todo o território alagoano. Tanto que, seus impostos, vão ser dispensados durante cinco anos, em virtude de ser esta

³⁰ Texto publicado no dia 04 de outubro de 1953 (Domingo), na segunda seção, intitulada **Vida Municipal**, do **Jornal de Alagoas**.

a primeira fábrica de doces construída no Estado. Que isto não nos sirva somente de orgulho e sim, de estímulo. Nosso município fica na zona da mata, a mais rica de Alagoas.

Consequentemente, é um município rico, cheio de inúmeras possibilidades de progresso. Mas seu desenvolvimento é moroso, lento demais, em virtude do egoísmo de seu povo. Os ricos da terra nada fazem por ela, como se sua única função fosse apenas enriquecê-los e nada mais. E quando surge um batalhador da têmpera do industrial Manuel Gonçalves, aparecem os pessimistas com predições as mais descabidas. A falta de interesse que nossa gente tem pelo que é nosso, é tão evidente que, durante a solenidade de inauguração da fábrica Palmares”, alguém disse mesmo assim: “Qual! Nessa terra nada vai prá diante. Aqui enterraram uma caveira de burro”. Isto faz parte da credence popular, pois, quando se diz que num lugar enterraram uma caveira de burro, quer dizer que este lugar jamais há de progredir, faça o que se fizer em seu benefício.

Devemos, pois, deixar de lado estas frioleiras e fazer jús ao grande século em que vivemos. Uma indústria hoje, outra amanhã e em poucos anos teremos nosso lugar de destaque no seio da família alagoana. Com este incentivo que ora presenciamos, cuculará novo sangue na vida econômica de União dos Palmares, e as arrecadações que daí emergirem, irão, com certeza, facilitar a resolução dos angustiantes problemas de nossa administração pública.

O Executivo Municipal, por si só, não pode, absolutamente, arcar com a responsabilidade de bem desenvolver sua comuna. É preciso que venham em seu auxílio as iniciativas privadas como esta que acabamos de inaugurar, porque, as terras sem indústrias jamais passarão de porta da cozinha das terras industrializadas. Imitar o exemplo do snr. Manuel Gonçalves é um dever que se nos impõe. Como

seu espírito é o de um legítimo batalhador, pedimos que nos ajude a “desenterrar a caveira de burro” que, certamente, foi fincada aqui, em tempos remotos, por algum negro mal-intencionado dos Quilombos de Zumbi.

União dos Palmares, 29-9-953.

4 UM JÚRI QUE APAIXONOU A OPINIÃO PÚBLICA³¹

Em união dos Palmares, realizou-se a 3ª anual do Juri, no dia 8 do corrente mês. Compareceram à barra do Tribunal 4 réus, todos responsáveis por crimes de morte, dois dos quais apaixonaram a opinião pública, em virtude da insignificancia por que foram cometidos. Nestes casos, são várias as controvérsias. Criam-se, instintivamente, aí correntes “pró” e “contra”, como se se tratasse apenas de simples facções políticas, e não de quatro vidas inopinadamente de quatro vidas inopinadamente devolvidas, somos uma gente que dá 10 mil cruzeiros por um revolver e não dá 10 cruzeiros por uma vida humana. Isto talvez tenha acontecido em tempos que longe bem longe vão.

Não somos mais os bárbaros de outrora, porém não atingimos ainda o grau de desenvolvimento moral capaz de ser apontado com orgulho às gerações vindouras. Nosso impulso de civilização se fez sentir, como agora, quando aplicamos o castigo merecido a quem ousou afrontar os direitos alheios. Se bem que seja de um modo vago, impreciso, inacabado, vamos caminhando de encontro a uma civilização renovada e superior que nos vai, pouco a pouco distendendo os horizontes para as conquistas definitivas. Quando um elemento entre nós, traz em si o germe da destruição, o

³¹ Texto publicado no dia 18 de outubro de 1953 (Domingo), na segunda secção, intitulada **Vida Municipal**, do **Jornal de Alagoas**.

resultado não se faz esperar: pega o justo pelo pecador. Cai certamente em desagrado quem ousa desafiar a opinião dos espíritos mórbidos que apoiam o crime de morte. Já não somos um povo bárbaro, e sabemos que o mais sagrado dever do homem, é o respeito pela vida humana. Mas os atentados contra ela é hoje um fato corriqueiro e muitos dos quais ficam na impunidade. Alguns delinquentes, às vezes, são pessoas nossas, educadas, ordeiras, de quem não temos a menor queixa pessoal, e portanto, nada contra elas. Porém, vemo-las por um prisma diferente e temos um sentimento de revolta contra os crimes que cometeram. E daí surgem os mal entendidos a ponto de desvirtuarem o sentido da palavra “Justiça”. Não é preciso ser criminalista ou doutor em leis para se compreender esta palavra em toda a extensão de seu significado. Justiça não é coisa que se pratique por conveniência pessoal. É algo intocável, é um sentimento que trazemos arraigado na perpetuidade de nosso sangue. É um sentimento congênito e não adquirido. E foi este sentimento que se distendeu sobre os 4 infratores da lei, julgados no dia 8 do corrente mês. Nossa última sessão do Juri, em União dos Palmares, atuou como auxiliar de nosso integro Promotor Público, o sr. Luiz Montenegro, funcionário da Caixa Economica em Maceió. Apesar de ainda cursar o 2º ano de Direito, o referido acadêmico se desincumbiu de sua missão, de um modo magnífico, com elegância, estilo e educação, qualidades estas que nem sempre demonstram aqueles que, num plenário, dizem: “Eu acuso o réu presente”. A eloquência do sr. Luiz Montenegro causou viva impressão no seio da família palmarina. Fazemos votos para que sua carreira se complete com a mesma capacidade que está demonstrando em seus primórdios. Como advogados da defesa, atuaram não menos brilhantemente, Dr. Pedro Barbosa, conhecido causídico alagoano, Dr. Valdir Andrade, vindo de

Recife especialmente defender aqui um seu constituinte, e o dr. Paulo de Castro Sarmento, o jovem advogado palmarino que, com sua palavra vibrante, sempre fez valer a força do Direito no seio de nossa comunidade. O Juiz de Direito desta Comarca, Dr. José Pantaleão Neto que é, indiscutivelmente, um dos grandes magistrados de Alagoas, presidiu a sessão do Juri, com a retidão e integridade que lhes são peculiares.

Os trabalhos de julgamento se desenrolaram num ambiente de paz, harmonia, tendo os jurados palmarinos agido com plena liberdade. Assim, União dos Palmares não desmentiu sua tradição de ter sido o berço do primeiro grito de liberdade nos vastos horizontes do Brasil.

palmarino ficou por muito tempo representando simbolicamente o caboclo nacional: de cócoras, cigarro de palha no canto da boca, cismado à porta da cabana. E assim, longos anos passou esta boa gente de inspirada contemplação, adivinhando e definindo as necessidades de sua gleba. E como era natural, chegou a reação. A guisa de esclarecimento, digo não ser nossa terra decadente como se diz por ai.

Acontece apenas que seu progresso é lento, tão lento que passa a ser enervante. Ultimamente, porém, as coisas melhoraram aqui por estas bandas do Mundaú. Para nós, os menos favorecidos da terra alagoana, são acontecimentos dignos de nota, a fundação do Ginásio “Santa Maria Madalena”, a fábrica de doces “Palmares”, primeira e única no Estado e a fundação de uma exemplar Biblioteca Pública. No meu modo de ver é benefício de mais para um povo que não sabe compensar os esforços que se faz em seu favor. Contudo, alguma coisa estava faltando para que se completasse o ciclo de instituições que veio melhorar a vida rotineira da nossa pequena cidade. E então surgiu algo que com certeza um sonho de tão longa data acalentado por todos os corações bem formados – um abrigo para os sem lar e sem pão. Desde 1948, a Sociedade São Vicente de Paula vem distribuindo

³² Texto publicado no **Jornal da Alagoas**, no dia 25 de outubro de 1953 (Domingo), na segunda seção, intitulada **Vida Municipal**.

semanalmente, entre seus protegidos, pequena quantia que muito fica a desejar em virtude de suas precárias condições financeiras.

União dos Palmares parece ter a primazia entre outras cidades, em relação ao número de menores e velhos desamparados. É vergonhoso e deprimente para nossa sociedade, ver parte de seu povo faminto, sem lar, como se a infelicidade de guerra nos tivesse tocado bem de perto. Vivemos fartos e em paz de espírito. Cabe-nos, portanto, fazer com que esta paz de espírito, esta fartura abranjam também os menos favorecidos da sorte, sob o nome de Caridade. Para que tivesse fim tão triste situação, nosso esforçado pároco – Conego Clovis Duarte de Barros, lançou a campanha da “Casa do Pobre Santo Antonio”. No mês passado foi realizada a benção da primeira pedra para a construção do prédio, em terreno doado pela Prefeitura, à rua do Hospital. Compareceram a este ato, representantes de todas as classes.

Após a solenidade da benção, o Conego Clovis apresentou o “Livro do Ouro Santo Antonio” para receber assinaturas dos colaboradores da Casa. É um feito arrojado, esta iniciativa de nosso abnegado Paroco, pois, segundo a planta que foi traçada, as despesas estão avaliadas em Cr\$ 386.000,00 do Governo Federal. Prodigios de malabarista vamos fazer para conseguir os Cr\$ 286.000,00 restantes. Para amenizar a responsabilidade do fundador de tão meritório empreendimento este espírito bem formado que é o Conego Clovis Duarte de Barros – as professoras do Grupo Escolar “Rocha Cavalcanti”, angariaram pelas fazendas circunvizinhas, produtos de suas terras para, na noite de sexta-feira próxima, ser realizada uma festa livre, à Praça Brasileiro Sarmiento, revertendo o lucro em favor de nossa casa do Pobre. Também para o mesmo fim, a “Associação

Atletica Palmarina” realizará em seus salões, no próximo dia 31, um bingo com três valiosos prêmios.

Que estes exemplos de abnegação e trabalho, toquem o coração dos potentados da terra para que eles sintam bem de perto às dores da Humanidade, sintetizados nas dores de um punhado de palmarinos desamparados que têm o mesmo direito a um lugar a vida como nós temos, e vivem sob este mesmo Cruzeiro do Sul que nós vivemos.

6 UM APELO À SAÚDE PÚBLICA³³

Em União dos Palmares, qualquer observador menos perspicaz nota a disparidade entre a maneira por que é administrada sua vida pública e o modo como deveria ser consagrado aqui, o labor das grandes realizações que criam para um país a escola politécnica do liberalismo e da verdade. Não essa política geradora de partidos, por amor dos quais, os homens se engalfinham e se entredevoram. Cem anos de experiência na vida, jamais me farão compreender a razão por que este grande pedaço do mundo que é o Brasil, é como uma cobaia no vasto laboratório das perigosas pesquisas faccionárias. Uma comunidade que se preze pode viver à margem da política fadada a corrompê-la. Mas nunca, desmembrada de uma política que encaminha e equilibra os Estados, evitando-lhes os antagonismos.

Talvez União dos Palmares não fuja a tal exceção. Seus horizontes permaneceram nublados por muitos anos, sem esperanças de melhores dias. Porém nossa vida administrativa, ultimamente, vem se desenvolvendo de um modo animador, a caminho das grandes inovações. Entretanto, é cedo para cantarmos vitória. A par de nosso ajustamento a uma vida mais digna de nós, há graves “senões” que vêm perturbar a boa marcha de nossos melhoramentos.

³³ Texto publicado na segunda secção intitulada **Vida Municipal**, do **Jornal da Alagoas**, no dia 08 de novembro de 1953 (Domingo).

Para exemplificar, vejamos: há uma absoluta falta de vigilância por parte da Saúde Pública em alguns bares e “cafés” desta cidade. Quem, por ventura, entrar numa destas casas de diversão, sentir-se-á enojado com o mau cheiro que se desprende de seus interiores. E isto não é mais que a falta do cumprimento a um elementaríssimo preceito de higiene: construção de gabinetes sanitário. A Saúde Pública deve atentar para esta falha, deve cooperar para o completo saneamento de uma zona que está sob sua jurisdição. O caso requer imediatas providencias e estas devem ser tomadas, começando por intimar os proprietários das casas de diversão a construir em seus prédios, gabinetes sanitários, com a máxima brevidade. Tamanha falta de higiene é imperdoável numa cidade limpa como a nossa, de um relativo movimento, e onde aqueles lugares públicos são bastante frequentados. Se a Municipalidade palmarina conserva limpos os exteriores desta cidade, e a Saúde Pública vai deixando sujos os seus interiores é como quem diz – Cobrir um santo e descobrir outro. E aqui está feito nosso apelo às autoridades competentes. Além de pedirmos zelo para a saúde de nosso povo reconhecidamente são, há uma forte dose de vaidade em não querermos ter semelhança com a “Maria Pão” da celebre modinha popular: “Por cima fitas e rendas e por baixo molambos, só”.

7 UM JULGAMENTO RUMOROSO³⁴

No dia 28 de janeiro próximo passado realizou-se, nesta cidade, a primeira sessão do júri do corrente ano. Foi submetido a julgamento o réu Nerecinor Sarmento Pereira, acusado do crime de morte, na pessoa de seu vaqueiro Joaquim Lourenço, vulgo “Juca”, fato ocorrido em São José da Laje, em março de 1953. Depois de ter cumprido o tempo de prisão regulamentar na penitenciária de Maceió, o citado réu foi recolhido à Cadeia Pública desta cidade, onde aguardou julgamento. O dia 28 de janeiro marcou época nos anais da história jurídica desta comarca. A sessão foi realizada na “Associação Atlática Palmarina”, com uma assistência invulgar, em virtude de Nerecinor Sarmento Pereira ser pessoa de destaque nas sociedades lajenses e palmarina.

União dos Palmares, neste dia memorável, estava como que em festa: caminhões, automóveis, ônibus, todas as espécies de veículos transitavam por nossas ruas, à maneira festiva dos grandes acontecimentos sociais. Porém, por crime de morte, pairava a uma comuníssima sessão do júri. Matar é crime. É a maior infração ao Código Penal de

³⁴ Texto localizado na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**, com data de publicação correspondente a 07 de fevereiro de 1954 (Domingo). A partir da referida data, o jornal passa a destinar uma página apenas às notícias ou reflexões referentes aos municípios alagoanos. O referido ano também se destaca por ter maior número de publicações da professora.

qualquer país civilizado do mundo. Todos se voltam contra o criminoso, sem atentar nas circunstâncias por que fora cometido o crime. Todos se arvoram em juizes. Todos querem condená-lo sem reparar nas espécies de crimes que cometeram pela vida a fora. Nerecinor foi, caso raro no Tribunal do Juri de União dos Palmares, absolvido por unanimidade de votos. Um exaltado, não se conformando com a decisão destas sete consciências que julgaram um matador, disse termos voltado aos tempos bárbaros em que nossos avós, para experimentar o calibre de um revolver recém-adquirido, disparavam alguns tiros no primeiro caboclo de suas terras que tivesse a desventura de, no momento, ir passando ao alcance de sua mão assassina. Não. Estes tempos há muitos, se distanciaram de nós. De nossos bárbaros antepassados não herdamos, felizmente, sua terra sanguínea. Deles, apenas nos restam fragmentos de lembranças das coisas que ouvimos desde nossas infâncias, coisas estas que nos causam dó e compreensão em vês de ódio, pois nossa mentalidade de hoje está mais arejada, mais avançada do que a mentalidade de quem viveu há 50 ou 60 anos passados, sem ou com poucos vestígios de uma civilização da qual hoje usufruímos seus benefícios.

É um grave deslize de caráter nos metermos à “palmaria do mundo”. Faço esta advertência aos mal-informados: nossa gente não se corrompeu nem se deixou embalar em promessas neste espetacular julgamento por crime de morte. Imperou no caso algo de imponderável, qualquer coisa acima do direito de julgar quem saiu dos caminhos retos da lei. Pela primeira vez, em nossos meios jurídicos, a política se intrometeu num assunto que só diz respeito à Justiça. Algumas pessoas, rivais de Nerecinor Sarmento Pereira, por motivos políticos e pessoais, tentaram subornar as consciências dos jurados, para que assim ficassem

desagravados de suas paixões que não nos dizem respeito. E onde está a liberdade de pensamento que é o maior bem da espécie humana? Se é crime não julgar devidamente um criminoso de morte, maior crime é tentar subjugar a consciência alheia. O povo desta terra prima por seu espírito de independência, pois herdamos de nossos antepassados – os negros de Zumbi – esta liberdade de ação, esta liberdade de pensamento nas menores e maiores coisas que regem os atos de nossa vida. Cooperando conosco, em tão melindroso acontecimento. Tivemos como advogados de defesa, os drs. Ulisses Braga, Carlos Garcia e Petronio Sarmiento. Ulisses Braga, já o sabemos, é um renomado jurista alagoano e jornalista de mérito indiscutível. Seu método claro e simples de expor seus pensamentos eletrizou a assistência de tão rumoroso caso. Por trás bem de sua modestia que tão bem conhecemos, esconde-se o orador de fibra, o homem entendido em leis que no momento oportuno, sabe impor seu verbo em favor de causas justas e humanitárias. E, sem favor nenhum, uma personalidade, na expressão máxima da palavra. Carlos Garcia, advogado sergipano, há alguns anos radicado entre nós, é outra personalidade que empolgou a gente palmarina já por sua cultura jurídica, já por seu ardor e entusiasmo para com a digna profissão que abraçou. Descrever esta notabilidade é tarefa árdua demais para mim, ignorante das grandes expressões que revelam o pensamento humano.

Petronio Sarmiento, jovem advogado palmarino, nos primórdios de sua carreira, foi um elemento marcante no caso Nerecinor. Orgulha-se nossa terra deste jovem impetuoso e apaixonado que tão bem sabe se expressar, fazendo com que a verdade se aclare nos cerebros mais obtusos. Na acusação estava o Promotor Público de São José da Laje, dr. José Cesar Sobrinho, em substituição ao dr. Zaneli do Couto

Malta, Promotor Público desta Comarca. Como ajudante da acusação, tivemos a figura inconfundível de Lincoln Cavalcanti, advogado alagoano que dispensa comentários.

O dr. José Pantaleão Neto, Juiz de Direito desta Comarca, presidiu a sessão do Juri com sua conhecida imparcialidade. Enfim, União dos Palmares voltou mais uma página no livro de seus grandes acontecimentos.

8 MUITO GRATA, SNRS. CANDIDATOS³⁵

Ainda este mês recebi, já um pouco fora de época, mais 5 cartões de, “Boas Festas” e “Feliz Ano Novo” que me mereceram especial atenção. Antes, porém, que os agradeça coletiva e publicamente, faço uma ligeira referência a duas relevantes obras públicas, recentemente entregues à municipalidade palmarina.

Estes acontecimentos dignos de nota, foram: a inauguração do serviço de luz elétrica do povoado Barra do Canhoto e a entrega, a esta cidade, de um novo Grupo Escolar, denominado “Jorge de Lima”.

As duas solenidades, respectivamente nos dias 1 e 2 do corrente mês, compareceu o exmo. sr, governador do Estado com uma seleta comitiva. Principalmente a criação de um novo Grupo Escolar, era, para nós, uma necessidade de primeira ordem, pois constituía um sério problema esse de matricular todos os anos, aproximadamente 500 alunos numa única escola, ou seja, no antigo educandário “Rocha Cavalcanti”. O Povo palmarino não é indiferente aos benefícios que tem recebido do atual Grupo do Estado. Nosso município é um dos que mais tem contribuído para a independência econômica das Alagoas.

Não há exagero nesta afirmativa. No entanto, União dos Palmares é como um velho servidor de Estado – assíduo

³⁵ Texto publicado na **Página dos Municípios**, do **Jornal de Alagoas**, no dia 21 de fevereiro de 1954 (Domingo). Conforme a prosa, é perceptível à condição de Mariá no Município e no Estado de Alagoas. Ela já era politicamente influente.

ao trabalho, cumpridor de seus deveres e do Regulamento da Casa, porém, mal remunerado. Mas a sabedoria nos ensina dar tempo ao tempo. Este o nosso lema.

Um benefício hoje, outro amanhã, e em breve o Estado salvará a dívida que tem conosco.

—*—

Voltando ao assunto inicial destas despretensiosas linhas, agradeço de uma vez por todas, a nada menos de 12 cartões de “Boas Festas” e “Feliz Ano Novo”, 5 dos quais recebi há poucos dias. Todas estas mensagens vieram da parte dos senhores deputados ou candidatos a quantas sinecuras a política inventou. Ao se aproximarem as eleições, é pública e notória a atitude dos futuros salvadores da Pátria. Se estamos na época das festas, expedem-nos mensagens cordiais. Se nos encontram nas ruas da capital, lá vêm os risinhos agradáveis ou das palmadinhas amigáveis nas costas. Ou então, abraços extemporâneos que deixam o pobre provinciano alarmado, o matuto: “Será que esse cara enlouqueceu?”

A situação se agravou de tal maneira que, mal encontro um amigo leal dos velhos tempos, todo sorrisos e abraços eu me pergunto já um tanto desconfiada “Candidato a quê?” Sou uma obscura provinciana, aqui das margens do “Mundaú”, mas não uma simplorinha, e sei que por trás de tanta cordialidade, de tanta amabilidade, está um sutil pedido de voto, é claro.

Votar faz parte dos deveres e direitos do cidadão. Como cidadã brasileira comparecerei às urnas nas próximas eleições.

Mas... há sempre um “mas” para atrapalhar a boa marcha da gente e das coisas como a desconfiança é o traço marcante de meu caráter —³⁶

³⁶ O texto está incompleto porque o jornal mantivera a parte seguinte desgastada e, por tal motivo, ilegível.

9 RECADO PARA JOÃO YÔYÔ FILHO³⁷

Em dias da semana que passou um amigo da capital recomendou-me que lêsse seu artigo intitulado “Que lhe aconteceu?”, publicado na “Página dos Municípios” de domingo passado. Agradei a atenção não deixando de achá-la desnecessária, porque já se me tornou um hábito ler aos domingos a “Página dos Municípios”, feliz iniciativa do diretor do JORNAL DE ALAGOAS.

Escrever agora sobre a finalidade de sua inovação em nosso meio jornalístico torna-se inútil, uma vez que você, domingo, tão brilhantemente o fez. Li o seu artigo. No entanto, achei imerecidas suas elogiosas palavras à minha pessoa. Vamos que eu seja literata³⁸ aqui na terrinha porque, “em terra de cego...” Mas, o que não é admissível é você estabelecer um paralelo entre minha mania de riscar no papel e a capacidade de bem escrever de elementos que nos têm dado provas de uma inteligência incomum. Refiro-me a você, meu prezado articulista e mais a Romildo Monteiro da Silva, Miguel Bulhões, José Branco, meu amigo Néo Fonseca, Valdemar de Souza Lima, Pe. Dimas³⁹ e todos final-

³⁷ Texto publicado no dia 16 maio de 1954 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal da Alagoas**. Nele Mariá agradecera pelo elogio de *literata* que recebera de **João Yôyô**, em texto intitulado “**Que lhe aconteceu?**”, publicado na página dos municípios no domingo anterior a este (09-05-1954).

³⁸ Índícios de que ela já era definida como literata nesse período no estado.

³⁹ Jornalistas que assim como ela escrevem para a **Página dos Municípios**. A estes, direcionara os elogios que recebera de **João Yôyô**.

mente que em conjunto enriquecem periodicamente nossa “Página dos Municípios” com seus artigos, verdadeiras joias da literatura provinciana. A estes, sim, eu chamo legítimos mestres na arte de bem escrever sobre os anseios de suas respectivas comunidades.

Aproveitando o ensejo, respondo às três perguntas finais de seu artigo. Não, meu amigo, eu não mudei de residência. Não sou ave de arribação e nem tão pouco me mudei para o sul num “pau de arara”. Estou presa a esta gleba com raízes profundas, bi-seculares, pois faz precisamente duzentos anos que fundaram a então vila de Macacos. Sempre fui contra o êxodo que constantemente despovoava nossos rincões. Como precisamos fixar à terra elemento útil, aqui permanecerei até voltar ao seio da terra-mãe. Também não adoeci. As mazelas que o tempo impinge ao elemento humano, eu nunca as experimentei. Até hoje, nada abalou minha vitalidade orgânica. Finalmente você quer saber o que me aconteceu. Nada. Meu temporário afastamento da “Página dos Municípios” talvez seja motivado por uma preguiçazinha de escrever, talvez por falta de assunto. Ou mais acertadamente, é que eu não quero ferir suscetibilidades. As coisas deste lado do Mundaú dão às vezes verdadeiras cambalhotas e escrever sobre as mesmas é criar casos, levantar questões. Acontece que sou pacífica por natureza e meu lema é viver em paz com Deus e com o Diabo. Por isso fico na expectativa de um bom tema para dissertar e assim passam-se os dias que se vão amontoando no tempo, transformando-se em semanas que por sua vez transformam-se em meses. E nada feito. No entanto, tomando suas palavras exemplo por estímulo, reiniciarei minha colaboração para a “Página dos Municípios”, não como “glória das letras” segundo suas bondosas palavras e sim como um verdadeiro porta-voz da coletividade palmarina.

10 HERANÇA DE PRIMO POBRE⁴⁰

A fundação da Biblioteca Pública “Jorge de Lima” foi um dos maiores benefícios que União dos Palmares recebeu da municipalidade em 1953⁴¹. Seu mobiliário moderno e confortável, nada fica a dever em relação a seus similares das grandes Bibliotecas. Lançamos a Campanha do Livro que imediatamente se espalhou por todo o território alagoano. Também nos dirigimos ao Instituto Nacional do Livro o qual atendeu prontamente ao nosso apelo.

Não esquecemos o velho e querido Portugal, a meu ver, o maior e melhor amigo do Brasil. De la nos veio e continua vindo o que nossa Biblioteca tem de essencial sobre a literatura das duas grandes Pátrias irmãs. Ora se nossa iniciativa foi bem acolhedora em terras ultramarinas, por que não tivemos a mesma sorte do lado de cá? Aqui, em União dos Palmares, distribuímos 400 circulares pedindo um livro no mínimo. A estatística foi constrangedora: somente

⁴⁰ O texto foi publicado em 23 de maio de 1954 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**. A professora criticara, mais uma vez, as atitudes do poeta **Jorge de Lima**, ao referir-se à fundação da biblioteca pública de **União dos Palmares**. Este havia falecido no dia 15 de novembro de 1953, seis meses antes.

⁴¹ O ano de fundação da **Biblioteca Jorge de Lima** coincide com a época na qual **Mariá** fizera uma crítica ao poeta e elogiara o, segundo ela, esquecido **Brasiliano Sarmento**. É possível que a proposta de erguer um busto em homenagem a ele na Praça Brasiliano Sarmento, de União dos Palmares, tenha sido concomitante à abertura da biblioteca, ou decorrente dela.

20 livros nos chegaram às mãos. E das 200 circulares enviadas para os outros municípios do Estado, 5 apenas. O resto ficou em promessas; que esperemos, que os livros cheguem, etc. Estamos esperando, amigo. Em promessas nossa gente é fértil – promete mais do que político em tempo de eleição.

Mas não há que desanimar. Um livro hoje, outro amanhã e em breve terá União dos Palmares uma casa de livros modelo. As esperanças do povo palmarino, nesse sentido, voltaram-se então, para o patrono de nossa Biblioteca – Jorge de Lima, o mais ilustre filho desta terra. Daqui seguiu, é claro, uma circular solicitando-lhe um livro ao menos. E surgiram boatos os mais descontraídos, pois nisto é rica a imaginação popular. Quantos livros mandar-nos-ia o Dr. Jorge de Lima? Cem? Duzentos? “Que nada” dizia um. “Vem uns 2.000”, asseverava outro. Um terceiro disse ter li-no mesmo, pois a viúva Jorge de Lima cuminava-lhe estar à visando-o providenciasse a remessa de 12.000 volumes para a Biblioteca de União dos Palmares. Como de esmola grande o pobre desconfia e achando 12.000 uma cifra astronômica, procurei o prefeito afim de obter uma informação precisa. De fato, o telegrama lá estava não com o exagero de que falavam. Mas talvez viesse a dar no mesmo, pois a viúva Jorge de Lima comunicava-lhe estar à disposição desta Prefeitura, parte de Biblioteca do ilustre desaparecido. Criei alma nova. Receber parte de uma Biblioteca igual a do Dr. Jorge de Lima, não é coisa que se repita duas vezes em cem, anos. Outra onda de boatos e finalmente os livros chegaram. Desencanto geral. Dentro de dois enormes caixões vimos apenas 885 alfarrábios provavelmente excedentes de uma limpa que fizeram na Biblioteca do grande palmarino. Eis a nossa tão propalada herança: 260 romances sem nenhuma importância, a não ser para os leitores do gênero; 151

livros dessas ridículas poesias futuristas⁴²; 300 volumes de línguas estrangeiras, a maioria sem capa e finalmente 174 folhetos de propaganda, absolutamente desnecessários. A conclusão de tudo isto é que fomos logrados em nossa boa fé. É como se União dos Palmares com sua insignificância pagasse com isso o crime de ter sido o berço de tão ilustre personagem. Escolheram o homem, numa homenagem justa, para patrono de nossa Biblioteca e, coroando a obra, seu busto que oportunamente será colocado em praça pública. Não me sinto agradecido com tão volumosa doação. Considero isto o que se costuma dizer, uma legítima bofetada com luva de pelica. Nosso eminente conterrâneo, cuja fama transpôs as fronteiras da pátria, foi uma personalidade que certamente marcará nova época na vida literária do Brasil. Não desconhecemos seus méritos como poeta, medico, escritor, pintor e tantas coisas mais.

Porém em seu cerebro privilegiado talvez por causa dessa profusão de conhecimentos, jamais sobrou lugar para um pensamento dedicado à sua terra natal. Em sua vida tanto se lhe dava que União dos Palmares levasse ou não à breca. E os palmarinos aqui, fizeram o papel de pobretões, desses que tendo um parente rico e prestigiado propalam aos quatro ventos o honroso parentesco, ao passo que o potentado chega ao cumula de negar os laços de sangue que os une. Basta de reflexões filosóficas. Só nos resta a obrigação de agradecer ao “primo rico” a herança de “primos pobres” que recebemos.

⁴² Fizera uma breve crítica a poesia Moderna.

“E escrever ou não escrever” foram as palavras que batizaram o esplêndido artigo de José Brandão, publicado domingo na “Página dos Municípios”. O fecundo articulista palmeirense está ressentido com o modo por que andam as coisas lá na sua terra e por isto nos enviou o seu “canto de cisne” – Lanço daqui o meu protesto pois não compreendo a “Página dos Municípios” sem a sua valiosa cooperação. Referindo-se a esta atitude, através desta coluna disse muito acertadamente Miguel Bulhões: “Nem em todas as vezes e nem em todos os tempos se pode pintar com cores róseas o que exige que se pinte com cores pretas”. Este o caso de Palmeira dos Índios, União dos Palmares, e de todos os municípios espalhados por esta vastidão de terras que é o Brasil. E como tal, União dos Palmares não foge regra. Sua Municipalidade na pessoa de Antonio Gomes de Barros, resolveu graves problemas que às administrações anteriores pareciam insolúveis. Não adianta elogiar nem criticar porque os fatos aqui estão, falando por si. É claro que só aos poderes competentes cabe com que seja respeitado na íntegra o nosso código de Posturas Municipais. Mas há certos deslizes. Exemplifiquemos um: animais que andam pas-

⁴³ Texto publicado no dia 30 de maio de 1954 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

sando (*trecho ilegível*) ita no coração dessa cidade, ou seja, na avenida João Pessoa, nosso principal logradouro. Entre suas formosas aleias houve, a poucos dias, uma singularíssima cena que lembrou perfeitamente as famosas touradas de Madri. Por ali pastava uma vaca não se sabe de quem e que, inospitadamente, levantou em seus poderosos chifres um incauto aleijadinho que por ali passava a pedir esmolas. E o feroz bovino ficou algum tempo jogando com a infeliz criatura a brincadeira de gato com rato, até que intrépidos circunstantes com risco de suas próprias vidas, livraram-na de u'a morte pouco digna de uma criatura humana. (Casos como este talvez passem despercebidos à mentalidade adaptável de nossa gente, mas a olhos estranhos isto recomenda mal a uma comunidade ciosa de seus zelos administrativos (Façamos votos para que nunca mais se repita esta macabra cena de tourada em União dos Palmares. Portanto, senhores representantes do povo palmarino, menos queiras e mais interesse para com os problemas da terra que nos é comum. Se assim o fizerem, estarão contribuindo para o progresso e a intensidade de vida de União dos Palmares, ligando-a ao espírito da época.

12 MENDICANCIA, UM FLAGELO⁴⁴

Este século não me encanta por suas maravilhosas invenções nem me deslumbra pelo desafio do engenho humano às sabias leis da natureza. Quizera ter desabrochado para a vida, numa época em que a identidade de sentimentos, de idéias e de inclinações irmanasse as criaturas de todas as latitudes do mundo. Infelizmente o homem de hoje não vive submisso aos grandes ensinamentos da humanidade. Se assim o fosse, a mendicância seria um fato constrangedor. Devemos por obras de caridade, de pensamentos e palavras sãs, debelar este flagelo pior que o câncer cuja causa e origem vêm desafiando a perspicácia dos grandes cientistas do mundo. Para infelicidade nossa, o número de mendigos cresce assustadoramente nas ruas desta cidade que caminha a passos largos para um futuro promissor. Por associação de idéias ao ver, às sextas-feiras, legiões de famintos nos bater à porta, penso ter chegado até nós uma leva de guerra vindo da Coréia ou de um campo de concentração. A's vezes encontro criaturas maltrapilhas, símbolos da decadência humana, chorando pelas esquinas. Pergunto-lhes por que charam. “Estou morrendo de fome” é a resposta categórica. Sinto uma revolta no amago do meu ser. Penso. Há qualquer

⁴⁴ Texto publicado no dia 06 de junho de 1954 (Domingo), na **Página dos Municípios**, do **Jornal de Alagoas**. Nele Mariá falara sobre a condição dos moradores de rua e mostrara-se indignada com a desigualdade social vigente.

coisa errada que não consigo focalizar⁴⁵. De repente, se faz luz em meu cérebro. Lembro-me das milhões que a nação esbanja com suas sinecuras e “mamatas” para que os desprovidos vivam errando pelas ruas a mendigar o que comer. Penso também nos milhões gastos perdulariamente com os senhores representantes do povo para que eles, nas assembleias, se entredorem por amor a legendas simbólicas. E a solução de um problema rudimentaríssimo como é o da mendicância vai ficando para trás. No entanto, as coisas não estão de todo perdidas para nós palmarinos. Iniciamos o combate à mendicância e havemos de vencê-la. Para isso, contamos com a tenacidade do Cônego Clovis Duarte de Barros, vigário desta paróquia. Graças a seu dinamismo e a sua tendência inata de fazer o bem, a “Casa do Pobre” se já não é mais um sonho, será muito em breve uma feliz realidade. A flama que alumia tão grande iniciativa, não se deve pagar; deve pairar bem alto, deslumbrando os olhares indiferentes e dissipando as brumas dos espíritos de má fé.

Concluindo esta grandiosa obra, não estamos correndo para o progresso de uma comunidade, Estado ou Nação. Estamos praticando um dos belos ensinamentos da cristandade: “Amai ao próximo como a si mesmo”.

45 Expusera sensibilidade com aqueles em condição econômica subalterna.

13 VALORES PALMARINOS⁴⁶

Não sei por quais circunstâncias, há poucos dias um emproado turista veio parar aqui. Torceu o nariz a tudo, entediou-se, naturalmente, e disse cheio de desprezo: “Vocês aqui não vivem vegetam”. Achou esta terra insignificante demais para ser habilitada. E como chegou, partiu – inesperadamente.

O pobre judeu errante pensou que União dos Palmares fosse apenas um desprezível ponto de referência na geografia do Brasil. Não. Nossa terra é algo mais. Pelo menos é um baluarte na vida econômica de Alagoas, sendo consequentemente um dos esteios da Federação Brasileira. Mesmo que seus 709 quilômetros quadrados de terras férteis não trouxessem nenhum proveito para a comunidade alagoana, aqui está a serra da Barriga, berço do primeiro grito de liberdade nos horizontes do Brasil. De lá se insurgiu a república negra de Zumbi, chamando liberdade para sua raça oprimida.

União dos Palmares tem outros valores indiscutíveis: seus filhos que, através de sucessivas gerações, se salientam em diversas atividades. Em torno de seus méritos não seria justo fazer – silêncio. Em primeiro lugar, vem o poeta Correia de Oliveira, que o Brasil de trinta anos passados conhe-

⁴⁶ Texto publicado em 20 de junho de 1954 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**. Nele, a autora falara sobre a cidade de União dos Palmares e as qualidades nela existentes.

ceu e admirou. Aos cinquentões de hoje pergunto eu: quem não conheceu o vulto notável de Tertuliano de Castro? Seresteiro da velha guarda, beberão incorrigível, pelo que se conta a seu respeito, foi a figura mais culta de minha ascendência materna. Declamava os “Lusiadas”⁴⁷ da primeira à última estrofe. E eu, na ignorância de meus oito anos, dizia às companheiras de grupo escolar: “Tio Terto sabe uma reza danada de grande”. Morreu quando eu era criança ainda, mas com idade bastante para compreender que ali estava um legítimo valor provinciano.

Dr. Jorge de Lima⁴⁸, o grande palmarino há pouco desaparecido, figura internacionalmente conhecido nas letras, por seu mérito dispensa comentários. Da mesma geração, temos Abellard de França e Mac-Dowel de Montenegro, jornalista e escritor radicados no Rio de Janeiro. E José de Gois Andrade? Nosso Zezé de Gois é uma cultura viva revestida de modéstia. O velho matuto palmarino é uma das poucas pessoas a quem admiro por sua inteligência excepcional, verdadeiro manancial de conhecimentos. Rivalizando com ele, surge esta personalidade que é Josafá Couto, atual agente do I.B.G.E. em nossa cidade. Filho desta terra, já se salientou nas letras pernambucanas quando estudante em Recife. É autor de importantes trabalhos literários, destacando-se, no gênero da poesia, pela forma de que se reveste, o intitulado “Ao Serrot”, no qual ele descreve sob o pseudônimo de Etzel, para um amigo distante, sua viagem aos Estados Unidos, parodiando, pelo estilo, o autor de “Vozes da África”⁴⁹. Vejamos um verso:

⁴⁷ Indícios de um contexto familiar influente.

⁴⁸ Nessa prosa, coloca **Jorge de Lima** entre os grandes nomes da literatura palmarina.

⁴⁹ Obra de autoria de **Castro Alves (1847-1871)**, clássico poeta lírico brasileiro, representante da terceira geração romântica. O seu poema mais conhecido intitula-se: **Navio Negroiro**.

Viu Miami e Wastington e conheceu tantas outras bonitas
que,
seu EU,
encheu-se de emoção.
Ilanquizou-se com atrevimento,
falou inglês sem o menor tormento,
assassinado ou não

Eis aí uma pequena amostra do grande vate palmari-
no. Falar sobre as figuras notáveis de nossa terra, seria um
nunca acabar. Quais apenas mostrar a certos forasteiros
que, embora União dos Palmares não tenha a vida intensa
das grandes cidades, tem em compensação muito mais: tem
cérebros privilegiados onde as ideias germinam, brotam,
florescem e frutificam.

14 ASSISTENCIA AO HOMEM DO CAMPO⁵⁰

Este inverno chegou para nós, com chuvas abundantes que se alternam com verdadeiros dias estivais. E um encanto para os olhos contemplar ao longe as serranias que nos cercam revestidas de uma verdura que, à distancia, toma uma coloração azul-esverdeada. Para os imigrantes das regiões desoladas pela seca, o contemplar nossas serras que se tingem de azul, lá no horizonte, é um quadro repoussante para seus olhos cansados de ver suas terras estorricadas sem sombra de vegetação. Com isto não quero dizer que as chuvas aqui, em nossas plagas, dêem apenas um toque mágico de poesia nas côres de nossas montanhas. Não. Elas nos trazem o maior benefício que é a fertilidade assombrosa de nossas terras. Infelizmente não há nada perfeito neste mundo velho e sofredor porque, se o inverno nos proporciona a exuberância do solo, nos leva de roldão as nossas estradas, deixando constantemente animais, veículos e viandantes afundados nos lamaçais. Quando a estação chuvosa vem com mais rigor, aos sábados fica o nosso matuto atrapalhado com sua carga nos atoleiros intermináveis, sem poder prosseguir nem retroceder. E lá se vai toda uma feira

⁵⁰ Texto publicado em 27 de junho de 1954 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**. Nele a autora solicitara olhar mais cuidadoso, das entidades governamentais, para a condição das pessoas residentes no campo.

perdida, perdendo-se conseqüentemente uma valiosa contribuição para nossa subsistência. Quando consegue locomover-se, já o sol está naquelas alturas. O remédio, então, é voltar ao ponto de partida. Volta com a alma em pandaeiros, levando em si uma verdadeira tragédia da qual ninguém toma conhecimento. Vilas nossas, como “Munguba” e suas adjacências ficam, no inverno, isoladas do resto do mundo, tal é o estado em que ficam suas estradas. Urge, a quem de direito, voltar os olhos para a reconstrução destas estradas, problema de primeira necessidade para o homem do interior. Assim o fazendo, prestarão assistência ao nosso homem do campo, pobre criatura que não segue partidos nem milita em facções mas, em compensação, representa o herói anônimo de nossas independência econômica: Este apelo deve ser levado em conta antes que seja tarde demais.

15 CAIPIRISMO IDIOTA⁵¹

U não dos Palmares, embora com um atraso considerável está, finalmente, integrada na vida progressista dos dias que correm. No entanto, lançado um olhar retrospectivo para a história de seu moroso desenvolvimento, chego à conclusão de que poucos foram aqueles a quem confiamos e que de um modo geral se consagraram ao bem comum, ao bem de nossa coletividade. Para início de conversa, fomos agraciados ultimamente com um novo grupo escolar e um empréstimo para a renovação do serviço de luz e água desta cidade. Por enquanto, é só. E já nos demos por demais satisfeitos porque, finalmente lembraram-se de nós. Lembraram-se que a nossa ínfima parcela de contribuição para engrandecimento da Patria tinha, mais cedo ou mais tarde, de ser recompensada. Para nós, palmarinos, espíritos fáceis de contentar, estamos por isto, vivendo a época das vacas gordas. Vivendo grandes dias no presente para construir um futuro melhor. E o passado? Que é feito de nossas belas tradições? Exemplificando, desapareceram nossos quilombos, tradição palmarina que lembrava a epopéia dos quilombolas de Zumbi em nossa serra da Barriga. E os folguedos de São João? Tudo, tudo o levou. As tradicionais festas juninas

⁵¹ Texto publicado em 04 de julho de 1954, na **Página dos Municípios** (Domingo) do **Jornal de Alagoas**. Nele Mariá faz uma crítica a maneira como se apresenta o camponês, nas celebrações juninas.

quasi desaparecidas perderam seu sabor de originalidade. Os de nossa geração acham-nas uma coisa quasi lendária, lembradas apenas pelas vovós saudosas dos bons tempos do “côco” e da quadrilha. Hoje, as festas de São João e São Pedro, limitam-se apenas a algumas fogueiras, e poucas, que se espalham ao longo das ruas menos centrais da cidade. Quando a gente vir uma fogueirinha acesa, crepitando alegremente ao vento das frias noites de junho, pode ter a certeza de que quem a fez foi um pobre ingênuo para que, segundo a tradição, o demônio não venha dançar à sua porta. Há também uma tais “festas caipiras” que no meu ponto de vista em nada diferem das festas carnavalescas, porque seus componentes se falsificam de tal forma que mais parecem uma verdadeira mascarada. Os foliões querem se divertir ridicularizando nosso matuto. Em nenhum recanto do Brasil, mesmo nos mais longínquos e incultos, encontramos figuras tão grotescas como estas que os criaram para seu bel prazer. Uma verdadeira festa caipira devia e deve ser realizada com a finalidade de mostrar à camada cidadina como é o nosso caipira na realidade – simples, malamanhado, cismarento, falando seu português estropeado, legítima joia do folclore brasileiro. Portanto, umas advertência aos palhaços juninos: “fantasiar-se” ridicularmente de caipira nas festas de “São João na roça”, não é apenas um ultraje ao nosso Jeca Tatu, é, acima de tudo um insulto à raça brasileira de quem o jeca é seu doce e sereno símbolo.

16 A MAIS QUERIDA REMINISCENCIA DO NATAL⁵²

Por algum tempo deixei de colaborar na “Página dos Municípios” por que outros afazeres giram de mim atenções indispensáveis. No entanto, eis-me aqui, novamente destinada a escrever, mas... escrever sobre que? São tantos os assuntos concernentes á nossa comunidade que se me torna difícil saber por onde começar. Ocorreu-me agora preestabelecer uma ordem, começando pelo Natal que passou. E sendo assim, digo aos palmarinos distantes que a maior festa da Crisandade, exigiram de mim atenções indispara nós, à proporção que os anos es passam, vai perdendo aquela beleza, aquele encantamento dos tempos de outrora. Relembrando oportunamente o mestre Machado de Assis, não sei, ao certo, se mudou o Natal ou se mudei eu. O que é certo, é que nossos folguedos natalinos, tão populares, tão nossos, desappareceram como por encanto. Perdeu-se no tempo, aquela época em que as crianças de minha geração se aboletavam nos “cavalinhos” que constituíam a maior aventura numa noite de Natal. Que é dos “Bumba-meu-boi”? e os pastoris da antanho, tão singelos sem sofisticação dos de hoje? que é feito do enterramento da “cabeça de boi” a que assistiamos deslumbrados sem compreender aquele esquisito ritual? e os Quilombos, a mais querida tradição da terra palmarina?

⁵² Texto publicado em 13 de março de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

Tudo isto o tempo levou para o rol das coisas passadas e esquecidas. E o Natal de hoje é uma triste realidade: barracas do jogo e botecos de cachaça. Nada mais. Compreendo então que a beleza característica das noites natalinas passou, está irremediavelmente perdida para nós. Na minha imaginação, tudo isto foi ontem, porque, quem escreve estas notas, não é nenhuma velha ranzina. É um coração jovem porém cioso das tradições de sua terra. É uma criatura conservadora até a medula mas que, em parte, respeita as inovações do atual século, século dos grandes empreendimentos. No entanto, o Natal que passou, nos trouxe, a nós, descendentes da velha família pioneira da coletividade palmarina, uma grande compensação. E este fato que eu considero digno de nota, foi o centenário de nascimento de uma velhinha a quem damos o doce nome de Vovó, uma criatura que nos deslumbra pelo seu manancial de conhecimentos, que os cem janeiros por força do tempo lhe transmitiram. Ela está lucida ainda, porque seu cérebro privilegiado desconhece a ação destruidora do tempo. No entanto, seus olhos, que tantas belezas e misérias viram por este estranho e grande mundo, já estão cansados, e suas pernas trôpegas. Finalmente, falar sobre uma criatura que completou sem anos de existência e quanto esta criatura nos está ligada pelos laços do sangue, é tarefa bastante difícil porque o coração se obstina em extravasar seus sentimentos com a mesma intensidade com que são sentidos por nós. Resumindo: à nossa pequena festa em comemoração ao grande acontecimento, compareceram seus filhos, seus netos, cinco gerações, portanto, que se encontravam como por milagre, deslumbradas, numa verdadeira apoteose à veneranda aniversariante. Nestas linhas onde pretendi lançar um olhar extrospectivo às festas natalinas que se foram, deixo, em lugar de destaque de nascimento de minha avó, que constituiu para mim a mais querida reminiscência do Natal que passou.

17 "S.O.S. AO DEP. ANTÔNIO GOMES DE BARROS"⁵³

V. Excia. Quando prefeito deste município, prestou à nossa comunidade inúmeros benefícios e seria um nunca acabar enumerá-los aqui. Basta, portanto, que o povo palmarino deles tire proveito para os anos que hão de vir. Como testemunho de nossa gratidão, o mais que pudemos fazer por V. Excia., foi conduzi-lo à Câmara Estadual, com uma assombrosa vitória contra seus adversários. Sabemos, meu caro Deputado, que sua cooperação para o bem-estar da terra palmarina não acabou quando a outro foi transferida a direção deste grande município. Sabemos sim, e confiamos, que o ciclo das grandes inovações em prol desta coletividade vai começar agora, com seu advento à Assembléia Estadual. Não somos um povo exigente e nem falto de compreensão. O que nós queremos, é que V. Excia., paulatinamente, e dentro de suas possibilidades, consiga para esta gente o que esta gente precisa de essencial. Exemplificando: o S.O.S. a que me refiro acima, é para que, na Assembléia, sua voz amiga se faça ouvir, pedindo aos poderes públicos que voltem os olhos para o lastimável estado em que se acha a Cadeia Pública desta cidade. Esta casa de correção, é mais que uma vergonha, é u'a mancha negra a obstruir a boa

⁵³ Texto publicado em 20 de março de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**.

marcha do progresso desta gente que tem fumaças de civilizada. É de seu inteiro conhecimento, que Sua Excelencia, o Governador do Estado, em uma de suas visitas a este município, teve oportunidade de penetrar no cárcere imundo de que ora lhe falo. Saiu de lá assombrado com a meseria que viu entre aquelas quatro paredes o tempo e a falta de higiene denegrram. E num assomo de piedade dos homens que lá definham, prometeu construir um presídio modelo onde os transgressores da lei ficassem reintegrados na sua categoria de seres humanos, e não rebaixados à condição de animais encurralados. No entanto, no seu afã da bem servir à terra alagoana, outros problemas as sobrepuseram a este e Sua Excelencia não mais conseguiu realizar este grande empreendimento, ou melhor, esta legitima obra de caridade. Meu caro Deputado, vemos nesta Cadeia 10, 12 ou 15 homens desfigurados pela deficiência alimentar e pela falta de sol e ar puro, amontoados numa saleta, humida e escura. E isto comove corações, os mais empedernidos. Como diz o proverbio que cão danado todos a ele, a coisa calhou perfeitamente à situação dos nossos pobres prisioneiros, pois, além do desconforto e da promiscuidade reinante entre eles, ha emanções metificas oriundas de uma sarjeta interna e do W. C. que se acha localizado a poucos passos da saleta de reclusão. Os pobres praças, coitados, na sua luta inglória de montar guarda às suas ovelhas, a meu ver, já estão tambem desbotando. A proposito, vale a pena lembrar aqui, uma passagem acorrida ha poucos dias num dos trens de Recife: um conhecido lamentava não encontrar remédio para seu nariz “vermelho como um pimentão”. Um amigo que viajava ao lado, gaiato que só ele, descobriu logo um remedio sob forma de rima: “Passe só um minutinho na Cadeia de União”. Assim, meu caro Deputado, a verdade, muito lamentavel, mas nem por isso menos verdade, é que este qua-

dro é digno dos tempos da Inquisição quanto o homem era, comparado ao de hoje, um retardado mental. Mas nunca um espetáculo para ser visto em pleno século XX quando a espécie humana já avançou no campo das descobertas, nas faculdades inventivas, que só cérebros privilegiados podem conceber. E para que miséria como esta não se alaste no seio de nossa sociedade, é preciso, Sr. Deputado, que sua voz se levante em prol destes destroços humanos que, aqui, na Cadeia Pública, aguardam o dia da viagem da qual ninguém volta ou esperam mais cedo ou mais tarde que lhes surjam os raios do sol, deste mesmo sol da liberdade que ha muito raiou nos horizontes do Brasil.

União dos Palmares, 13-3-955.

18 UNIÃO DOS PALMARES EM DOIS TEMPOS⁵⁴

Introdução – Ponho à parte o fato de União dos Palmares ser minha terra natal e reconheço sem medo de errar, sua possibilidade de ser um dia o primeiro município do Estado. Nos tempos atuais, este município é apenas um dos esteios que, parlatinamente, enriquece o patrimonio do Estado, mas, dia virá em que seremos largamente recompensados. Por enquanto, nos contentamos em receber, parceladamente, aquilo que por direito nos pertence. Historiemos os fatos.

INDUSTRIAS – J’ a contamos com industrias que podem rivalizar comas mais bem aparelhadas, como sejam, a fabrica de produtos de milhos “Dubom” e a fabrica de doces “Pakares”, primeira e única em todo o território alagoano e que honra o meio industrial de Alagoas. Em lugar de produtos “Dubom”, porque este é prata de casa. É propriedade dos irmãos Correia – Eziquiu e Roberto – jovens idealistas e empreendedores qe, com sua nova indústria, grande impulso deram ao progresso da terra que nos é comum. Só nos resta agradecer aos industriais provincianos, desejando-lhes prosperidades, porque, sendo assim, veremos União dos Palmares caminhar a passos largos para a grandeza de sua vida econômica.

⁵⁴ Texto publicado em 27 de março de 1955, na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

ESCOLA – Temos dois grupos escolares: o novo, “Jorge de Lima”, recém-inaugurado, é um belo prédio de linhas modernas, porém já se ressentido de um grave senão: falta de carteiras para acomodação de seus 400 alunos. O outro, o velho e querido educandário “Rocha Cavalcanti”, merece um estudo mais amplo, o que falei em outra oportunidade. Basta lembrar que sua decadência é absoluta, e do seu suntuoso prédio, resta apenas uma vaga semelhança. O esto o tempo levou. Funciona, nesta cidade, o tradicional Externato “São Sebastião” sob a responsabilidade da competente professora Luiza de França que, por mais de 30 anos, vem iluminando o cérebro de sucessivas gerações. No meu modesto parecer, o Município tem a obrigação, ou melhor, deveria ter a obrigação de auxiliar financeiramente a esta grande educadora palmarina. Levando em conta os melhores anos de sua vida que passou a formar caracteres, muitos dos quais hoje são cidadãos que galhardamente venceram na vida e atualmente concorrem para o engrandecimento de nossa terra. Como o maior expoente de educação da terra palmarina, surge o Ginásio “Santa Maria Madalena” que está vencendo todos os obstáculos e já se acha no terceiro ano de vida, com uma matrícula de 120 alunos. Sob a eficiente direção do conego Clovis Duarte de Barros, este educandário tomou agora um novo impulso, tanto assim, que domingo último, assistimos emocionados, ao lançamento da primeira pedra para a construção de seu prédio, uma vez que, desde sua função, este Ginásio funciona à noite, no Grupo Escolar “Rocha Cavalcanti”. A solenidade compareceram o povo e as autoridades locais. Estava presente o Revmo. Conego Teofanes de Barros, conhecido educador alagoano a quem devemos esta cadeia de ginásios gratuitos que se espalhou por todo o Estado de Alagoas. Brillhante orador que é, a todos encantou com suas palavras de encorajamento, dizendo

da importância do ato e o que isto representa para nós. Em nome do Prefeito Luiz de Freitas, falou o dr. Mario Gomes de Barros a quem somos profundamente gratos, pois, quando deputado federal, conseguiu para a construção de nosso Ginásio, a quantia de Cr\$ 200.000, 00 que se acha depositada na agência do Banco do Brasil, desta cidade.

Num brilhante improviso, o prof. Dacio Ferreira da Silva explicou a finalidade da cerimônia, dando em seguida, a palavra ao Conego Clovis Duarte de Barros que finalizou o grande acontecimento, dirigindo palavras de estímulo ao povo desta cidade e pedindo para que todos, conjuntamente, cooperassem nesta obra monumental, que até ontem parecia mentira: um Ginásio para União dos Palmares. Dentro de nosso ceticismo, esperamos que este sonho se torne realidade.

19 DESCORTINANDO VELHARIAS⁵⁵

Um amigo velho, ou melhor, um velho amigo, destes cuja amizade o tempo cristalizou, ofereceu-me, há dias, o n. 99 de “O BATALHADOR”, jornalzinho que circulou aqui, lá por volta de 1894, em cujo frontispício se lê: “Cidade da União. Sabado, 13 de Outubro de 1894”. Portanto, nada menos que 60 anos e alguns meses passados. Naquela época deviam ser grandes as dificuldades para se imprimir um jornal, mas eis que o tal jornaleco, sendo quinzenal, chegou ao seu numero 99 e talvez tenha tido vida mais longa, o que não chegou ao meu conhecimento. Seus anúncios, artigos, notas oficiais estão impregnados desta simplicidade que só o tempo consegue dar às coisas antigas. Tudo nele cheira a coisa velha, a começar pela ortografia. Os “Mutatis Mutatis” da parte oficial, se repetem a cada instante. E na lingua mãe, eu me perguntei mais de uma vez: “Que diabo será isto de “Mutatis Mutandis”? Ha uma coluna – “Salão de Flores” que é hoje, em nossos jornais a pagina social, onde se lê nascimentos de “gentis crianças”, muitas das quais, as vivas, naturalmente, são hoje respeitáveis matronas e circunspectos cavalheiros. Mais adiante, “vende-se uma confortável casa de telhas e tijolos pela bagateia de 1000\$000”. Bons tempos,

⁵⁵ Este texto foi publicado duas vezes, nas datas correspondentes a 17 de abril de 1955 (Domingo) e 01 de maio de 1955 (Domingo). Sempre na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**. Alertara sobre a necessidade de fundar um jornal em **União dos Palmares**.

aqueles! Hoje, por Cr \$100,00 não se aluga ao menos uma catacumba no cemitério, onde possamos um dia descansar os ossos, após esta curta e atribulada vida. E as assinaturas deste mesmo jornal? “Por trez mezes – 2\$000; numero avulso do dia – \$200”. Que se compra hoje com Cr\$0,20? Coisíssima alguma, pois se até os mendigos recebem de má cara tão insignificante moeda! Na primeira pagina está uma nota sobre a visita do então Governador do Estado – Dr. Tiburcio Valeariado da Rocha Lins. Choveram qualificativos sobre a pessoa do ilustre visitante: “caroável”, “blandicioso”, “venerando”, “despretensioso”, e por aí afora, numa verdadeira sarabanda de adjetivos. E que sabor têm os aditais do “Paço do Conselho Municipal da Cidade de União”. Longe de criticar a este velho “O BATALHADOR”, eu o exalto, eu o olho com os olhos da saudade de um passado que não conheci, mas que o adivinho simples, singelo, tão ao gosto de minha natureza, de minha alma sedenta das coisas que se foram sem que me fosse dado conhece-las e experimenta-las. Este jornal, porta-voz das gerações de outrora, é uma lição a nossa mocidade displicente de hoje. Quem disse que a juventude palmarina dá um passo para a fundação de um jornal? Os que apareceram como por milagre, não foram além do terceiro numero quando o valhusco “O BATALHADOR”, ha uns bons 60 anos, foi além, certamente, do seu 99º numro. A mocidade de União dos Palmares é bem instruída... mas num campo de futebol ou versada nos nomes de artistas de cinema, seus versadeiros ídolos. Eu então perita em esmiuçar enredos destas novelas paulificantes que o radio teima em difundir para mal de muitos. Finalmente, metida na pele de um Conselheiro Acacio qualquer, digo aos jovens de nossa clã que melhor aproveitem sua inteligência, sua capacidade criadora, fazendo qualquer coisa de aproveitável em beneficio de nossa sociedade. Fundando um jornal, por exemplo.

20 QUEIXAS E RECLAMAÇÕES⁵⁶

Está aqui a serrania que nos cerca, muito verde, humedecida pelas chuvas que vem caindo ultimamente. De nosso solo, fértil por natureza, deponta a vegetação que se multiplica aqui, cresce ali, Floresce e frutifica além. E tudo é riqueza, tudo é exuberância que não nos é dado aproveitar porque os produtos deste solo privilegiado quase não chegam para o consumo de nossa gente. Qual a razão? É muito facil explicar: a maioria destes produtos vai parar as mãos estranhas, impondo ao povo palmarino um verdadeiro suplicio de Tântalo. Aos sábados, por ocasião das feiras, aparecem caminhões de vários pontos do Estado, principalmente de Maceió, açambarcando quanto mercadoria apareça, deixando a população desprovida de sua feira semanal. Aonde vamos parar com semelhante abuso? Que é seito de nossa vigilância municipal que não dá fim a este estado de coisas? Vá uma pessoa a Maceió e no Mercado de lá pergunte aos quitandeiros: “De onde vêm este feijão, estas verduras, esta farinha e quase tudo que se vende aqui?” E a resposta não se faz esperar “De União dos Palmares”. E claro, de União dos Palmares, o celeiro da capital.

Nosso município sempre sofreu destas espoliações que um dia hão de terminar, pois o que nos consola é que

⁵⁶ Texto publicado em 15 de maio de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

tudo passa sôbre a face da terra. Enquanto as coisas não chegarem aos seus eixos, vamos bancando o “coronel”. Que se há de fazer? Como compensação, esperamos maiores benefícios para nosso município. Por amor a verdade, não nego que, esporadicamente qualquer. Mas, por amor à verdade também, queiramos que se lembrassem de nós com a mesma constância, com a mesma intensidade com que suprimos o Mercado de Maceió ou enriquecemos os cofres de Estado. Sendo assim, outra vida nos sorriria, ficaríamos aqui, em nosso cantinho, sem reclamações, contentes como um garoto choramingas que se consola e se aquieta com um simples pedaço de pão. Como o assunto que escolhi para esta semana é sobre queixas e reclamações, deixam-me reclamar: por que não temos uma Cadeira Publica? Porque o velho Grupo Escolar está se transformando num montão de ruínas? Peço perdão ao ilustre deputado e também meu amigo Antonio Gomes de Barros, pela insistência com que volto ao assunto, mas é em sua pessoa que nós depositamos a esperança de ver estes dois sérios problemas resolvidos com a máxima brevidade. Ambos merecem que os homens públicos, não só públicos, mas da boa vontade também, tomem conhecimento de sua existencia e façam justiça à nossa gente, dando-nos uma Cadeira Pública e preservando de ruina total este belo patrimônio do Estado que é o Grupo Escolar “Rocha Cavalcanti”. Não estamos exigindo coisa alguma, e sim, pedindo ao Estado que, mais uma vez, retribua os benefícios que vêm recebendo da generosa terra palmarina.

21 AO SR. DIRETOR REGIONAL DOS CORREIOS⁵⁷

Talvez não interesse a V. S. o que passa, dia após dia, aqui, por estas bandas do Mundaú. Aparentemente, as coisas seguem seu ritmo normal, mas às vezes, dão verdadeiras cambalhotas, deixando o pobre palmarino de boca aberta, meio zozno sem saber que atitude tomar. Somos um povo que dá mais do que recebe, como já tive oportunidade de ressaltar nesta “Página dos Municípios”. Também isso não lhe interessa. Mas talvez interesse a V. S. saber que, no meio desta barafunda que nos cerca, há um grave senão que, de há muito, ultrapassou os limites de nossa paciência. É onde pretendo chamar sua atenção, pedindo resolva com brevidade este grave senão que é o caso crônico e sem jeito do Correio desta cidade. Para esclarecimento, basta dizer que cartas enviadas, por exemplo, de Muricí, cidade vizinha a esta, chegam aqui depois de uma volta ao redor do mundo, é o que parece, pois só nos chegam às mãos, após 18, 15 ou 20 dias de passeio não sei por quais terras estranhas.

Se fôr um caso de doença grave ou morte, quando o interessado aqui chegar, o enfermo já é defunto há muito tempo. Não sei, finalmente, o que ainda nos falta acontecer.

⁵⁷ Texto publicado em 29 de maio de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**. Apresentara às lacunas existentes em atividades dos correios, na efetivação da comunicação entre os municípios interioranos.

Finalizando, mais uma irregularidade para resumir varias: uma pessoa de Viçosa aqui residente, enviou, para lá, no dia 30 de abril que passou, uma caixa sob registro, contendo injeções para alguém de sua família gravemente enfermo. Após 20 dias, recebeu um recado de Viçosa, perguntando por que não havia mandado as injeções. O caminho que ela tomou, foi ir ao Correio descobrir o paradeiro da tal encomenda. E não é que lá chegando encontrou-a num canto a “dormir” inconcentemente? Também Cr\$... 300,00 enviados pela mesma pessoa para a mesma cidade, até à presente data não chegaram ao seu destino.

Aliás, estes descasos pela boa administração dos serviços publicos, em nosso meio, não se restringem apenas a União dos Palmares. Nas cidades do interior que tenho visitado a reclamação é geral, principalmente sobre o mau serviço dos Correios e Telegráfos. Felizmente para consolo nosso, lá diz o velho ditado: “Mal de muitos, consolo é”. No entanto, Sr. Diretor, já toleramos bastante este abuso e está nas mãos de V. S. exterminar este velho mal que sempre passou despercebido aos seus antecessôres. A verdade, quando “nua e crua”, sempre fere os melindres alheios. Mas, acima de tudo, sempre coloquei a veracidade das coisas, dôa a quem doer, fira a quem ferir. Se por acaso estas notas forem desmentidas por meios que lhe parecerem convenientes, è sò V. S. mandar verificar “in loco” se minhas palavras têm ou não fundamento. Fazendo assim, V. S. não sò nos prestará um grande beneficio, como tambem porá nos eixos a mais desorganizada repartição publica da que se tem noticias em Alagoas – os Correios e Telegráfos.

22 ILUSÕES PERDIDAS⁵⁸

U nião dos Palmares ultimamente está atravessando uma fase difícil em todos os setores. Já citamos o caso de nossas feiras cujos produtos eram (e continuam sendo) açambarcados por quantos “vendilhões” nos têm aparecido. Depois surgiram outros casos de classificação na casa dos sem jeito. Finalmente obedecendo a ordem natural das coisas, eis nossa cidade se preparando para receber em seu seio a mais legítima festa brasileira – a festa a São João. A maneira de introdução abrindo um parênteses, continuamos lançando nosso protesto contra esses monopolizadores de nossa vida econômica, contra esses exploradores de nossos direitos, os mais “piratas”, justiça se lhes faça, não têm culpa nenhuma, apenas encontram facilidade para seu campo de seio. Para entendimento destas palavras, é necessário um esclarecimento: o retorno a este assunto não é mais que nosso brado de revolta contra o abuso que se desenvolve em nossa comunidade – semanalmente, aos sábados e quartas das feiras, aparecem os inimigos do povo palmarino, levando o melhor de sua produção, sem que ao menos, por rotina profissional, para constar enfim, apareça alguém para protestar contra tamanho atentado à bôa marcha de nossa

⁵⁸ Texto publicado no dia 12 de junho de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**.

vida econômica. Concluindo apreciações: ou os tempos mudaram ou dir-se-ia que o município está acéfalo. Deixando para trás queixas e reclamações, pois sabemos de há muito que tristezas não pagam dívidas, é conveniente, para arejar nosso pensamento, voltar as vistas para as festas juninas que se aproximam. Infelizmente não contamos hoje com o apoio e auxílio que desfrutávamos há alguns anos atrás. As festas de S. João em União dos Palmares, ultimamente vêm sofrendo uma acentuada transformação, pois não mais se nota em seu desenrolr, aquela beleza, aquela poesia tão típicas que sempre colocaram em evidencia as famosas noites das fogueiras palmarinas. Os festeijos se aproximam, porém o povo está mudado, porque atualmente ninguém está disposto a enfrentar os problemas que nos cercam por todos os lados, tomando porte em festas, aparentando uma alegria que não sentimos. Já là se vão os bons tempos em que por esta época estávamos, ensaiando uma quadrilha, preparando um notável casamento à moda caipira. Já se perdeu no tempo aquela época em que a gente palmarina, sem problemas, tomava parte integralmente, na mais brasileira das noites destes vasto Brasil. Disse o grande Lavoisier que nada se perde e nada se cria na Natureza – tudo se transforma. Adaptando estas palavras ao nosso caso, esperamos esta teoria se amolde a nossos princípios de vida, porquei az de nós, se aqui nada se perdesse, nada se criasse e nada se transformasse. Estariamos então num perigoso círculo vicioso. Concluindo, ou melhor, lendo, dirão os céuticos: Sinal dos tempos. Interpretando a filosofia barata das mesmas, digo eu esperanças goradas e nada mais.

23 JORGE DE LIMA, UM VELHO TEMA⁵⁹

“U
 nião dos Palmares e o poeta Jorge de Lima” foram as palavras que batizaram a reportagem do sr. Luiz Gutemberg, publicada domingo ultimo, na “Gazeta de Alagoas”. No entanto quero esclarecer ao conhecido jornalista, alguns pontos obscuros da questão que podem ser assim resumidos: não há, em nosso meio, animosidade reinante contra o ilustre palmarino, dr. Jorge de Lima. O que se nota é uma falta de entusiasmos nosso, em ter sido esta cidade, berço natal do grande vate. E esta falta de entusiasmo se não se justifica em todo, justifica-se em parte. Em primeiro lugar, nossa gente sempre se ressentiu com o pouco interesse que o grande palmarino dedicou à sua terra. Depois, para torna-lo menos simpático entre nós, veio o caso dos livros. Quando a Prefeitura mandou uma circular pedindo um ou alguns livros ao dr. Jorge de Lima, patrono de nossa Biblioteca, passou-se o tempo e não mais soubemos se a circular havia ou não chegado ao seu destino. Depois alguns meses após sua morte chegaram aqui dois enormes caixões contendo não livros para uma Biblioteca que se preze, e sim, verdadeiros alfarrábios sem utilidade nenhuma. (Estão aqui, na Prefeitura, para quem os quiser ver e admirar). E se foi sua família quem mandou os livros como se justifica

⁵⁹ Texto publicado em 19 de junho de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

esta incúria da parte do poeta? Por que, durante sua gloriosa vida, quis ele perder esta única oportunidade que teve de prestar seu primeiro e último benefício à terra que lhe viu nascer? Misterios da natureza humana. E o caso do busto? De fato, uma personalidade como o dr. Jorge de Lima, cujo nome projetou-se fora da pátria enriquecendo a literatura universal contemporânea, merece um busto em praça pública, tanto aqui, como em qualquer parte do país. E de fato, está na Prefeitura um busto do grande poeta, à espera de um logradouro apropriado. Já se falou em coloca-lo na praça “Basiliano Sarmento”, mas achamos meio esquisita a fusão de homenagens, pois que se saiba, no Brasil talvez não haja, por exemplo, uma praça “Rui Barbosa” com o busto de Marechal Deodoro. Falar agora sobre a figura matuta do velho Basiliano Sarmento, seria u’a mistura de notáveis vultos palmarinos, uma vez que hoje pretendi apenas esclarecer um mal-entendido que criaram entre o povo desta terra e a personalidade do dr. Jorge de Lima. Aliás, esta questão de homenagem, como por exemplo, nomes em ruas ou praças, é hoje coisa sem importância entre nós, figura decorativa apenas. Então vejamos: por que razão temos em nossa cidade uma importante rua denominada “Miguel Palmeira”? Quem foi este cidadão que o pó da terra de Santa Maria Madalena nunca teve a honra de ser pisado pelos tacões de seus sapatos? E as ruas “Leão Veloso”, “Frei João”, “Gabinho Besouro” e tantas outras? Quem foram estes ilustrados desconhecidos”. Portanto, uma vez que a municipalidade palmarina tem em mãos o busto de seu mais ilustre filho, deve fazer justiça, dando-lhe uma praça para nela colocar seu busto, mas em compensação deve dar um busto de Basiliano Sarmento para ser colocado na praça de seu nome. Assim sendo, serão homenageados os dois famosos palmarinos diametralmente famosos.

24 REFLEXÕES⁶⁰

A fundou-se, é bem este o termo, o elegante clube palmarino, ou seja, a sede da “Associação Atletica Palmarina”. Seu binito prédio, de elegantes e medernas linhas, está abandonado – ponto central de quantos moleques aparecem lá por aquele recanto pitoresco da cidade. Que è feito da diretoria de nosso Clube que o deixa assim, ameaçado de entrar em ruínas? Já não nos basta o caso do velho grupo escolar que, o descaso reduziu-o ao estado em que está? Quando da posse da nova diretoria dessa Clube, criamos alma nova, pois esta entidade se revelou um assombro de inovações em prol de nossa “Palmarina”. No entanto, o entusiasmo foi efemero, verdadeiro meteoro que, num segundo, ilumina o ceu, para logo desaparecer sem deixar vestígios de sua aparição brilhante. Fogo da palha, dizem os menos entusiasmados que já se habituaram a empreendimentos dessa natureza. Não sei que “urucubaca” deu em União dos Palmares onde, ultimamente, nada floresce – morre ainda em sua forma embrionaria. Um exemplo recente, foi a fundação do “gramio Dramático”, do Ginasio “Santa Maria Madalena”: muita festa, muitos aplausos, prevendo os mais otimistas que dali, do Gremio, sairiam em breve, verdadei-

⁶⁰ Texto publicado em 03 de julho de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

ros gênios à Sarah Bernhardt. E não è que o Gremio levou sumiço? Ajeitou-se a rapaziada para o primeiro ensaio da peça inaugural, mas no segundo lá não foi ninguém, não se sabendo a que se deve transição.

Aliás, a juventude palmarina è, tradicionalmente impulsiva, tanto em gerar entusiasmo como em deixar de tê-lo. Não só a mocidade como os homens que têm poderes para fazer alguma coisa pela terrinha comum. Que me perdoe parentes e amigos, mas nossa terra hoje não tem mais homens (bem entendido) com a fibra dos de outrora, homens de capacidade criadora. Quando aparece algum, quebrando a rotina, desanimam, já pelo descaso ambienta, já porque sabe que uma andorinha só não faz verão. E assim passam-se os dias e as coisas vão ficando no que estão para a gente ver no que dà tudo isso. Esperamos, portanto, uma iniciativa da parte da diretoria da “Associação Atletica Palmarina”, para ver se não perdemos também este belo prédio, orgulho da terra dos Palmares. A diretoria deve impor obrigatoriamente uma sessão, onde seus membros prestarão contas dos pertencentes do Clube, pois è publico e notório que cadeiras, mesas, jarros e outras coisas mais, andam espalhados pelos quatro cantos da cidade, numa legitima peregrinação da coisa que não tem dono. É necessário lembrar que a “Associação Atletica Palmarina” não è minha nem de ninguém, è um belo patrimônio do município que merece de nós, acima de tudo, proteção.

25 MENIAGEM À PRINCESA DAS MATAS⁶¹

Por algum tempo União dos Palmares não firmou nesta “Página dos Municípios” porque, ultimamente, o esperado e de outubro monopolizou as atenções para sua importância, não deixando margem para outro assunto que não fosse política em todas as suas modalidades. E como este assunto não é minha especialidade, silencieei, voltando agora a apreciar o panorama do município, saber o que é feito dele após este famoso pleito. As eleições foram as mais pacíficas possíveis, não deixando de aparecer o seu lado pitoresco, característica das eleições no interior. Novamente aqui, as forças federais garantindo a tranquilidade de nossa gente, estiveram sob o comando do capitão Valter Mendonça, Militar que reúne em si qualidades que o tornam um perfeito cavalheiro e um soldado exemplar. Como é natural, logo no início das apurações os disse-me-disse foram surgindo e criando casos para gaudío de uns e desespero de outros. O povo palmarino, como todo o resto do Brasil, creio eu, ainda não está educado politicamente, de maneira que ou perde descompondo meio mundo, ou ganha insultando seus adversários. E o resultado é um ambiente desagradável onde todos se entredevoram por amor às legendas de seus parti-

⁶¹ Texto publicado em 30 de outubro de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**.

dos. Fugir de tudo isto e, quando menos esperei, estava em Viçosa – a bela Princesa das Matas – onde tivera oportunidade de assistir às comemorações de 13 de outubro, data de sua emancipação política. Sinto não saber exteriorizar minha admiração por este povo admirável, tão cioso de suas gloriosas tradições. Confesso ter ficado vendo o majestoso desfile de suas escolas reviver as mais belas páginas da história da terra dos Cambembes. E não menos decepcionada fiquei ao constatar minha ignorância sobre o passado desta querida terra dos Palmares: lá em Viçosa, por intermédio de seu ilustre filho, o folclorista e historiador Dr. Manuel Brandão vilela fiquei sabendo que União dos Palmares antiga vila de Macacos, e Viçosa, antiga vila de Riacho do Meio foram desmembradas de Atalaia pelo mesmo decreto de 13 de outubro de 1831. Este assunto lembra-me a gentileza do sr. Djalma Mendonça que me ofertou um exemplar de seu magnífico livro “Monografia de Mata Grande”. Após a leitura desta obra que por si é uma preciosidade, senti maior do que nunca meu amor à terra natal e então tive a veleidade de pensar e propalar que iria escrever a monografia de meu município. Agora eu me pergunto, lembrando o versinho da marcha popular: “Com que Roupa?” Voltei de Viçosa convencida de que jamais ousarei tamanho empreendimento. Lá na Princesa das Matas tive a maior lição de civismo que se possa imaginar. Embora tenha notado que hoje essa cidade vive mais das glórias de seu passado, não deixo de reconhecer que ela deu e dará por toda a vida uma lição de mestre à displicente e ociosa comunidade palmarina.

26 UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA DOS PALMARINOS⁶²

U nião dos Palmares está atravessando uma fase de calma tão absoluta que chaga a ser enervante. Nada, absolutamente nada, para quebrar a monotonia dos dias terrivelmente iguais. A politica veiu e passou deixando para trás aquela época semi-agitada que precedeu ás eleições. Esperamos o ralar de 1956 para que a nova administração do município nos dê a resolução de tantos problemas que há muito vêm amargurando o desconsolado povo palmarino.

E um dia finalmente, teremos nosso merecido lugar de destaque no seio da coletividade alagoana. Nada nos falta para isto, a não ser um pouco mais de sorte, pois nossas possibilidades aqui permanecem em estado latente a espera dos homens de boa vontade. Deixemos de lado a vida presente e voltemos um pouco para o passado. Há alguma coisa inédita que levo ao conhecimento dos pouquíssimos palmarinos que se interessam pela historia e pelas lendas de nossa terra. Para melhor explicação, transcrevo uma carta que há poucos dias, recebi desse incomparável historiador alagoano, o ilustre filho de Viçosa – Dr. Manuel Brandão Villela. Ei-la, na integra:

62 Texto publicado em 20 de novembro de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

“Viçosa, 4 de novembro de 1955.

Prezada Professora Maria Mariá:

Agradeço, bastante sensibilizado suas honrosas referências feitas a minha pessoa e a minha Viçosa, pelas colunas do Jornal de Alagoas. A minha terra nasceu do pé de Serra dos Dois Irmãos, beijando as águas do Pirauê e Pirauá, os dois grandes guerreiros da tribo dos Cambembés. A sua terra nasceu no pé da Serra da Barriga, beijando as águas do Mundaú e da Camaratuba, no batismo sagrado do Zumbi, o grande rei Palmar. Se Pirauê e Pirauá tiveram uma Princesa, na imagem branca de Yara, para proclamarem a liberdade de Viçosa, em 13 de outubro de 1831, Zumbi também teve a sua Princesa na imagem branca de Donana, para proclamar a liberdade de união dos Palmares, em 13 de outubro de 1831 Viçosa – Riacho do Meio – e União – Macaco – são irmãos legítimos e gêmeos, filhos de mesma genitora, nasceram naquele mesmo dia gencia Trina Efetiva do Brasil, formoso de primavera da Re. São ligados fisicamente pelo cordão umbilical de Serra do Cafuxi e ligados moralmente pela fé, a sombra dos altares do Senhor Bom Jesus do Bomfim e de Santa Maria Madalena. Aqui os cablocos Pirauê e Pirauá, de taca-pe **na** mão, com a sua corte de guerreiros vermelhos, defendendo a liberdade, proclamaram a realeza da Princesa das Matas Lá, o Rei Zumbi do espada em punho, com a sua corte de gueigueiros negros, defendendo a liberdade, proclamou a democracia da Princesa do Mundau. Aqui, a branca Iara, para evitar a discórdia entre dois irmãos, transformou-se na formosa Inamunhá. Lá Donana para salvar a Cidade Negra, fugindo das águas marulhosas do Mundau nos braços do Zumbi para o Altar de Ogum, transformou-se em Palmar.

Como é semelhante a história das nossas belas Princesas!...

27 MONOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE MATA GRANDE⁶³

D aqui deste pedaço de mata alagoana, os rumores do mundo nos parecem remotos. Chega até nós, apenas e éco das grandes coisas que se passam em tôdas as latitudes da terra. Para variar, mais um velho problema palmarino, aqui está, desafiando os direitos da coletividade: é o caso velho e sem jeito do açambarcamento de nossas feiras. A coisa se firmou de tal forma que, muito em breve, os respeitáveis monopolizadores, terão ganho de causa por direito de antiguidade. Enfim, amigos, para consolo nosso, existe o velho ditado que diz ser um dia dá caça e outro do caçador. Outro problema são as calçadas de algumas de nossas ruas. Por que os legisladores palmarinos não abrem os olhos para este lado? É pena ver-se uma cidade limpa como a nossa, carecendo de coisa tão rudimentar para sua melhor aparência. E é desta cidade cheia de contrastes que um dia, pondo de lado a modestia, pretendi escrever sua história, partindo dos remotos tempos de Zumbi, o chefe negro. Contando com que, não sei. O que é certo, é que hoje, mais do que nunca, sinto-me disposta a levar avante este audacioso empreendimento. Para isto, serviu-me de estímulo o precioso livro de snr.

⁶³ Este texto foi publicado em dois momentos, em 04 de dezembro de 1955 (Domingo) e em 11 de dezembro de 1955 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**. Considerando as alterações ortográficas percebidas na última versão, esta foi a selecionada para transcrição.

Djalma Mendonça, intitulado “Monografia do Município de Mata Grande”. O autor teve a gentileza de me oferecer um exemplar, que hoje faz parte dos melhores livros que tenho numa desprezível estante.

Há poucos dias tive a satisfação de conhecer, em Macaíó, o Sr. Djalma Mendonça que me encorajou a fazer também a monografia de meu município. No entanto, talvez o prezado escritor esteja esquecido de que “uma andorinha só não faz verão. Parto do princípio de que ninguém aqui, jamais se interessou pelas coisas que se relacionam com as nossas tradições, ficando portanto a tarefa pesada de mais para quem conta apenas com sua boa vontade e nada mais. Fico, assim, num dilema: vencer ou dar-me por vencida. Porém, ao abrir a “Monografia do Município de Mata Grande”, lá vem o demônio da atenção, e sinto mais viva do que nunca, a vontade de também escrever, mas... um bocadinho de asneiras sobre União dos Palmares, para ver no fim o que sairá.

De nosso município, poderíamos fazer uma excelente monografia, pois ele bem o merece. E esta obra meritória não deve ser privilégio de A ou B, e sim, de todos os palmarinos que desejarem prestar um serviço de estado e à nação. Ao meu conhecimento chegaram notícias de que foram feitas as monografias de Pão de Açúcar, Penedo e por último Mata Grande.

Por que não tentamos nós? A semente está lançada. Resta sober se germinará ou não. É verdade que o terreno é sáfaro, mas um pingo de chuva hoje, outro amanhã e mais outro depois, em breve veremos brotar do solo esta mesma semente, numa maravilhosa eclosão. Agradeço ao sr. Djalma Mendonça as palavras de encorajamento a minha iniciativa e aviso aos palmarinos que me entendem que, ao alcance de minhas mãos, está um caderno em branco, tendo apenas estas palavras à guisa de cabeçalho: MONOGRAFIA DE UNIÃO DOS PALMARES.

28 ATUALIDADE PALMARINA⁶⁴

Volta hoje, União dos Palmares, á sua velha coluna, a fim de se fazer lembrada aos seus leitores. Já se passaram alguns mēses desde que ela aqui figurou pela ultima vez, sendo preciso, no entanto, pôr em ordem cronológica aos seus acontecimentos mais notáveis. É desnecessário lembrar que nas cidades do interior a vida é a mesma, à rotina é idêntica, de maneira que todas se assemelham nos mesmos assuntos os quais formam o seu perigosíssimo triângulo: politica, vida alheia, descontentamento. E a vida nossa, longe do bulício das grandes cidades, deveria correr serena e sem problemas. Mas qual! Tudo se resume neste eterno circulo vicioso desanimador. Retrocedendo no tempo, eis o Natal de 1955, em União dos Palmares: a Missa do Galo e nada mais. Ano Novo, o mesmíssimo ramerrão. No entanto para sair desta triste rotina, a cidade viveu ultimamente seus melhores dias, durante a festa de sua padroeira, Santa Maria Madalena. Não desmerecendo o empenho dos juizes das festas anteriores que sempre se desincumbiram brilhantemente de saus tarefas, convem reconhecer que os juizes deste ano – dr. Paulo de Castro Sarmiento e senhora marcaram época nos anais da historia social palmarina com

64 Texto publicado em 11 de março de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal da Alagoas**.

a deslumbrante festa que apresentaram à cidade local, no período de 23 de janeiro a 2 de fevereiro de 1956. E logo após urgiu o Carnaval de triste recordação, triste, sim, porque para nós, palmarinos, Carnaval este ano significou apenas os 4 dias no calendário. Esta festa, da qual União dos Palmares tinha orgulho de não ter competidor em todo o Estado, desapareceu para nós. Os homens de boa vontade não mais existem aqui, pelas bandas do mundaú e, ao meu ver, este é o primeiro índice de decadência de uma comunidade, pois, o Carnaval hoje, é uma imposição que se faz necessária porque representa uma válvula de escape da qual não pode prescindir a velha e sofredora humanidade. Os palmarinos abandonaram sua terra, eis um fato que repele contestação. Deixaram à margem do progresso este belo recanto da terra alagoana que tem todas as possibilidades de ser o primeiro município do Estado. E quando alguém mais desassombroso ousa dizer que União dos Palmares não tem mais homens com a fibra dos de outrora, os respeitáveis filhos da terra se dão ares de ofendidos, mas se esquecem de que seu descaído por tudo que é nosso chegou ao ponto de abandonarem nosso belo Clube e o resultado foi passarmos o Carnaval em brancas nuvens. Logo, se algum deles estiver com a razão, atire a primeira pedra... Em minha cabeça é que não cairá.

29 PRESENTE, PASSADO E FUTURO⁶⁵

Ultimamente as chuvas nos têm dado o ar de sua graça. E os campos, matas, montanhas, que nos circundam são aquela beleza verde a se perder de vista. Sinto então saudades da aurora de minha vida (com licença do poeta) quando isto aqui era mais nossa, mais dos palmarinos da velha guarda, tão escassos nos dias de hoje. E o impossível, o que julgávamos difícil de acontecer, já se insinua, qual o polvo gigantesco, com seus tentáculos, na iminência de abocanhar a presa ingênua e incauta. Quero dizer com isto que nossas terras tradicionalmente férteis para a agricultura em geral, estão sendo tragadas paulatinamente pelas usinas de açúcar e, em breve, este solo privilegiado, será transformado em belíssimos e verdes canaviais. Pode ser que ao chegarmos a este ponto, os insensatos palmarinos meditem no descaso em que deixaram a terra mãe e lamentem mais do que nunca não termos hoje um homem da tempera o velho Basiliano Sarmiento, que jamais cedeu um palmo de suas terras às usinas açucareiras, sempre de olho em seus terrenos, férteis para o cultivo da cana de açúcar. O velho 'referia vender-lo modicamente a seus pequenos agricultores aos quais, muitas vezes, emprestava dinheiro

⁶⁵ Texto publicado em 25 março de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**.

para que, oficialmente, fosse consumada a transação. E hoje qualquer pessoa pode sair em pleno meio dia pelas ruas de nossa cidade com uma lanterna na mão, à maneira de Diogenes, que jamais encontrará um homem como foi o velho Basiliano (Nossos latifundiários que me perdoem a cruz de verdade). O que encontramos hoje, aos montes, são homens sem nenhuma serventia publica desses que se dizem políticos, mas sem nenhuma educação para isto que, em vez de cooperarem com os poderes competentes para o progresso e o bem estar comuns comprazem-se em levantar calnias, em mentir, querendo lança no desassossego inúmeras pessoas e famílias inteiras que não fizeram ou não fazem parte de suas “panelinhas”. A estes responde-nos com nosso desprezo, pois, diz o velho ditado: “Quem é ruim por si se destrói”. Porém nem tudo está perdido para nós. Resta-nos por consolo a geração atual. Esta, provavelmente, se salvará e levantará consigo os trios desta velha e falida comunidade. Um exemplo recente nos deu o jovem palmarino Eziquio Correia de Araujo, este grande idealista que com seu irmão Roberto, há poucos anos, inaugurou aqui a indústria de produtos “Dubom”, orgulho da terra dos Palmares. Na semana que findou, sob sua eficiente direção, foram inaugurados o magnifico campo de voleibol noturno (masculino e feminino) do “Zumbi Esporte Clube”, gloria do esporte palmarino e do qual é presidente, e a “Escola Zumbi”, moderno educandário mantido pelo clube, destinado a 35 filhos de seus associados, com material didático gratuito. Um belo exemplo a ser imitado pelos moços de União dos Palmares. E se de vez em quando nos surgirem empreendimentos como este, apesar dos pesares seremos forçados a crer que uma nova era despontou para nós.

30 NOTÍCIAS PALMARINAS⁶⁶

Em nosso município e, certamente, em outros do Estado, o verão deste ano se tirou um pouquinho, de maneira que fez o nosso matuto ficar alarmado ante a perspectiva de uma sêca, destas que comumente arrazam o Nordeste Oriental brasileiro. Felizmente o susto foi passageiro e as chuvas chegaram se bem que atrasadas, mas abundantes. Cidadinos e roceiros criaram alma nova e temos diante do nós, uma vaga promessa de bem estar e melhores dias. E por isto, para não fugir às suas tradições juninas, União dos Palmares comemorou mais uma vez o “São João na roça”. Estiveram presentes, prestigiando nossa festa como convidados especiais, os Exmos. Srs. Drs. Sizenando Nabuco de Melo, Vice-Governador do Estado, em exercício e Henrique Equelman, Secretário da Fazenda e da Produção. A festa transcorreu bem animada, muito bem organizada, regionalíssima. Passaram os momentos de alegria. Voltemos nossos olhos para os problemas sérios do Municípios. Temos muito que fazer, precisamos colaborar com a Municipalidade a fim de que União dos Palmares resolva seus problemas, se não insolúveis, pelo menos crônicos. Com sacrifícios embora, aqui estão em fase de reforma o Hospital São Vicente

⁶⁶ Texto publicado em 15 julho de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal da Alagoas**.

de Paula sob a eficiente direção do Dr. Duerno Wanderley de Melo, e a Casa do Pobre, aos cuidados do Revmo. Conego Clovis Duarte de Barros, vigário da Paróquia que também dirige os trabalhos da construção de nosso Ginásio do qual é Diretor. Em continuação à nossa fase de melhoramentos, ontem, na Câmara de Vereadores, sob a presidência do Dr. Duerno Wanderley de Melo, reuniu-se boa parte da sociedade palmarina, para levar adiante a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de União dos Palmares, fundada em 1954. Ficou determinado que, em novembro do corrente ano, será lançada a pedra do prédio, por ocasião da Semana Ruralista que aqui será realizada, de 19 a 26 de novembro. Para isto o Presidente da reunião pediu o esforço e a boa vontade de todos para o êxito desta obra meritória, principalmente no que diz respeito à criança abandonada, grave problema, verdadeira “dor de cabeça” dos poderes constituídos. Se todos nós, conjuntamente, trabalharmos com desprendimento, faremos algo meritório, e isto – é um dever de cada um. As iniciativas particulares devem cooperar com as iniciativas públicas, para o bem estar comum, para a realização de um ideal. Aqui fica o nosso apelo. Logo após haver o Presidente explicado a finalidade da reunião, foi escolhida e aprovada a seguinte Diretoria para reger, por 2 anos, os destinos da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de União dos Palmares: Presidente, Dr. Duerno Wanderley de Melo; Vice-Presidente, Dr. Hermano Sampaio Plech, Diretor Médico: Dr. Fernando Sarmento Plech, 1º Secretário: Sr. Antonio Tertulino Vieira, 2º Secretário: Dr. João Jorge de Farias Cardoso, Tesoureiro: Sr. Floriano Bento da Silva, Assistente Eclesiástico: Conego Clovis Duarte de Barros. E aqui está, povo palmarino, um belo empreendimento em perspectiva. Portanto, esforço, tenacidade e principalmente... mãos à obra.

31 SEMANA RURALISTA⁶⁷

A fora à novidade das chuvas, União dos Palmeares continua na pasmoreira de sempre: nada para alterar a sua vida rotineira. O caldeirão onde ferve a politicalha local, baixou a fervura. Os ânimos não mais se exaltaram, nunca mais brigaram os agitadores locais. Ou se convenceram da inutilidade de suas façanhas ou suspenderam temporariamente as velhas hostilidades. O certo é que nada há de novo na terra palmarina, a não ser que a cidade desde já, está se preparando para, em novembro, comemorar a Semana Ruralista, iniciativa do Ministério da Agricultura, sob a supervisão do Exmo. Sr. D. Adelmo Machado, nosso Arcebispo Coadjutor. Nesta ocasião teremos oportunidade de mostrar aos que nos visitarem que – perdida nos confins deste imenso Brasil – há uma terra cujo povo luta, sofre, mas sobrevive e não deixará morrer suas gloriosas tradições. Faremos com que a Semana Ruralista marque época nos anais da vida social palmarina porque, se assim for, nossos ilustres visitantes levarão consigo a certeza de que o Brasil destas bandas, é um Brasil que luta ingloriamente, que enriquece os cofres da Patria e que ficou à margem do progresso e da civilização. Se eles reconhecerem isto, devemos mostrar-nos agradecidos. É uma pequena compensação. Do programa da Semana Ruralista,

⁶⁷ Texto publicado em 29 de julho de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**.

constará a encenação da peça “Zumbi dos Palmares”, revivendo a epopeia dos precursores negros de nossa liberdade. Para isto, o Teatro de amadores, local, está se movimentando. Em dias do mês que passou, no prédio do “Senac”, houve reunião para eleger a sua nova Diretoria e que ficou assim constituída: Presidente – Prof. Maria Mariá de Castro Sarmento (reeleita)⁶⁸; Vice-Presidente – Sr. Pedro Correia Wanderley; Secretário – Sr. Maurino Veras (reeleito); Tesoureiro – Prof. Rubens Vasconcelos; Orador – Prof. Dr. Paulo de Castro Sarmento (reeleito); Diretoria Artística – Prof. Violeta Sarmento Plech; Contr-Regra – Sr. José Correia Viana; Ensaaiador – Sr. Miguel de Oliveira Santos. No momento, o T. A. U. P. (Teatro de Amadores de União dos Palmares) está ensaiando CHUVAS DE VERÃO, de Luiz Iglesias, comédia em 3 atos. Após a encenação da mesma, que pretendemos levar em setembro próximo, começaremos os ensaios da peça “ZUMBI DOS PALMARES”, onde poremos o melhor dos nossos esforços no sentido de não desmerecer a arte que Sarah Bernhardt glori ficou. Na Semana Ruralista apresentaremos também nossos folguedos populares que tão bem enriquecem o folclore brasileiro: Cavalhada, Reisado, Chegança, Quilombos – símbolo da tradição da terra palmarina. Contamos com o apoio do Município e do Estado para que União dos Palmares faça jús à dupla honra que lhe será conferida: comemorar sua Semana Ruralista e hospedar Ministros. Como eu sou descendente direta de legítimo Aymoré, trago a desconfiança na massa do sangue e, por isto, estou achando que essa história de Semana Ruralista e de hospedar Ministros é consideração de mais para um lugar esquecido e mal recompensado como União dos Palmares. Oxalá falhem minhas ponderações.

⁶⁸ Como se percebe, era membro da diretoria do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, existente desde 1946, no Brasil), sendo, já neste ano, reeleita para o cargo de presidenta.

32 GRANDES ESPERANÇAS⁶⁹

Desde que assumi o compromisso de colaborar semanalmente nesta “Página dos Municípios”, venho sempre, martelando na mesma tecla: abalando mundos e fundos em prol do melhoramento de União dos Palmares. Sem militar em facções e sem credo político, meu intuito é tão somente pedir justiça para este pedaço de terra alagoana. Sucedem-se os governos, caem os partidos e nossa terra continua, senão abandonada, pelo menos mal recompensada, pois nós somos, sem nenhum favor, o sustentáculo da grandeza econômica das Alagoas. É verdade que os governos anteriores vez por outra lembravam-se de nós, mas isto não é tudo, porque tudo isto fica muito aquém de nossas expectativas, pois, infelizmente, o Brasil nunca foi e jamais será um modelo de organização política e nem tão pouco tem um padrão de vida modelo. E o pior de tudo é que lá fora, no exterior, o Brasil é apenas uma grande terra perdida no Hemisfério Sul, povoada de cobras e de índios comedores de gente. Esta história de seus sucessos nas grandes reuniões internacionais, é pura conversa, fanfarronice patriótica e nada mais. Aqui dentro, no país, Alagoas não é mais que u’a minúscula parte da Federação que dá o saboroso sururu e as famo-

⁶⁹ Texto publicado em 05 de agosto de 1956 (Domingo), na *Página dos Municípios* do *Jornal de Alagoas*.

sas “peixeiradas”. Já aqui em casa, nas Alagoas, União dos Palmares com suas inúmeras possibilidades de progresso e desenvolvimento, não é mais que a terra berço dos históricos Quilombos. Tradição e nada mais. No entanto, ultimamente, brilharam as luzes de nossas esperanças que não morreram de todo: o Exmo. Sr. Dr. Muniz Falcão, no dia 21 do corrente, veio olhar de perto as necessidades de nosso município e, assim sendo possivelmente desta vez recebemos mais uma parcela da velha conta que nos deve o Estado. O Chefe do Governo Alagoano pasmou, ao se defrontar com o cubículo em que apodrecem os transgressores da lei. Aquilo não é cadeia, coisa nenhuma é, verdade se diga, um legítimo chiqueiro onde definham nossos irmãos que erraram, reduzidos à triste condição de animais encurralados. Para apagar esta mancha que deslustra qualquer sociedade que se presa. Sua Excelencia achou por bem interditar a Cadeia Pública desta cidade, transportar os detentos para a Penitenciária de Maceió, até que o Departamento de Obras Públicas conclua os reparos necessários neste imundo par-dieiro que é a Cadeia de União dos Palmares. Em seguida, com sua comitiva, percorreu a Colonia Penal de Santa Fé, o decrepito e imponente Grupo Escolar “Rocha Cavalcanti”, o Posto de Saúde, estes dois últimos em lastimável estado de conservação o que fez Sua Excelencia recomendar ao secretário da Viação e Obras Públicas, providenciasse imediatamente os consertos dos referidos prédios. Um observador gaiato que acompanhou que acompanhou os visitantes, disse: “Desta vez a coisa ou vai ou racha”. Se fizermos nossas estas palavras, chegaremos à conclusão de que, desta vez mesmo, ou União dos Palmares vai para a frente ou apagar-se-ão de todo as luzes, já mortijas, de nossas velhas e grandes esperanças. Aqui fica o nosso apelo ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado.

33 OS ASSUNTOS DOS OUTROS⁷⁰

Com estas palavras, José Branco de Palmeira dos Índios, iniciou sua crônica de domingo ultimo, intitulada “Notas & comentários”, nesta “Página dos Municípios”. Refere-se, com palavras bondosas, ao meu reaparecimento nesta Pagina. A verdade, repito, é que as coisas aqui, nestas bandas do Mundaú, correm igualzinhas como duas gotas d’agua, e que me faz dizer novamente que nada há de novo para alterar a nossa vida rotineira. Os problemas deste município são tão caseiros, tão nossos, que não adianta levá-los a público, pois a ninguém interessam as dores de cabeça dos outros. E o jeito é a gente se adaptar à velha sentença que diz: nada como um dia atrás do outro e uma noite no meio para variar. Em outras palavras, é o mesmo que dizer que o tempo é o remédio de todos os males. E se é, espe-nos municípios, é a mesma que a de um pobre naufrago, em mar tempestuoso, em busca de uma frágil tabua de salvação. Se volvemos um olhar retrospectivo para a história desta gigante que se chama Brasil, ai de nós! Veremos coisas de arrepiar o cabelo e o vago sentimento de culpa de termos vindo ao mundo sem nosso consentimento, como diz o velho ditado que tristezas não pagam dividas, joguemos fora

⁷⁰ Texto publicado em 12 de agosto de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

nossos desencantos, nossas maguas e olhemos de frente, de cabeça erguida, com fé no porvir, porque passado não nos interessa, basta de tristeza e decepções. União dos Palmares, P. dos Índios, Santana do Ipanema, Pão de Açúcar, S. José de Laje, Pilar, Delmiro e Viçosa, através de seus correspondentes, parecem ser os municípios mais queixosos das Alagoas. Pelo menos, o meu, é o “ai-jesus” da casa. Temos tudo e nada ao mesmo tempo. Quem olha superficialmente este mundão de terras privilegiado pela Natureza pensa que aqui é a Terra Prometida, é o “Canaan dos aflitos”. Puro engano. O que é certo, é que vez por outra temos novidades e das grassas, como a mais recente: dois casos de uxuricídio, ou menos pernesticamente dois cidadãos de nossa comum, assassinaram as respectivas caras-metades, por questões baneis. Como sempre levanta-se a opinião pública e surgem as infalíveis correntes “prá” e “contra”. Quando a coisa perde o sabor de novidade, volta o povo aos velhos e saborosos protos: política e vida alheia. Afora isto e mais alguma coisa de lambuja, nada de novo na “frente palmarina”. Logo, tenho razão, quando digo que a vida aqui é aquela pasmaceira que faz dó, não a mim, que construí meu mundo interior para gaudío meu, mas para os pobres de espírito, coitados, tenhamos compaixão deles!

34 RETRATO DO BRASIL⁷¹

Um velho companheiro de grupo escolar, amigo dos velhos tempos em que brincávamos de “artista”, sendo eu a “mocinha do filme”, levado pela necessidade de melhorar a vida, foi para São Paulo, aboletado num “pau de arara”. Errou pelas ruas da metrópole paulista e deu com os costados numa fazenda de café, corriqueiro despertar do sonho de muito nordestino sem maiores ambições na vida. Não teve sorte, o coitado, na fabulosa terra bandeirante. Adoeceu, talvez pelo excesso de trabalho, talvez pela má alimentação e, assim sendo, resolveu voltar. Num destes últimos dias ensolarados, após 3 anos de ausência, reviu a cidade natural, aqui chegando num trem da Rede Ferroviária. Os parentes e amigos que aqui ficaram, arregalaram os olhos invejosos, talvez de sua indumentária: blusão e calças de lã, chapéu de abas largas, botas, relógio de pulso, tudo isto deixando entrever a sua maravilhosa aventura. Bombardearam-no com perguntas, pasmaram como se o pobre repentinamente, tivesse caído do planeta Marte. Aliás, nas minhas andanças

⁷¹ Esta foi a primeira crônica encontrada nos acervos. Por meio dela se tornou perceptível a circulação da autora por outros gêneros textuais. Fato que levava alguns jornalistas a defini-la como literata. Sendo publicada em 26 de agosto de 1956 (Domingo), na segunda página do **Jornal de Alagoas**, este é também, o primeiro texto da década de 1950 assinado apenas com os dois primeiros nomes da educadora.

pelo interior do município, já se me tornou familiar ver á beira das estradas, aglomerações tendo por certo a figura simbólica do nordestino desencantado da região sulista: um homem excentricamente trajado. Isto não é mais que um retrato do Brasil. Seus homens moços e fortes que poderiam dar expansão as suas lavouras e solidificar seu patrimônio, fazem papel ridículo perante aqueles que enxergam dois palmos diante do nariz. Que nos adiantam congressos, convênios, reuniões sobre isto e aquilo, se o nosso caboclo não recebe nenhuma assistência, se os donos da Patria teimam em não tomar conhecimento de suas necessidades? Melhor fora não tivesse o velho Pedro Alvares Cabral descoberto esta terra privilegiada, onde suas riquezas clamam, lá de suas entranhas, por braços fortes, amigos, para que, larga e generosamente, eles sejam recompensados. Disse o mestre Monteiro Lobato que o Brasil atravessou inúmeras fases de sua controvertida indiferente, cigarro de palha no canto da boca, acocorado à soleira do casebre, cuspinhando e “maginando”, “maginando”⁷². Se lhe perguntavam por que não consertava o casebre cai-mas-não-cai ou por que não ia trabalhar a terra, ele respondia que não pagava a pena. Vem daí o desajuste do homem ao meio, não por sua culpa e sim, por falta de apoio e compreensão. Hoje me faltou assunto para melhor prosa, portanto, fui forçada a pintar, embora com pessimismo, este triste retrato do Brasil.

72 Termo coloquial que remete ao verbo *imaginar*, mas que, em tal contexto, também pode ser interpretado como o ato de manter-se à margem. Adepto ao destino pré-estabelecido.

35 SEMANA RURALISTA EM PENEDO⁷³

Desde meus tempos de infância, talvez influenciada pela geografia do curso primário, aprendi a admirar Penedo, a majestosa princesa do São Francisco. A meu ver, agora que a conheço bastante para fazer um julgamento, aquela grande cidade alagoana talvez esteja passando por uma fase de transição ou atualmente existe qualquer desajustamento por lá. O certo é que achei a cidade sem aquela vida que ela devia ter, afim de que melhor justificasse a sua condição de primeiro município do Estado. Contudo, não me decepcionei. Parti daqui, rumo à Zona do São Francisco, emocionada pela grande novidade que era pisar em terras penedenses, e também com a finalidade de assistir a sua Semana Ruralista. Como União dos Palmares se distinguiu ultimamente para aqui se realizar também esta campanha que está se difundindo em todo o Brasil, fui a Penedo para ver de perto este movimento e tomar alguma orientação. Notei que a Semana Ruralista pendeu mais para o lado que tinha a ver com sua finalidade. Churrascos, conferencias em ambientes fechados, nada disto estabeleceu um verdadeiro intercambio entre os homens do campo – ausentes – e os técnicos que lá foram explicar a legitima finalidade desse movimento. O que

⁷³ Texto publicado em 23 de setembro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

deixou maior impressão nos visitantes, foi o desfile, no final da festa. Carros alegóricos imponentes, luxuosos, desfilaram exibindo ao povo os produtos da terra penedense. Quando relembro a Semana Ruralista em Penedo, só me vem à mente esse desfile monumental. União dos Palmares está se preparando para igual movimento em novembro que se avizinha e nós não mediremos esforços para levar a efeito tão árdua tarefa. Digo assim porque aqui tudo é difícil, tudo é quase difícil de realizar em se tratando de obras de grande vulto. Pelo menos Penedo teve seus patronos que se esforçam em mostrar a sua importância no desenvolvimento econômico do Brasil. E nós? Que papel faremos nesta grande tentativa? Só nos resta apelar para os nossos homens de boa vontade para que todos, conjuntamente, saiam de seu indiferentismo e façam alguma coisa em prol do êxito de nossa Semana Ruralista. Novembro se aproxima e devemos agir, pois o programa já foi traçado. No entanto meu entusiasmo sofreu um grande abalo quando há poucos dias pedi a cooperação de um elemento daqui, aliás, de muita projeção. Por malícia ou displicência, ele respondeu: “Olha, quem falar em Semana Ruralista aqui, vai proso”. Neste caso, eu vou me calar.

36 RESPOSTA A UM BILHETE - IMPRESSÕES⁷⁴

Domingo ultimo, quando desfrutava um pachorren-to fim de semana, alí na “Página dos Municípios”, um bilhete a mim endereçado. O autor – Antonio Sapucaia – novel e brilhante cronista do Pilar, reclamava bondosamente meu sumiço na costumeira Página. Só me resta agradecer-lhe o saber-me lembrada, pobre provinciana obscura, entre tantos elementos reconhecidamente versados na arte de bem escrever sobre as suas respectivas comunas. A verdade é que meu desaparecimento temporário da “Página dos Municípios” é motivado não por falta de assunto, que tenho de sobra, e sim, confesso, por uma preguiçazinha de escrever, as vezes. União dos Palmares é um velho tema para as minhas divagações e falar sobre os problemas e frustrações desta terra é uma nunca acabar de lamurias e ressentimentos. O jeito, meu estimado cronista, é dar tempo ao tempo, o miraculoso remédio de todos males. IMPRESSÕES – Ultimamente, talvez por forçado atavismo, descendente que sou dos legítimos navegadores portugueses, despertou em mim aquele vontade de correr mundo, de visitar terras desconhecidas. Mas, por onde começar? de casa, certamente. E assim sendo, ultimamente perambulei por algumas cida-

74 Texto publicado em 07 de outubro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

des de meu Estado, localizadas do São Francisco ao sertão, da mata ao litoral: Pão de Açúcar, Traipu, Colegio, Penedo, Santana do Ipanema, Palmeira dos Índios, São Miguel dos Campos, Junqueiro, Viçosa, São José da Lage, Murici, dando finalmente com os costados no ponto de partida União dos Palmares. Ao terminar esta peregrinação deduzi que a nossa zona da mata é uma região privilegiada, ainda não descoberta pelo nosso homem, esse mal descobridor. Palmeira dos Índios foi o município que me deixou melhor impressão. Sempre entendi por sertão, uma terra seca de solo hostil, “onde a lama virou pedra e o mandacaru secou”. E minha surpresa foi grande ao encontrar naquela terra uma exuberância quase igual á da nossa zona da mata. Só faltam as matas mesmo. Tanto que lá eu me senti como se estivesse em casa. A cidade tem vida própria tem movimento, mas... há sempre um “mas” para atrapalhar a vida da gente e das coisas... cadê a luz de Palmeira, que só dá o ar de sua graça, lá pelas tentas da noite, justamente ao “toque de recolhaer”? Como o mal de muitos consolos é para compensação de nossos males, União dos Palmares é excelentemente iluminada, tendo energia elétrica, diariamente das 5 hs. da tarde às 5 da manhã. Conheci a nata do intelecto palmeirense: Valdemar de Souza Lima a quem eu já admirava através de seu amor á terra natal e de sua cultura não muito comum a um sertanejo da velha guarda. José Rebelo, meu amável cicerone, mostrou-me os belos recantos de sua terra adotiva, impregnando-me com sua sabedoria a respeito das coisas que até então eu desconhecia no largo criculo de minha ignorância. José Branco, com quem tive menor aproximação, não deixou por isto, de ser menos admirado, pois, no jovem batalhador palmeirense, encontrei justamente aquilo que esperava conhecer: um elemento de sofo, meio gênio e meio irmão meu. Por que não?

37 SOBRE MARECHAL DEODORO⁷⁵

Mais uma vez revi a cidade de Marechal Deodoro. Agradeço esta oportunidade ao prezado amigo vereador Edival Lemos Santos, Residente do Clube local, e que me fez ir a cidade a fim de assistir a um magnífico desfile de modas, em que tomaram parte jovens da sociedade deodorense e as cronistas sociais de Maceió. Meus olhos, que não se cansaram ainda de admirar a beleza verde-azulada aqui da nossa serra, igualmente se deslumbraram ante a majestosa paisagem que envolve a pequenina Marechal Deodoro, a meu ver, a mais pitoresca e abandonada cidade das que tenho conhecido por este Brasil afora. É um dever de todo alagoano cochecer esse maravilhoso recanto da nossa terra plantado à margem da lagoa Manguaba. Atravessar essa lagoa com destino a Marechal Deodoro, é descobrir encantos em que a mão da Natureza se esmerou. Salvam-se apenas as belezas naturais, pois a cidade, pesa-me dizê-lo, marcou encontro com a decadência. De ano para ano as coisas pioram por lá. Também não compreendo por que abandonaram essa cidade, berço da história de nossa História. Que é feito da casa em que nasceu o Proclamador da República? Apenas resta uma parede com aberturas que outrora fo-

⁷⁵ Texto publicado em 11 de outubro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**.

ram janelas, em que se vê uma singela placa dizendo que ali nasceu o Marechal Deodoro. O antigo Palacio do Governador foi devorado pelo tempo, restando somente ruínas e nada mais. As majestosas igrejas, verdadeiras obras primas de arquitetura, também não escaparam da ação do tempo e do descaso. Finalmente, todas as coisas em Marechal Deodoro que poderiam ser exibidas a turistas como relíquias de nossa História, são, hoje, verdadeiros monumentos ao abandono. Salvo, pois a cidade mineira de Ouro Preto, que proporciona ao visitante o fenômeno de contemplar o passado dentro da realidade presente. Resta somente em Marechal Deodoro o antigo Convento, cuja imponência desafia a ação destruidora do tempo, e onde está localizado o Asílio São José, para órfãs. Sob a administração da professora Antonieta Leite, figura exponencial do magistério alagoano, esse Asílio é hoje um modelar estabelecimento de ensino. Não me foi dado saber como se mantém essa escola, o certo é que a Diretora Antonieta Leite dedicou os melhores anos de sua vida à conservação dessa monumental relíquia e à felicidade das pobres crianças a quem a desventura tão cedo lhes roubou os pais. O Estado precisa e deve soerguer Marechal Deodoro. Enquanto isto não se realizar, deve o espírito empreendedor e dinâmico do vereador Edival Lemos Santos, que sempre procurou elevar sua gleba, se desdobrar em cada um filho do Marechal Deodoro para salvar sua terra, pois ele é, pode-se dizer, a mais alagoana das nossas cidades. Por isto merece todo o apoio e merece também ser olhada com mais carinho por toda a comunidade alagoana.

38 UNIÃO DOS PALMARES & DESPORTOS⁷⁶

União dos Palmares está saindo da indolência de sempre. Pelo menos todos os domingos aqui comparecem elementos estranhos, da capital ou de outras cidades do interior que, a convite dos clubes locais – ZUMBI E NAUTICO – vêm disputar uma amistosa partido de volei e futebol. A nossa mocidade, à falta de caisa mais construtiva e solida, vê nisto um derivativo para sua vida rotineira. Tanto que, domingo último, nos visitou a embaixada desportiva da Faculdade de Medicina de Maceió, perdendo para o time local pela contagem de 4x2. A noite seguindo a praxe, houve um animado baile na sede da “Associação Atlética Palmarina”, que se prolongou até alta magrugada. No próximo domingo, estará aqui a “Leba”, de Maceió, com a mesma finalidade. Até que as coisas mudem por força do tempo, as tardes desportivas serão o prato dominical tão a gosto dos palmarinos fanáticos amadores do pé na bola. Como, onde há competidores, forçosamente há de haver política, e não das mais recomendáveis, já surgiram animosidades que nada constroem, entre os dois clubes locais quando, o melhor a fazer, seria que ambos se unissem para maior desenvolvimento social da terra comum. No entanto, é um qui-pró-quó infer-

⁷⁶ Texto publicado em 14 de outubro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**.

nal de um para outro time, de maneira que, pelo jeito em que as coisas vão, num futuro muito próximo, talvez nem mais exista sombra dos já famosos ZUMBI ESPORTE CLUBE e NÁUTICO FUTEBOL CLUBE. Tudo aqui, nesta terra azarada, é transitório, nada floresce, por motivo da falta de companheirismo e compreensão. Se volvermos um olhar retrospectivo para as extintas iniciativas privadas desta cidade, veremos que desapareceu sem deixar vestígio, o famoso J. S. C. (“União Sport Club) que tantos trofeu arrebatou, que tão bem representou a então sociedade uniãoense em todo o território alagoano e em outros Estados do Brasil. Não me foi dado conhecer este nosso afamado clube, mas sei de sua tradição, sei que suas cores preta e branca, por muito tempo representaram condignamente o que o esporte alagoano tinha de mais seleta em suas associações. E hoje, numa homenagem merecida àquele clube pioneiro dos desportos na terra de Zumbi, a atual Diretoria da “Associação Atlética Palmarina”, achou por bem trocar suas cores – preta, branca e vermelha – pelas cores do antigo U.S.C., para que assim aquela tradicional instituição palmarina ressurgisse de suas próprias cinzas como a lendária Fenix. Louvamos esta iniciativa, modéstia à parte, de minha autoria que, se não chega a ser um grave problema de Estado, pelo menos U.S.C. que, outrora, por discórdia de seus dirigentes, caiu no esquecimento sem deixar vestígio, igualmente a certas pessoas que passam pela vida sem deixar saudades. Que isto sirva de lição aos belicosos entusiastas do ZUMBI e do NAUTICO, atuais representantes da juventude desportiva palmarina.

39 A RESPEITO DE JORNAIS⁷⁷

Sempre que me sobre tempo aqui estou, em nossa “Página”, a fazer lembrado este município e, às vezes, enviando mensagens aos meus confrades que têm a gentileza de se lembra de mim. Quisera ser mais pontual nos trabalhos de rabiscar linhas ou de pôr em dia tudo aquilo que deliberei executar. Acontece, porém, que, embora a vida no interior não tenha aquela lufa-lufa das grandes cidades, o tempo de que disponho é escasso para me desincumbir de tanta coisa ao mesmo tempo. Diz um velho proverbio: “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. E aqui está uma grande verdade da sabedoria popular, pois, de tanto eu reclamar, através desta coluna, as coisas a que União dos Palmares tem direito, vejo que minhas batalhas não foram infrutíferas. Tanto que, aos poucos, estão reaparecendo os homens de fibra que tanto impulso deram, em tempos idos, a velha terra de Zumbi. Principalmente, falemos de um jornal para União dos Palmares, velho sono que agora vai se tornar realidade. E sobre jornais serão estas linhas de hoje. Cumpre-me agradecer, pela ordem de chegada, o recebimento de alguns. Começo pela vizinhança, ou seja, o “Correio Lajense”, importante órgão editado em São José da Lage e de

⁷⁷ Texto publicado em 28 de outubro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**.

que sou colaboradora, atendendo a um convite, honroso para mim, de seu diretor-proprietário, snr. Bernardino de Souza Ferreira. Depois vem o “Ipaneme”, um grande jornal da progressista Santana do Ipanema, belo recanto do sertão alagoano. Agora, a “Folha Miguelense”, notável publicação de São Miguel dos Campos, cidade que conheci de passagem para Penedo e aonde pretendo voltar. Finalmente, aqui está “O Pindobense”, órgão que me despertou maior simpatia, não deixando com isto de reconhecer o mérito e de louvar a iniciativa de seus congêneres que me chegaram às mãos. Quero tão somente dizer que “O Pindobense” merece nosso apoio e nossa simpatia por se tratar justamente de um jornal editado em um luar que nem chaga a ser município, constituindo o seu aparecimento, que já anda pelo segundo ano, uma lição de mestre a estas povoações que, geograficamente, se prezam de ser cidades. Incluo, neste caso, União dos Palmares. Mas, como disse no começo destas linhas, tanto me bati por essa causa que, num futuro bem próximo, nossa cidade terá também o seu jornal. Não vou alimentar a vaidade de pensar que teremos um jornal importante, bem redigido, como estes que acima agradei o recebimento. Mas o que posso garantir é que União dos Palmares deu um passo à frente quando, há poucos dias, u’a meia dúzia de idealistas se reuniu e tratou seriamante de fundar par a nossa terra um jornal que já podemos dizer, está tomando feição. Traçamos seu esquema. Terá 8 páginas, com regular corpo de colaboradores e, possivelmente, seu primeiro numero circulará em novembro próximo, por ocasião de Semana ruralista. Só me resta fazer uma advertência aos que me ajudam nesta grande empresa: se quiserem que nosso jornal vá além do segundo número, deixem de lado suas paixões políticas e trabalhem abnegadamente pelo desenvolvimento intelectual da terra comum.

40 ATIVIDADES RURALISTAS⁷⁸

A despeito dos “Vai-mais-não-vai” sobre nossa primeira Semana Ruralista, o certo é que a coisa vingou e vai mesmo. Para conhecimento dos interessados, aqui vai transcrito do programa, não o oficial, que ainda não está impresso. Este é apenas para servir de guia aos “de casa”. Encimando o mesmo, vêm estas palavras que não sei da autoria de quem: UMA NAÇÃO QUE RENUCIA A SUA CLASSE RURAL, RENUCIA A SUA PROPRIA EXISTECIA. Palavras bonitas, é verdade, mas passemos ao nosso programa.

AS Missões terão início no dia 4 de novembro, no Povoado de Mundau-Mirim, 11 Barra do Canhoto, 14 a 17 na sede paroquial. Preparará o revmo. Capuchinho Frei Inocencio O.F.M.

DIA 18 – Encerramento solene das Missões com a Santa Missa às 9 horas e, à noite. Procissão Luminosa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira da Primeira Semana Ruralista. Todos deverão munir-se de lanternas. Sermão pelo revmo. Padre Tertuliano Santos. Às 10,30 horas, no salão do “Senac”, sessão solene sob a presidência do Exmo. Prefeito Antenor de Mendonça Uchoa. Às 15 horas, Tarde Esportiva no estádio “Orlando gomes de Barros”, entre as Bandeirantes e as Ginasianas.

⁷⁸ Texto publicado em 04 de novembro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

DIA 19 – Às 7,30 horas, na Praça da Matriz, concentração de todos os escolares e professores. Hasteario da Bandeira pelo Exmo. Snr. Prefeito Municipal. Em seguida, missa campal. Às 8,30 horas, recepção ao Exmo. Snrs. Arcebispo Coadjutor – D. Adelmo Machado e comitiva do Departamento Nacional de Endemias Rurais e Agricultura. Às 10 horas, conferencia do Dr. Mario Pinotti, Diretor Chefe do Departamento de Endemias. Após isto, visita ao Hospital “São Vicente de Paula, ouvindo-se nesta ocasião um discurso do Dr. Duerno Vanderlei, Diretor do Hospital. Às 20 horas – No Monumento Ruralista – Ensaio solene. Saudação aos semanistas pelo Ilmo. Dr. Herman S. Plech. Parte recreativa e filmes educativos.

DIA 20 – Às 7,30 horas – Na Estação Experimental – Missa Campal Aulas práticas. Churrasco. À tarde, conferencias e, à noite, sessão solene.

DIA 21 – Às 7,30 horas – Na Fazenda “Frios”. Aulas práticas. À tarde, conferencias para professoras, senhoras e moças. À noite, como no dia anterior.

DIA 22 – Às 7 horas, em Mundaú-Mirim, Missa Campal. Aulas práticas na Barra de Jussara. Churrasco. Na Penha, ponto de parada. Concentração dos agricultores e camponeses.

DIA 23 – Às 7,30 horas – Na Usina Lajinha – Missa Campal, aulas práticas. Churrasco oferecido pelos ilustres usineiros. À tarde, conferencia para homens e rapazes. À noite, o mesmo programa do dia anterior.

DIA 24 – Sábado, às 10 horas, suspensão das atividades da feira por 15 minutos. Discurso de um agrônomo. À tarde, bênção da Capela de S. Vivente e inauguração da “Casa do Pobre”. Às 17 horas, na estação da Rede Ferroviária do Nor-

deste, recepção ao Exmo. Sr. Governador do Estado e ao Exmo. Snr. Arcebispo Metropolitano. Às 20 horas, no Monumento Ruralista, discurso de saudação às Suas Excelencias Dr. Sebastião Muniz Falcão e Dom Ranulfo da Silva Farias, pelo Exmo. Sr. José Pantaleão Neto, Juiz de Direito da Comarca. Leitura das conclusões. Parte recreativa e filmes educativos.

DIA 25 – Domingo, às 7 horas, na Praça da Matriz, Missa Campal em ação de graças. Às 8,30 horas, desfile de carros alegóricos, parada de agricultores e camponeses a cavalo. Local da concentração: rua Tavares Bastos. A tarde, diversões populares. Às 19,30 horas – No Monumento Ruralista, Missa Campal. Em seguida, encerramento solene da Semana Ruralista, com fogos de artifício. Durante a semana, haverá condução para os agricultores, fazendeiros e camponeses.

União dos Palmares, 20 de outubro de 1956, Conego Clovis Duarte, Pároco, Antenor de Mendonça Uchoa, Prefeito, Padre Luiz Marques, Secretário Geral e Locutor da 1ª Semana Ruralista.

Ais aqui, sem tirar nem pôr, a reprodução do programa da nossa primeira Semana Ruralista. Que ao menos dela tiremos algum proveito, pelo menos, num futuro bem próximo, quando esperamos ver o nosso homem do campo integrado nem melhor padrão de vida.

Ultimamente os moços daqui, embora sob “ferrão”, fundaram um jornal que, breve aparecerá para deleite dos que tinham essa aspiração. Mas a verdade é que a juventude palmarina está voltada de corpo e alma para o futebol. Todos os domingos chega a esta cidade um time da Capital ou de outras cidades do interior para uma animada tarde esportiva. Pelo menos há nisso uma vantagem: com a renda destes jogos está se construindo o muro do estádio “Orlando Gomes de Barros”, e assim, brevemente, nosso município terá um campo de esportes, mais um melhoramento para a cidade, a custo de sacrifícios. E por isto sou do lado dos que afirmam que a vitória sem lutas é um triunfo inglório. Em prosseguimento a esta campanha, domingo último aqui estive o “grêmio Esportivo Marechal Deodoro”, disputando uma partida com o “Zumbi Esporte Clube”, local. Não houve vencedor porque empataram pela contagem de 3x3, ficando assim, União dos Palmares impossibilitada de se reabilitar perante os adversários, uma vez que, naquela cidade (Marechal Deodoro), em julho do corrente ano, levamos uma “surra” de 5x0. Por aí se vê que enfrentamos um dos legítimos valores do futebol interiorano. Entre outros elementos que

⁷⁹ Texto publicado em 11 de novembro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**.

não consegui identificar, integraram a embaixada visitante, elementos de escola da antiga capital alagoana, como sejam: Edival Lemos, Presidente do “Gremio”; Moacir Ribeiro, Diretor-Técnico; Jarbas Pinto, Tesoureiro; Vinicio Romeiro, Diretor Social. À noite, na sede da “Associação Atletica Palmarina”, que se acha em sua fase de acabamento, houve baile oferecido aos visitantes, sendo às 24 horas, sorteado um carneiro, no bingo, no que foi premiado o jovem Enaldo Lemos, de Marechal Deodoro. Discursou o sr. Carlos Sarmiento Plech, Presidente do “Zumbi Esporte Clube” que, em meio às suas palavras, elogiou amaneira educada dos deodorenses, tanto durante a disputa como no decorrer do baile. Quis o orador com isto frisar que nem sempre as desportistas que nos visitam, deixam esta impressão a seu respeito. Num bonito improviso agradeceu o sr. Edival Lemos, Presidante do “Gremio Esportivo Deodoro da Fonseca”. Os deodorenses trouxeram seu excelente conjunto musical que a todos agradou, tanto que entramos em entendimento afim de que esse conjunto venha abrilhantar a festa que aqui se realizará a 16 de dezembro próximo, por ocasião da formatura da primeira turma de nosso Ginasio. Mas nada de definitivo, porque até lá muitas coisas podem acontecer. O que interessa no momento, é saber que, aos poucos, está havendo um intercambio entre as cidades do interior alagoano, intercambio este que deve ser imitado, mesmo que tenha como veículo o futebol, esporte que não admiro, mas sei que fabrica atletas. E assim sendo, conheceremos as diversas zonas de nosso Estado, e teremos oportunidade de exhibir aos outros o que tivemos de melhor, coisa pouca e modesta, é verdade, mas que amamos de todo o coração.

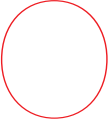
União dos Palmares, 6/11/956.

42 UMA INDÚSTRIA EM FÓCO⁸⁰

Enquanto não chega a Semana Ruralista (início no próximo domingo, 18) passemos em revista os últimos acontecimentos palmarinos, isto é, os mais dignos de neto. Em primeiro lugar, não fosse um assunto complexo e que merece comentário especial, falaríamos agora, sobre a feliz transformação por que está passando esta cidade últimamente. Como há um dia para tudo, breve chegará a vez de uma descrição sobre o fato. Para os palmarinos distantes e curiosos, um pouquinho de mistério e reticência não há de fazer mal. E então, que fiquem a par de mais uma novidade com mais uma indústria. Num dos meus passeios pelas redondezas, aproveitando o bom tempo, tão firma agora, fui à fazenda “Cafuxi”. Sabia que seu proprietário pretendia montar por lá uma indústria e, talvez por causa dos meus afazeres que me roubem o tempo, não tive notícia desse empreendimento, de forma que me esqueci dele completamente. E foi grande a surpresa quando, há umas três semanas atrás, a convite do snr. Oséas Maia, proprietário da fazenda “Cafuxi”, fua lá passar um domingo e boquiabri-me até onde mandam os limites faciais, de farinha panificada, primeira e única no Estado, fundada a 26 de janeiro do cor-

⁸⁰ Texto publicado em 18 de novembro de 1956 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal da Alagoas**.

rente ano. Disse-nos o industrial Oséas Maia que a finalidade de sua indústria é diminuir a saída da divisas monetárias para o estrangeiro, porque é adicionada ao trigo pelos moinhos e está isenta de impostos por 5 anos, de vez que se trata de um empreendimento único no Estado. A produção desta fábrica de farinha panificada é de 100 sacos diários, dando 30 de sub-produto, ou seja, celulose que serve para a criação de suínos e hovinós. A máquina foi importada de São Paulo, das indústrias Fábrica D'Andréa. No começo da produção houve uma deficiência no maquinismo e que implicou na vida de um técnico, sendo que somente o segundo da Fábrica D'Andrea, resolveu o caso satisfatoriamente, fazendo com que a produção atingisse a sua plenitude. Conhecer de perto essa fábrica é saber o quanto lucrou nosso município que vê assim suas rendas aumentadas do dia para a noite como num passo de mágica. É movida a óleo Diessel, como motor de 38 H.P., tendo um outro de 15 H.P. para a iluminação da fábrica e secagem dos produtos. A zona em que está localizada é de grande valor porque fica no extremo do município, contando apenas com uma grande dificuldade, que é a "coqueluche" do Brasil: falta de estradas. As poucas e precárias de que dispõe são feitas pelo proprietário e vizinhos. Daí a dificuldade de transporte. A fazenda "Cafuxi" possui ainda um imenso açude, bastante piscoso, água potável das melhores do município, mais de 600 metros de altitude e uma área de 1.300 hectares. Produz cereais, algodão, frutas, sendo sua principal cultura a mandioca. Portanto, só resta União dos Palmares agradecer ao pioneiro Oséas Maia, essa grande iniciativa, que vem aliviar mais as velhas dores do município.



meu prezado companheiro de jornada e amigo Moacir Ribeiro, da sua pitoresca Marechal Deodoro, com bondosas palavras falou do meu retorno á nossa estimada “Página”. Sim, me amigo, voltei ao nosso cantinho do “associado”, não com o brilhantismo com que me distinguiu, porem, aqui estou, firme, inabalável, alheia às questões políticas, disposta sempre a falar sobre o que aqui se desenrolar, dêa a quem doer, fira a quem ferir. Este grande município, ou melhor, esta cidade que você de perto conheceu, continua vivendo seus dias absolutamente iguais como duas gotinhas água. A não ser algum fato mais importante vez por outra, como ultimamente a fundação da nossa Escola de Comércio, só nos resta esperar melhores dias para esta comunidade. E uma coisa com que não me conformo, é este abandono em que vivem os municípios espalhados por este Brasil afora. Carregam com nosso dinheiro, levem os produtos dos nossos municípios, a troco de nada. Deixam o povo carecendo de tudo e tocam a mandar os afortunados para o estrangeiro em missão disto e daquilo. Inventam Semanas de não sei lá quantas coisas, espalham turistas de norte a sul e de leste a oeste do país, passam vida de príncipes, tudo isto à custa do nosso esforço e do nosso trabalho malbaratando, enfim, o dinheiro dos que o ganham honradamente. Esta a situação que os homens de responsabi-

⁸¹ Texto publicado em 19 de maio de 1957 (domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

lidade criam para o país. Quando acabar, nas eleições, quebre-mos lanças por eles... São estas, meu amigo, pesa-me dizê-lo, as palavras desanimadoras que tenho para lhe dizer.

SOCIAIS – 1) Domingo, em homenagem ao Dia das Mães, realizou-se uma binita festa no Senac, promovida pelos Snrs. José Bento da Silva, Francisco de Moraes Lins, snrta. Maria do Carmo Pereira e outros. União dos Palmares também escolheu a sua Mãe do Ano. A escolha recaiu na snra. Regina Cordeiro Lins, mãe de 17 filhos e esposa do snr. Francisco de Moraes Lins. Seus filhos são hoje a recompensa os esforços de seus pais. Alguns são formados em Contabilidade, outros estudam engenharia, outros segue a carreira eclesiástica no Seminário de Maceió e os mais moços são ginasianos. Uma bela prole, portanto, futuramente a serviço da sociedade. A dona Regina Cordeiro Lins, foram oferecidos um belo ramallete e uma bonita bandeja metálica.

2) – no dia 13 do corrente foi comemorado intimamente o aniversário do prof. Dorgival Sarmento, da nossa Escola de Comércio e acadêmico de direito da Faculdade de Maceió. Estiveram presentes o diretor da Escola Técnica de Comércio local: Dr. Nilton Pereira Gonçalves, professores e alunos do homenageado. Foram ouvidas as palavras do dr. Jorge de Araujo Lima, dr. Zenildo Alves e prof. Maria Mariá. No brinde à champanha, agradeceu o aniversariante que terminou suas palavras afirmando seu bom propósito de trabalhar pelo engrandecimento da terra palmarina, principalmente no setor educacional.

3) – Também neste dia o Gremio Dramatico levou à cena uma interessante peça: “Eu não posso ver mulher”. Mais uma vez, estão de parabéns os amadores palmarinos, principalmente Maria Madalena Oliveira, Nivaldo José, Miguel Santos, Lucio Alvim e José Severino, não deixando de salientar a boa atuação dos estreantes. A todos, pois os aplausos da gente palmarina.

44 UNIÃO DOS PALMARES⁸²

Mais uma vez União dos Palmares saiu de sua rotina (em referencia à ultima sessão de júri, aqui realizada). Sempre foi publica e notória a magnanimidade com que nossa gente devolve seus criminosos ao seio da sociedade. Tanto que o sujeito que tivesse um inimigo e desejasse eliminá-lo, não tinha mais que fazer a não ser atraí-lo para União dos Palmares e, aqui cometer o crime, sem citar, é claro, os “casos de casa”. Resultado: inquérito, cadeia, júri, absolvição. Porem, nesta última reunião do júri, o tiro saiu pela culatra, como vulgarmente se diz: um uxoricida foi submetido a julgamento e, quando seus partidários julgavam-no angelicalmente inocente, a justiça se fez sentir e condenou-o a 11 anos de prisão celular. Pena, aliás, sem nenhum proveito para a sociedade, pois, através de um velho princípio, sabemos que a vida humana não tem preço. Não adianta os inconscientes dizerem que eu não deveria me revoltar contra criminosos porque minha família está repleta deles. Em nenhuma parte do mundo criatura alguma tem a obrigação de carregar consigo a culpa ou tara de seus antepassados. Se por ventura existe em minha família algum transgressor compensação há homens de bem dos quais,

82 Texto publicado em 26 de maio de 1957 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

esta honrosa consanguinidade, é motivo de orgulho para mim. Portanto, cadeia com os criminosos, dando, definitivamente o assunto por terminado. Voltemos ao lado bom e alegre da vida. Esta coluna, aqui está a serviço da sociedade palmarina. Por seu intermédio estão sendo convidados conterrâneos e amigos para uma festa que se realizará em benefício dos cancerosos, no dia 15 de junho próximo, patrocinada pela Rêde Feminina de Combate ao Câncer, sob a direção de snra. Dona Bezerra de Melo, esposa e colaboradora do dr. Duerno Wanderley de Melo, diretor do nosso Hospital. Com a Cooperação do grande mundo feminino, snras. Ester Gomes de Barros, Esmeralda Valença Pereira, Gleide Acioli, Ilza B. Sarmiento, Luiza de França Gonçalves, Alzira Silva, Hermè Cardoso e outras mais, esta festa certamente marcará época em nossa vida social. Será realizada na sede da “Associação Atlética Palmarina”, num ambiente tipicamente junino, em homenagem ao grande patrono do mês. Desde já estão sendo programadas inúmeras atrações para que assim seja culminada de êxito esta humanitária iniciativa. Oportunamente voltaremos com mais pormenores sobre a referida campanha, esperando que o povo palmarino também desta vez, compreenda o alto significado de uma grande realização e se uma, sem ódio nem ressentimentos a fim de cooperar para o sucesso desta grande obra filantrópica: Pêde Feminina de Combate ao Câncer.

Sábado último conheci a cidade de Marechal Deodoro, antiga Alagoas, primeira capital do nosso Estado, lá por volta de 1822, portanto, quase século e meio de tradições que se perderam no esquecimento. Conhecer a cidade de Marechal Deodoro, não é conhecer uma cidadezinha qualquer, como alguém me insinuou. É retroceder no tempo. É conhecer o Brasil de antanho impregnado das suas singelas tradições. Admirei, comovida, as ruínas do Palácio do 1º Governador do nosso Estado, a casa onde nasceu o Marechalíssimo Deodoro da Fonseca, suas oito igrejas seculares, imponentes, hoje ninho de morcegos, suas casas com aquele jeito típico das coisas do passado, tudo isto desmoronando, no mais revoltante descaso que se possa imaginar. Considero além de descaso, um verdadeiro crime, este abandono em que os poderes públicos deixaram ficar a tradicional cidade de Marechal Deodoro, que bem poderia ser o cartão postal do Estado ou a sala de visitas de Maceió, também plantada à margem da serena lagoa Mangaba. União dos Palmaeres, não menos tradicional que Marechal Deodoro também sofre do mesmo mal. Não temos, é verdade, a paisagem pitoresca desta cidade nascida à margem de uma lagoa, coisa que encanta

83 Texto publicado em 09 de junho de 1957 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jorna de Alagoas**.

os olhos e repousa o espírito, mas temos a beleza impar da serrania que nos cerca. Tão azulada às vezes, que eu chego a imaginar que a famosa Iracema de José de Alencar nasceu aqui, porque aqui também as serras azulam no horizonte. A municipalidade jamais se lembrou de facilitar o turismo por estas bandas, pois temos um único ponto de atração: a histórica Serra da Barriga, baluarte dos negros que se revoltaram contra o crime da escravidão movimento este em 1630 que precedeu a Tiradentes na Conspiração Mineira de 1792 ou a D. Pedro I, em 1822, com o seu famoso brado de “Independencia ou Morte”. Qualquer estudioso da história, do Brasil que deseja verificar “em loco” o berço da sua liberdade, chagando aqui não sabe como se orientar. Quer chegar à serra da Barriga, que se avista de qualquer ponto da cidade, mas não sabe que rumo deve tomar. Não há condução que o leve até lá. Se chegar ao seu sopé, após grande sacrifício, não pode subir ao cume do famoso reduto. Faltam guas, faltam meios, finalmente, conhecer de perto a serra da Barriga, já se tornou um mito em União dos Palmares e quem falar nisto aqui, “vai preso”, como diz a nossa gostosa gíria. Portanto, meus prezados amigos deodorenses, consolem-se, pois, diz o velho ditado que o mal de muitos, consolo é.

União dos Palmares e Marechal Deodoro que continua figurando no mapa de Alagoas como um ponto de referência ou como fornecedores de votos no tempo de eleições. Pelo menos, Marechal Deodoro, domingo último, quebrou o tabu, com a inauguração do seu Clube social, coisa que União dos Palmares ainda não conseguiu realizar, pois os ricos da terra querem apenas embolsar o dinheiro que ganham do solo amigo e hospitaleiro e o progresso da terra que se fomenta. Marechal Deodoro não contou com o apóio dos poderes públicos para a realização dessa obra. Mais uma inauguração digna de elogios, foi feita no Estado, à custa do

esforço de alguns abnegados, principalmente do grande batalhador Edival de Lemos Santos, Presidente da novel instituição, Moacir Ribeiro e outros que se associaram e fundaram um Clube, pequeno, é verdade, mas o mérito está em que não tiveram apôio de qualquer poder constituído, tanto que até luz elétrica faltou para a inauguração do Clube, o que foi feito com lâmpadas “Aladim”. Sinal de coronelismo que, infelizmente ainda impera no Brasil.

46 MARECHAL DEODORO⁸⁴

Sábado último conheci a cidade de Marechal Deodoro, antiga Alagoas, primeira capital do nosso Estado, lá por volta de 1822, portanto, quase século e meio de tradições que se perderam no esquecimento. Conhecer a cidade de Marechal Deodoro, não é conhecer uma cidadezinha qualquer, como alguém me insinuou. É retroceder no tempo. É conhecer o Brasil de antanho impregnado das suas singelas tradições. Admirei, comovida, as ruínas do Palácio do 1º Governador do nosso Estado, a casa onde nasceu o Marechalíssimo Deodoro da Fonseca, suas oito igrejas seculares, imponentes, hoje ninho de morcegos, suas casas com aquele jeito típico das coisas do passado, tudo isto desmoronando, no mais revoltante descaso que possa imaginar. Considero além de descaso, um verdadeiro crime, este abandono em que os poderes públicos deixaram ficar a tradicional cidade de Marechal Deodoro, que bem poderia ser o cartão postal do Estado ou a sala de visitas de Maceió, também plantada à margem da serena lagoa Mangaba. União dos Palmares, não menos tradicional que Marechal Deodoro, também sofre do mesmo mal. Não temos, é verdade, a paisagem pitoresca desta cidade nascida à margem de uma lagoa, coisa que encanta

⁸⁴ Texto publicado em 29 de junho de 1957 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

os olhos e repousa o espírito, mas temos a beleza impar da serrania que nos cerca, tão azulada as vezes, que eu chego a imaginar que a famosa Iracema de José de Alencar⁸⁵ nasceu aqui, porque aqui também as serras azulam no horizonte. A municipalidade jamais se lembrou de facilitar o turismo por estas bandas, pois temos um único ponto de atração: a histórica serra da Barriga, baluarte dos negros que se revoltaram contra o crime da escravidão, movimento este em 1630 que precedeu a Tiradentes na Conspiração Mineira de 1792 ou a D. Pedro I, em 1822, com o seu famoso brado de “Independencia ou Morte”. Qualquer estudioso da história do Brasil que deseja verificar “do loco” o berço da sua liberdade, chegando aqui não sabe como se orientar. Quer chegar à serra da Barriga, que se avista de qualquer ponto da cidade, mas não sabe que rumo deve tomar. Não há condução que o leve até lá. Se chegar ao seu sopé, após grande sacrifício, não pode subir so cume do famoso reduto. Faltam guias, faltam meios, finalmente, conhecer de perto a serra da Barriga, já se tornou um mito em União dos Palmares e quem falar nisto aqui, “vai preso”, como diz a nossa gostosa gíria. Portanto, meus prezados amigos deodorenses, consolem-se, pois, diz o velho ditado que o mal de muitos consolo é.

União dos Palmares e Marechal Deodoro que continuem figurando no mapa de Alagoas como um ponto de referencia ou como fornecedores de votos no tempo de eleições. Pelo menos Marechal Deodoro, domingo último, quebrou o tabu com a inauguração do seu Clube social, coisa que União dos Palmares ainda não conseguiu realizar, pois os ricos da terra querem apenas embolsar o dinheiro que ganham do solo amigo e hospitaleiro e o progresso da terra que se fomenta. Marechal Deodoro não contou com

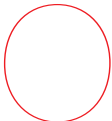
⁸⁵ Mais um indício das leituras feitas.

o apóio dos poderes públicos para a realização dessa obra. Mais uma inauguração digna de elogios foi feita no Estado, **às custa** do esforço de alguns abnegados, principalmente do grande batalhador Edival de Lemos Santos, Presidente da novel instituição, Moacir Ribeiro e outros que se associaram e fundaram um Clube, pequeno, é verdade, mas o mérito está em que não tiveram apóio de qualquer poder constituído, tanto que até luz eléctrica faltou para a inauguração do Clube, o que foi feito com lâmpadas “Aladim”. Sinal do coronelismo que infelizmente ainda impera no Brasil.

Ultimamente conheci a cidade de Marechal Deodoro onde fui assistir, a convite da Diretora, a inauguração do Clube local. Por intermédio desta coluna deixei minha impressão a respeito desta tradicional cidade alagoana e também a admiração pelo dinamismo dos que se empenham para num município de poucas rendas e sem auxílio público, inaugurar um Clube, o que não deixa de ser grande feito. Muricí, outra cidade que não tem independência econômica pois vive sob o jugo da cana de açúcar, também está construindo seu Clube Social, iniciativa privada, com a colaboração de outros tantos idealistas. O prédio está sendo levantado em Campo Grande, futuro centro da cidade e promete ser uma das belas construções do Estado. Só União dos Palmares, município dos maiores e mais ricos de Alagoas, terra independente, porque aqui não se diz: “Lá vem o homem” inexplicavelmente empacou, fêz finca-pé como burro teimoso à beira de um estrada e não inaugurou ainda, oficialmente, a sede da “Associação Atletica Palmarina”, quasi concluída. Mas o negócio está nesse “quasi” que tem dado dor de cabeça naqueles que se interessam pelo progresso do município. Com a palavra, pois, a atual Diretoria da “Associação Atletica Palmarina”.

⁸⁶ Texto publicado no dia 14 de julho de 1957 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**.

SOCIAIS – 1) Realizou-se no dia 15 do mês passado a festa em benefício dos cancerosos, promovida por uma comissão de senhoras da Rêde Feminina de Combate ao Câncer, local. Conforme esperávamos, foi uma festa de grande êxito, pois inúmeras pessoas aqui compareceram e colaboraram regiamente para o acesso de nossa campanha. O grande bingo da noite coube ao deputado Antonio Gomes de Barros que, num gesto de gentileza, não aceitou o mesmo, oferecendo-o à “Associação Atletica Palmarina”. A Comissão encarregada da festa faz ciente que a renda líquida desta campanha foi de Cr\$ 17.000,00, agradece aos que cooperaram e ao mesmo tempo avisa que em setembro próximo se movimentará com idêntica finalidade. 2) No dia 20 do mês passado, faleceu nesta cidade o sr. Alfredo Marques do Couto, fazendeira em nosso município e pessoa de projeção em nosso meio social. Sem cair no lugar comum que é exaltar as boas qualidades dos que se foram, perdemos, com a morte do sr. Alfredo Marques do Couto, um elemento de valor da velha geração. Dentre os membros de sua grande descendência, destacamos o professor Josafat de Mendonça Couto, conhecido nos meios intelectuais de Alagoas poeta, professor de línguas e Agente do I.B.G.E. em nosso município. 3) No dia 28 de junho passado aniversariou nosso amigo Dr. Geraldo Gomes de Barros, grande elemento da sociedade palmarina e professor da Escola de Comércio local. A residência do aniversariante compareceram seus alunos e amigos que, numa homenagem espontânea disseram da sua satisfação pelo grande acontecimento. A todos, o prof. Recebeu com a fidalguia que lhe é peculiar.



pessoal da terra está sentindo falta da coluna de União dos Palmares nesta “Página dos Municípios”. O su-
 miço é motivado pela velha causa: falta de tempo para es-
 crever. O inverno passado e as chuvas nenhuma novidade
 nos trouxeram. Para nós do Hemisferio Sul, ou é inverno ou
 verão, mas, á maneira dos países de outro Hemisferio vamos
 chamar Primavera ao tempo que se aproxima. Nesta época
 parece que a vida fica mais fácil de ser vivida e sua aproxi-
 mação marca época entre nós, pois, qualquer coisa que pre-
 tendemos realizar ou protelar, já se sabe: fica para “depois
 do inverno”. De maneira que o inverno passou e eis-nos ás
 portas de uma nova vida. Para nosso Município, felizmente,
 despontou a aurora de uma vida nova com a atual adminis-
 tração, assunto este que será analisado em outra oportuni-
 dade. Pensemos na hora presente. Os sucessivos donos de
 nossa Pátria, nos decepcionam tanto e com tal intencidaded
 que eu continuo sem nenhum entusiasmo de ser uma mo-
 déstia cidadã brasileira, contendo-me com a simples con-
 dição de palmarina. Deixemos o Brasil que é imenso e tem
 muitos donos e vamos passar por este planeta fazendo algo
 que fique como um marco de nossa passagem. Nada me-

87 Texto publicado em 07 de novembro de 1957 (Sábado), na **Página dos Mu-
nicipios** do **Jornal de Alagoas**.

lhor, então, do que trabalhar conjuntamente pelo engrandecimento da terra comum. Trabalhamos. É verdade, mas sem nenhum estímulo pois, se nossos homens públicos não se desentendessem com seu primarismo político, talvez todas as comunidades da nação brasileira fossem um mimo de organização. No entanto, a discórdia é tamanha que o resultado é este que se vê: de norte a sul e de leste a oeste do país são uns tais de P.T.B., P.S.P., P.S.D, U.D.N, P.S., não sei que e tantas outras combinações alfabéticas fazendo confusão, que a gente conclue daí que os homens querem apenas fazer politicagem e não governar. Logo, o melhor a fazer, é cuidar de coisa mais objetiva e aqui estamos nós, palmarinos, às vésperas de um grande acontecimento: no próximo dia 15 a Diretoria da “Associação Atletica Palmarina” realizará uma série de festividades comemorativas do 25º Aniversário de seu tradicional Clube. Do programa destacamos uma parte que interessa á juventude desportista: uma disputa de futebol com o time da Faculdade de Medicina de Maceió e, á noite, na sede do Clube, um grandioso baile com o desfile das candidatas ao título de “Rainha da Primavera” de 1957. Com a cooperação do har-certamente teremos no dia 15 do monioso conjunto “Capitólio”, corrente, uma das grandes noites palmarinas. Para maior êxito de nossa festa, a Diretoria da “Associação Atletica Palmarina” espera o comparecimento de todos os seus associados e demais pessoas que foram convidadas.

49 UMA EMBAIXADA DE VIÇOSA⁸⁸

União dos Palmares volta hoje ao ninho antigo, ou seja, volta à “Página dos Municípios”, depois de quase um ano de ausência, lembrada talvez por uma pequena minoria de palmarinos, sobretudo os ausentes, que ainda se dão ao trabalho de ler sobre o que se passa aqui, pelos lados do Mundaú. Durante estes longos meses, o tempo rolou e, na sua marcha implacável, muita alegria e muita decepção nos trouxe. Fazer um retrospecto na ordem em que as coisas se passam, é quase impossível. De que falar, então? Vêm aí as eleições. Ah! Os róseos (e protos) tempos de eleição! É uma assunto interessante e que merece uma crônica à parte, ficando, portanto, para outra oportunidade. Também a CHESF já deu o ar de sua graça em União dos Palmares.

Outro assunto transcendental que será comentado isoladamente. Portanto, comemoemos a volta de nossa cidade à “Página dos Municípios”, com um fato inusitado para nós: a recente visita que nos fizeram nossos irmãos viçosenses, a fim de comemorarmos juntos, como bons irmãos e patriotas, a grande data brasileira: 7 de Setembro. A convite da Diretoria do Ginásio Sta. Maria Madalena (local), procedente de Viçosa, chegou uma caravana de 74 pessoas

⁸⁸ Texto publicado em 21 de novembro de 1958 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

composta da banda feminina da Escola Normal, professores, alunos, etc. O povo de nossa zona urbana estava na gare da R.F.N., espontaneamente, num misto de curiosidade e hospitalidade, esperando os visitantes para lhes dar as boas-vindas. Após a confusão da chegada, ao toque de reunir, a banda feminina se perfilou, desfilando pela Avenida João Pessoa, numa verdadeira disciplina militar. O povo, em massa, acompanhou em seu percurso aquele punhado de jovens, belas e saudáveis, que tão garbosamente enfeitavam as ruas de nossa cidade. Durante uma série de manifestações, que começou desde a chegada, na Praça Basiliano Sarmiento até ao baile na sede da “Palmarina”, vários oradores foram ouvidos. O primeiro – Dr. Guilherme Duarte de Barros, professor do Ginásio local – em bonitas frases, saudou os vi(**trecho ilegível**) do Ginásio Sta. Maria Madalena e do povo palmarino. Falou em seguida a professora viçosense, srta. Maria Votória Barreto Falcão, que a todos emocionou com suas singelas palavras, revigorando os laços da velha amizade que nos une e que começou as duas cidades se tornarem irmãs por motivo do decreto de 13 de outubro de 1831. Falou após, o ilustra prof. Pedro Teixeira, em nome do Diretor da Escola Normal da “Princesa das Matas”, terra natal do meu prezado amigo Dr. Manoel Brandão Vilela. Com palavras que calaram fundo no coração palmarino, o grande orador disse do sentimento de amizade que sempre ligou palmarinos e viçosenses, agradecendo, por fim, a calorosa recepção do povo de União dos Palmares. No desfile do dia 7, a atração máxima foram as componentes da banda feminina de viçosa, que desfilaram com garbo e disciplina. A tarde deste mesmo dia houve sessão solene no SENAC, falando, entre outros, o Dr. Manuel Firmino Vasconcelos, Diretor da Escola Normal daquela cidade amiga. Sua oração também a todos entusiasmou, aliando-se à sua cultura a

palavra fácil e bonita dos grandes oradores. Em prosseguimento à sessão houve uma hora de arte, na qual se salientou o talento das jovens visitantes. Convém salientar que, com exceção do Revmo. Cônego Clovis Duarte de Barros, vigário desta Paróquia e do Vereador Francisco de Moraes Lins, as demais autoridades do Município, nesta sessão, primaram pela ausência. Encerram-se as festividades com um baile na sede da “Palmarina”, regressando todos no dia seguinte com as mesmas manifestações de carinho com que foram recebidos. E que voltem novamente, amigos de Viçosa, pois, a qualquer momento, vocês encontrarão aberto o coração do povo palmarino, que os há de receber com o velho sentimento que sempre que sempre nos uniu – o amor fraternal, sentimento este que durará por toda a eternidade.

50 CANDIDATOS E PRIMAVERA⁸⁹

A primavera dos poetas e dos namorados amanheceu com chuva, fazendo o povo – esse eterno descontente – ficar macambuzio porque o inverno se estirou mais um pouco. O belo dia de sol que tivemos ontem, também foi motivo de reclamações. Porém, no meio de tanta incoerência, há os que contemporizam – espécie de gente sem problemas que vive em paz com Deus e com o Diabo e para quem a primavera chegou no tempo e no coração. Mesmo assim, por mais serenidade de espírito que tenhamos, não vivemos no mundo da lua e as nossas ilusões sofrem, às vezes, as cotoveladas da realidade. Esta “filosofia de bolso” não está, aqui, deslocada. Vêm a propósito. Tem uma razão de ser. É que, somente hoje, notei como está coloria e enfeitada a nossa cidade. De um lado a outro das suas principais artérias, há uma infinidade de faixas com dizeres bombásticos dos patriotas que pretendem salvar a Pátria, o Estado e o Município. São frases bonitas que fazem a gente ficar matutando: “Será que é mesmo?” Mas o brasileiro, tipo clássico do sujeito que só fecha a porta depois de roubado, deixa ir na onda para depois ficar sofrendo as tais cotoveladas, e finíssimas, em suas ilusões. Para consôlo nosso, tudo passa sôbre a face

⁸⁹ Texto publicado em 28 de setembro de 1958 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

da terra, tanto assim que o rigor do inverno também se foi e a primavera aqui está, prenhe de vida, às portas de uma nova eleição. Os candidatos “amigos” dos pobres, “protetores dos humildes, “bemfeitores” de nossa terra, surgiram rapidamente, e em tal quantidade, que nem os cogumelos que brotam na terra-mãe. Ilustres desconhecidos fizeram-me sair da obscuridade em que sempre vivi, honrando-me com cartões amistosos, perguntando até como vai a família, etc. Dentro de minha humanidade boquiabri-me até onde mandam os limites faciais e me perguntei: “Como foi que o Dr. Fulano (para mim todos os candidatos são doutores) descobriu que existo e que tenho família?” Quando já estava desvanecida com semelhantes provas de consideração, eis que decifro nos tais cartões amistosos, o conhecido “slogan” embora velado e adulterado: “Ruim por ruim, vote em mim”. Uns até insinuaram que o candidato “X” não merecia meu precioso voto. Conclui então, que a velha humanidade não mudou. É à mesma, desde o ano 385 A.C. até este 1958 da era cristã, pois, àquela época, já Demostenes, acusando um seu compatriota, falou de uns “homens apostados a infamar os vivos e a incensar os mortos”. Portanto, como simplória eleitora, desejo que todos os ilustres candidatos sejam bem-vindos, como o é a primavera que rejuvenesce o mundo e pinta de ouro as manhãs de nossa terra natal.

51 ELEITORES E ELEIÇÕES⁹⁰

Quando circular esta “Página”, certamente já será público e notório o resultado das eleições. Candidatos e eleitores estarão uns contentes, com ares de guerreiro que venceu o inimigo, e outros sofrendo o dissabor da amarga derrota. Analisando-se bem, uma eleição não deixa de ter uma coação ao eleitor, pois, muitas vezes, ele é obrigado a votar em candidatos com quem não simpatiza nem conhece. Mas a solidariedade partidária é o diabo...

Dentre os deveres do cidadão brasileiro, acho o mais importante votar, e não é sem uma certa parcela de emoção que depositamos um voto na urna, sobretudo porque nesse momento estamos, mais do que nunca, fazendo parte de uma grave decisão tomada pela massa de brasileiros votantes. Geralmente não votamos satisfeitos, porque nossas decepções vêm de longa data e já nos sentimos cansados e desiludidos de tanta promessa daqueles que, na época pre-eleição, se metem á palmatória do mundo. E por falar em eleição, lembrei-me agora que em tempo que não vai longe, alguém me qualificou de política exaltada, udenista⁹¹ **e até comunista.**

Vejam só! Não sei de quem partiu semelhante idéia, pois, em se tratando desta barafunda, deste organismo com-

⁹⁰ Texto publicado em 12 de outubro de 1958 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas.**

⁹¹ Partido de orientação conservadora, opositor à política de **Getúlio Vargas.**

plexo que é a política de nossos dias, sou de uma ignorância sem limites, primaria mesmo. Como cidadã brasileira, e fazendo parte do funcionalismo do Estado, tenho, por força da lei, de comparecer às urnas, quando o dever me chama. No entanto, faço-o desapaixonadamente, cumprindo uma obrigação apenas e votando naqueles a quem sou ligada pelos laços de parentesco e de amizade. E não o faço enganada, porque o sujeito quando quer subir tem artimanhas do capeta, o que faz vir a público o espírito crítico de nossa gente.

Exemplificando, aqui está um caso: numa das últimas urnas abertas nesta cidade, um eleitor escreveu, no seu voto, que não servia de escada para ninguém subir.

O mais interessante foi o que me disse um velho conhecido, tipo clássico do nosso matuto, por sinal eleitor: “Dana, tou cum quege 70 anos e nunca vi tanto home branco e rico minti tanto дума vêi só”. Estas ponderações nos levam a crer que o eleitorado brasileiro, principalmente o chamado “eleitorado de cabresto”, está melhorando paulatinamente. Se a coisa continua neste crescendo, é bem provável, que em um futuro bem próximo tenhamos 50% ou mais de abstenção dos brasileiros que votam, espontâneos ou coagidos. Finalmente, o que desejo, é que depois destas novas eleições, surja um período de maior compreensão entre os nossos homens públicos, de maneira que continuemos entre a “Ordem e Progresso” de nossa bandeira pátria e a “Paz e Prosperidade” da bandeira de nossa pequena e querida Alagoas.

52 PALAVRAS AOS VEREADORES PALMARINOS⁹²

As eleições que passaram trouxeram mudanças para o Legislativo palmarino. A política tem complexidades que mais acentuam minha ignorância: alguns candidatos à vereança com maior número de votos, não elegeram, ao mesmo tempo em que outros, com uma votação relativamente mais baixa, saíram vitoriosos em sua jornada. Tudo isso não tem importância, pois creio na boa vontade de todos os que foram distinguidos com os votos daqueles que os julgaram capazes e merecidos. Sempre visei, acima de meu próprio interesse, o progresso de nossa terra, e por isto, deixo aqui estas palavras, como lembrete, aos noveis e reeleitos vereadores: Em primeiro lugar, que fiquem de lado estas histórias de intrigas partidárias, pois isto é próprio de mulheres briganças que se exaltam nos pastoris (“O encarnado é mais bonito! O azul é o maior!”, etc.) Quando, em nossa Câmara, estiver em jogo o destino de nosso Município, os senhores legisladores devem esquecer quais legendas os levaram até lá, tendo coração e pensamento voltados apenas para o bem da terra comum. No entanto, tal não acontece, e o que vemos são alguns inimigos da terra, – é o que deduzimos, – procurando sorrateira ou abertamente obstruir a boa marcha em

⁹² Texto publicado em 19 de outubro de 1958 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**.

que vai nosso Município com seu progresso já tão retardado. Como exemplo, aqui vai um caso para ilustrar muitos: o atual Prefeito, sr. Antenor de Mendonça Uchoa, sem a veemência característica do Presidente Juscelino (50 anos do progresso em 5), em nenhum exagero e como num passe de mágica, fez o nosso Município avançar 20 anos em apenas 2 de sua administração. Este fato é uma realidade que salta aos olhos dos menos avisados, dos que torcem a verdade das coisas em benefício de causas próprias e mesquinhas. União dos Palmares, não está, absolutamente, correspondendo a sua posição histórica, econômica e geográfica dentro do Estado. Somos dessa espécie da gente que dá tudo e nada recebe de volta. Agora, que nos apareceu um administrador com o dinamismo do Prefeito Antenor da Mendonça Uchoa, é de paralisar que se levantem vozes contra ele, é de estarrecer, que estas vozes surjam de onde jamais deviam aparecer: da Câmara de Vereadores. Portanto, senhores edispalmarinos, não é com ódio pessoal nem com ressentimentos políticos que se constrói a grandeza de uma comunidade. Cooperem com o nosso Prefeito para maior andamento de sua obra ciclópica e mostrem aos que os distinguiram com seus votos que, acima de bisbilhotices políticas, paira o engrandecimento de nossa terra, que sempre horamos com nossa capacidade de trabalho.

53 RETORNO⁹³

Após vários meses de ausência, União dos Palmares volta novamente a ocupar seu lugarzinho em nossa “Página”. Foram os colegas Rubens, José Branco, Hélio Teixeira e outros que me trouxeram de volta ao nosso colóquio domingueiro. Numa gentileza que agradeço de todo o coração, quiseram saber o que era feito desta despreziosa escrevinhadora. Quiseram mesmo saber que fim eu levava. Nenhum, amigos. O certo é que ainda não “estiquei as canelas” (como certamente pensaram), o que não pretendo tão cedo, nem tão pouco mudei de residência, pois minhas raízes aqui são seculares, de forma que me sinto prêsa a esta terra por muitos e muitos anos de tradição os dias, os estudos e, de todos os dias, os estudos e, para não fugir à verdade, uma preguiça enorme de escrever, me impedem de através desta “Página”, dar o “ar de minha graça”, conforme escreveu Hélio Teixeira. Também um giro de alguns meses, lá pelos confins do oeste brasileiro, colhendo impressões maravilhosas, foi mais um motivo do meu afastamento das lides jornalísticas. Logo, assunto é que não falta. Deixando de

⁹³ Texto publicado em 15 de agosto de 1959 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**. Infelizmente a obra não foi encontrada em sua completude, todavia, o pequeno trecho aqui colocado dispõe de informações significativas acerca da vida da autora e do local de escrita. Representa mais um retorno aos jornais, após alguns meses de afastamento.

lado a vida alheia – por um princípio de solidariedade humana e de educação – pois, a vida do próximo é assunto de primeira nas pequenas comunidades, há muito sobre o que se escrever, temas construtivos que elevam e dignificam aqueles que se dão ao trabalho de transmitir o que pensam, sentem e observam. Tenho armazenada uma série de rascunhos sobre a vida e os problemas de nossa cidade, mas... cadê tempo e coragem para me desobrigar desta missão de humilde representante de União dos Palmares na “Página dos Municípios”? O ideal seria que tivéssemos, aqui, um jornalzinho⁹⁴ porta-voz da gente palmarina. Aliás, já tentamos isto inúmeras vezes, porém cada jornal não passava dos seus primeiros números. As dificuldades eram imensas e o descaso dos que nos deviam ajudar era maior. O resultado é que hoje, aqui, a⁹⁵

⁹⁴ Mais uma vez menciona a importância de se fundar um jornal na cidade, revelando que as tentativas anteriores não foram exitosas.

⁹⁵ O texto apresenta-se incompleto porque a parte posterior do jornal não se encontrava disponível.

54 QUEIXAS E RECLAMAÇÕES⁹⁶

Esta Página é nossa, ou seja, do pessoal do interior conforme está em letras garrafais aí, no seu cabeçalho. Baseada nisto e encorajada pela velha lei que nos autoriza a usar e abusar do que é nosso, digo que a “Página dos Municípios” está saindo pintada de erros de impressão. Agradeço a quem, na redação deste Jornal, enfeita meus rebiscos despreziosos (com “s”, por favor) de quantos sinais inventou a indolência dos nossos gramáticos para tornar mais complicada a “ultima flor do Lacio”. Sempre fui avessa a este negocio de estar acentuando quanta palavra escreva, o que resulta em pura perda de tempo. Mas que fica bonito, fica mesmo. No entanto, os grandes do nosso Jornal deveriam fazer revisão ou dar não sei que jeito, de forma que a “Página dos Municípios” tenha u’a feição melhor, pois é um nunca acabar de palavras repetidas, cacografias, e a pontuação, então, é uma lastima. Isto desanima e muito, os pobres principiantes da arte de escrever. Aqui fica registrada a reclamação. Como o dia hoje é para lamurias quero que os enfermos do Hospital “São Vicente de Paula”, desta cidade, estão morrendo de fome. É uma expressão crua, porem verdadeira. Agua não existe. Por que estas coisas acontecem?

⁹⁶ Texto publicado em 30 de agosto de 1959 (Domingo), na **Página dos Municípios do Jornal de Alagoas**. É a segunda prosa com esse título, mas abordara discussão distinta da primeira.

(Quando eu era criança os maiores me chamavam “Perguntadeira” porque eu tudo queria saber. E hoje, caminhando a passos largos para a velhice, continuo “Perguntadeira” como nunca, principalmente quando diviso coisas que meu raciocínio não entende). Portanto, pergunto, mais uma vez: Por que os enfermos do nosso Hospital passam fome e não têm sequer um pouco de água para as necessidades mais prementes? Incuria dos Poderes Públicos? Falta de amor e de caridade do nosso povo? Estas interrogações ficam no ar para vergonha nossa. Infelizmente nem tudo está perdido neste velho mundo em pandarecos. A grita foi enorme entre os palmarinos de boa vontade e eis que alguns, compadecidos do sofrimento dos nossos irmãos menos afortunados, levantaram-se num protesto solene e estão angariando alguns magros cruzeiros que servirão de paliativo aos pobres internados do Hospital “São Vicente de Paula”. Para isto já foram ofertadas 5 reses por alguns fazendeiros locais, tendo começado ontem uma série de bingos na Praça “Basiliano Sarmiento”, sob a direção do provedor do Hospital, Sr. Floriano Bento da Silva. Devemos levar avante esta campanha. E que semelhante calamidade jamais se repita em nosso meio social, pois diz um belo princípio cristão: “Dai de beber a quem tem sede e dai de comer a quem tem fome”.

55 PALAVRAS A UM AMIGO⁹⁷

Ainda a propósito do meu retorno á “Página dos Municípios” quero agradecer ao ilustre confrade Luiz Silva Melo, de Rio Largo, as elogiosas palavras a minha pessoa. Mas... diz a sabedoria popular que “não se deve gastar cêra com defunto ruim”. É o meu caso. De qualquer forma agradeço-lhe as bondosas palavras de saudação, e não é que sou capaz de ficar convencida com tantos elogios da parte dos prezados confrades? Mulher, é o diabo! Com boa filha de Eva é vaidosa a não mais poder. E será que eu seja uma exceção à regra? Bem, deixando de lado minha tensa vaidade, estou de volta, eis tudo. Para satisfação dos amigos me encontro, vivinha da silva, disposta a escrever, quando tiver tempo e coragem, sobre os principais acentencimentos do nosso Municipio. E tambem sobre os seus problemas. Estes são tantos, que nem sei por onde começar. Para inicio de conversa quero tornar público, por meio destas linhas, a satisfação do povo palmarino com a maior administração que já tivemos, na pessoa do atual Prefeito ser. Anterior de Mendonça Uchoa. Se bem que exista entre nós como em todas as comunidades, uma pequena parcela de inconformados – os chamados adversários políticos –, não devemos,

⁹⁷ Texto publicado em 13 de setembro de 1959 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

por isto, obscurecer a realidade das coisas. E aqui está nosso Município, até então abandonado, com uma feição nova, digno de elogios dos mais desavisados, tanto assim deixo aqui observação de uma amigo, por sinal analfabeto, que peca pela ingenuidade.

“União dos Palmares agora parece gente”. Aos inconformados eu lembro o velho ditado: “Roma não se faz num dia”. E por que então, exigir mais do atual Prefeito, quando nosso Município sempre foi aquele mimo de desorganização que tão bem conhecemos? É certo que, para mal dos nossos pecados, temos racionamento de luz e água (luz, até meia noite e água, dia sim, dia não), mas isto é uma reflexo dos descasos anteriores e que reflexo dos descasos anteriores e que em breve será banido. Digo assim porque nossa gente está eufórica e já se tornou um estribilho comum aos nossos ouvidos: “A Paulo Afonso” vem aí com água e tudo”. Será? Se ela vier já vem um pouco tarde, penso eu. Que a cidade está bonita, está mesmo: toda enfeitada de postes de cimento armado e fios por toda a parte brilhando ao sol que nem ouro, à espera da grande ausente. Esperamos seja bem vinda para satisfação e felicidade do povo palmarino. Outra coisa esperada com ansiedade são as eleições. Os terríveis adversários políticos, desde já, lançam ameaças entre si prometendo aos inimigos vinganças ocultas na simples frese: “As eleições vêm aí”. Como este assunto está um pouco deslocado aqui, pois as ditas cujas não vem tão perto assim, vamos deixa-lo para seu devido tempo. Como remate se conversa, estarei sempre que puder, defendendo, ao lado dos estimados confrades, os direitos dos nossos respectivos Municípios. Não podendo fazer algo mais concreto por minha terra, farei isto, que já é alguma coisa, não?

56 APÊLO AO NOSSO POVO⁹⁸

U não dos Palmares tem suas raízes históricas no Quilombo dos Palmares e isto não é novidade para ninguém. Deste belo episódio de nossa História Patria, nós, pioneiros da liberdade em terras do Brasil, não conhecemos mais do que aquilo que os livros ensinam superficialmente e a tradição ensina com seus fatos que, muitas vezes, a História não conta. Nenhum marco existe aqui que assinala a passagem do grande Chefe negro, que preferiu morrer com liberdade a ter uma vida de escravidão e cujo exemplo foi seguido por seus companheiros de infortúnio.

A única lembrança que se salva é o “Zumbi Esporte Clube”, congregação de nossa juventude desportiva. Fundado em 15-11-954 por Paulo Cavalcanti, o grande do futebol local, este Clube tem atravessado dificuldades financeiras desde sua fundação. Infelizmente o povo de nossa terra é indiferente a tudo que seja esporte, como se visse nisto apenas, mera distração de desocupados. No entanto incorre num grande erro, pois o esporte é, sobretudo, uma escola onde se aprende a dominar a vontade e a controlar os impulsos. E por que então nosso povo não presta auxílio ao “Zumbi Esporte Clube” duas vezes glorioso, em seu nome e em suas tradições?

⁹⁸ Texto publicado em 27 de setembro de 1959 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

Seu atual Presidente, dr. Breno Maia Gomes, um dos ilustres edis da terra palmarina, conseguiu uma subvenção, mas isto não é tudo, pois seus problemas são muitos. Precisamos dar a nossa terra um campo de esportes digno da posição que ela ocupa na vida econômica e social de Alagoas. Sob a orientação do seu atual Presidente, o “Zumbi” ofereceu à sociedade palmarina, no corrente ano, um Carnaval e festas juninas que marcaram época em nossa vida social. Sua influencia também se faz sentir no setor educacional, pois o Clube mantém uma escola bem organizada para os filhos dos seus associados, com u’a matrícula efetiva de 50 alunos. Seu Presidente, com sacrifícios, está construindo, para ser inaugurada no próximo aniversário do “Zumbi”, uma quadra para futebol de salão, voleibol e basquetebol, jogos exclusivamente noturnos, que trarão a esta cidade, competidores, cujas disputas irão dar vida às noites mortas de União dos Palmares. Em virtude destes relevantes serviços prestados a nossa terra, devem os palmarinos de boa vontade e de compreensão, ajudar e prestar seu auxílio ao “Zumbi Esporte Clube” para que ele, realizando seus propósitos, engrandeça mais e mais a terra palmarina.

57 À MOCIDADE PALMARINA⁹⁹

Diz a sabedoria do povo que “uns choram porque apanharam e outros choram porque não lhe dão”. Esta verdade se ajusta perfeitamente ao povo palmarino em relação à nossa Escola Técnica de Comercio, fundada em 1957, pelo maior educador alagoano, Revmo. Conego Teofanes de Barros, e que diplomará no fim do corrente ano a sua 1ª turma de Técnicos em Contabilidade. Equiparada aos cursos de Ensino Médio, permite, aos que se diplomarem, ingressar em qualquer Faculdade. E o provérbio lá em cima justifica minhas palavras, pois, tanto se desejou aqui, uma Escola de Comercio, que pensávamos fosse a juventude prestigiá-la, quando, na realidade, tem um número reduzidíssimo de alunos nas 3 séries do seu Curso. A melancólica dedução é que os jovens de nossa terra ou não querem elevar seu nível cultural ou não compreenderam ainda as vantagens que esta Escola lhes oferece. Seu atual Diretor, um jovem radicado à terra palmarina, prof. Edmar da Costa Barros, está nos prestando um grande bem com sua dedicação à Escola Técnica de Comercio, desta cidade. E quem é que vai se lembrar disso? Pessoa alguma das mais esclarecidas em nosso meio social teve ao menos a curiosidade de observar, olhar, ver de perto

⁹⁹ Texto publicado em 04 de outubro de 1959 (Domingo), na **Página dos Municípios** do **Jornal de Alagoas**.

a nossa Escola Técnica de Comércio, para deduzir o quanto podem a capacidade de trabalho e o interesse do prof. Edmar da Costa Barros, por uma terra que não é sua mais que tem a obrigação de lhe render homenagens, pelo bem que ele está proporcionando à juventude de União dos Palmares. Dentre as suas inovações, destacamos a instituição de bolsas de estudos, patrocinadas pela Industria de Produtos “Dubom”, que já contemplou uma aluna da 2ª série, e a criação de um curso gratuito de Datilografia, que funcionará no próximo ano. Para dar mais estímulo aos futuros alunos, no caso de dois irmãos pretenderem se matricular, um terá os estudos gratuitos. Resta apenas a juventude de nossa terra prestigiar com sua frequência a novel Escola de União dos Palmares, compensando assim, os esforços e o altruísmo deste palmarino pelo coração, que é o prof. Edmar da Costa Barros.

CRONOLOGIA DE PROSAS

20 de setembro de 1953 – **DECADENCIA**. Prosa publicada na 2ª Secção, intitulada *Vida Municipal*, do *Jornal de Alagoas*.

29 de setembro de 1953 – **UM VELHO TEMA: BRASILIANO SARMENTO**. Prosa publicada na 2º Secção, intitulada *Vida Municipal*, do *Jornal de Alagoas*.

04 de outubro de 1953 – **UMA INICIATIVA LOUVAVEL**. Prosa publicada na 2ª Secção, intitulada *Vida Municipal*, do *Jornal de Alagoas*.

18 de outubro de 1953 – **UM JÚRI QUE APAIXONOU A OPINIÃO PÚBLICA**. Prosa publicada na 2ª secção, intitulada *Vida Municipal*, do *Jornal de Alagoas*.

25 de outubro de 1953 – **A Casa do Pobre**. Prosa publicada na 2ª secção, intitulada *Vida Municipal*, do *Jornal de Alagoas*.

08 de novembro de 1953 – **UM APELO À SAÚDE PÚBLICA**. Prosa publicada na 2ª secção, intitulada *Vida Municipal*, do *Jornal de Alagoas*.

07 de fevereiro de 1954 – **UM JULGAMENTO RUMOROSO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

21 de fevereiro de 1954 – **Muito grata, Snrs. Candidatos**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

16 de maio de 1954 – **RECADO PARA JOÃO YÔYÔ FILHO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

23 de maio de 1954 – **Herança de Primo Pobre**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

30 de maio de 1954 – **TOURADA**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

06 de junho de 1954 – **MENDICANCIA, UM FLAGELO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

20 de junho de 1954 – **VALORES PALMARINOS**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

27 de junho de 1954 – **ASSISTENCIA AO HOMEM DO CAMPO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

04 de julho de 1954 – **CAIPIRISMO IDIOTA**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

13 de março de 1955 – **A mais querida reminiscencia do Natal**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

20 de março de 1955 – **S.O.S. ao dep. Antônio Gomes de Barros**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

27 de março de 1955 – **União dos Palmares em Dois Tempos**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

17 de abril de 1955 e 01 de maio de 1955 – **DESCORTINANDO VELHARIAS**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

15 de maio de 1955 – **Queixas e Reclamações**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

29 de maio de 1955 – **Ao Sr. Diretor Regional dos Correios**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

12 de junho de 1955 – **ILUSÕES PERDIDAS**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

19 de Junho de 1955 – **Jorge de Lima, um velho tema**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

03 de julho de 1955 – **REFLEXÕES**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

30 de outubro de 1955 – **Meniagem à Princesa das Matas**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

20 de novembro de 1955 – **Uma Lição de História dos Palmarinos**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

04 de dezembro de 1955 e 11 de dezembro de 1955 – **Mono-
grafia do Município de Mata Grande**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

11 de março de 1956 – **Atualidade Palmarina**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

25 de março de 1956 – **Presente, Passado e Futuro**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

15 de julho de 1956 – **Notícias Palmarinas**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

29 de julho de 1956 – **Semana Ruralista**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

05 de agosto de 1956 – **Grandes Esperanças**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

12 de agosto de 1956 – **Os Assuntos dos Outros**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

26 de agosto de 1956 – **Retrato do Brasil**. Prosa publicada na 2ª página do *Jornal de Alagoas*.

23 de setembro de 1956 – **Semana Ruralista em Penedo**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

07 de outubro de 1956 – **RESPOSTA A UM BILHETE – IMPRESSÕES**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

11 de outubro de 1956 – **Sobre Marechal Deodoro**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

14 de outubro de 1956 – **União dos Palmares & Desportos**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

28 de outubro de 1956 – **A RESPEITO DE JORNAIS**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

04 de novembro de 1956 – **ATIVIDADES RURALISTAS**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

11 de novembro de 1956 – **PELO ESPORTE**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

18 de novembro de 1956 – **UMA INDÚSTRIA EM FÓCO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

19 de maio de 1957 – **RETORNO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

26 de maio de 1957 – **UNIÃO DOS PALMARES**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

09 de junho de 1957 – **15 DE JULHO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

29 de junho de 1957 – **MARECHAL DEODORO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

14 de julho de 1957 – **PARALELOS**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

07 de novembro de 1957 – **15 de Setembro**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

28 de setembro de 1958 – **CANDIDATOSE PRIMAVERA**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

12 de outubro de 1958 – **Eleitores e Eleições**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

19 de outubro de 1958 – **Palavras aos Vereadores Palmarinos**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

21 de novembro de 1958 – **UMA EMBAIXADA DE VIÇOSA**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

15 de agosto de 1959 – **RETÔRNO**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

30 de agosto de 1959 – **Queixas e Reclamações**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

13 de setembro de 1959 – **Palavras a um Amigo**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

27 de setembro de 1959 – **Apêlo ao Nosso Povo**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

04 de outubro de 1959 – **À Mocidade Palmarina**. Prosa publicada na *Página dos Municípios*, do *Jornal de Alagoas*.

REFERÊNCIAS

SARMENTO, M. M. C. A Casa do Pobre. *Jornal da Alagoas*, Maceió, 25 out. 1953.

SARMENTO, M. M. C. A mais querida reminiscencia do Natal. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 13 mar. 1955.

SARMENTO, M. M. C. À Mocidade Palmarina. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 04 out. 1959.

SARMENTO, M. M. C. Ao Sr. Diretor Regional dos Correios. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 29 maio. 1955.

SARMENTO, M. M. C. Apêlo ao Nosso Povo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 27 set. 1959.

SARMENTO, M. M. C. A Respeito de Jornais. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 28 out. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Assistencia ao Homem do Campo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 27 jun. 1954.

SARMENTO, M. M. C. Atividades Ruralistas. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 04 nov. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Atualidade Palmarina. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 11 de mar. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Caipirismo Idiota. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 04 de jul. 1954.

SARMENTO, M. M. C. Candidatos e Primavera. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 28 set. 1958.

SARMENTO, M. M. C. Decadencia. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 20 de set. 1953.

- SARMENTO, M. M. C. Descortinando Velharias. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 17 abr. 1955 e 1 maio. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. Eleitores e Eleições. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 12 out. 1958.
- SARMENTO, M. M. C. Grandes Esperanças. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 5 ago. 1956.
- SARMENTO, M. M. C. Herança de Primo Pobre. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 23 maio. 1954.
- SARMENTO, M. M. C. ILUSÕES PERDIDAS. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 12 jun. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. Jorge de Lima, um velho tema. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 19 jun. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. Marechal Deodoro. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 29 jun. 1957.
- SARMENTO, M. M. C. Mendicância, Um Flagelo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 6 de jun. 1954.
- SARMENTO, M. M. C. Meniagem à Princesa das Matas. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 30 out. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. Monografia do Municipio de Mata Grande. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 4 dez. 1955 e 11 dez. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. Muito Grata, Snrs. Candidatos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 21 fev. 1954.
- SARMENTO, M. M. C. Notícias Palmarinas. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 jul. 1956.
- SARMENTO, M. M. C. Os Assuntos dos Outros. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 12 ago. 1956.
- SARMENTO, M. M. C. Palavras aos Vereadores Palmarinos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 19 de out. 1958.
- SARMENTO, M. M. C. Palavras a um Amigo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 13 set. 1959.

SARMENTO, M. M. C. Paralelos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 14 jul. 1957.

SARMENTO, M. M. C. Pelo Esporte. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 11 nov. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Presente, Passado e Futuro. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 25 mar. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Queixas e Reclamações. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 30 ago. 1959.

SARMENTO, M. M. C. Queixas e Reclamações. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 maio. 1955.

SARMENTO, M. M. C. Recado para João Yôyô Filho. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 16 maio. 1954.

SARMENTO, M. M. C. Reflexões. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 3 de jul. 1955.

SARMENTO, M. M. C. Resposta a um Bilhete – Impressões. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 7 out. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Retôrno. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 ago. 1959.

SARMENTO, M. M. C. Retorno. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 19 maio. 1957.

SARMENTO, M. M. C. Retrato do Brasil. *Jornal de Alagoas*, 26 ago. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Semana Ruralista em Penedo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 23 set. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Semana Ruralista. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 29 jul. 1956.

SARMENTO, M. M. C. Sobre Marechal Deodoro. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 11 out. 1956.

SARMENTO, M. M. C. S.O.S. ao dep. Antônio Gomes de Barros. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 20 mar. 1955.

- SARMENTO, M. M. C. Tourada. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 30 maio. 1954.
- SARMENTO, M. M. C. 15 de Julho. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 9 jun. 1957.
- SARMENTO, M. M. C. 15 de Setembro. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 7 nov. 1957.
- SARMENTO, M. M. C. Uma Embaixada de Viçosa. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 21 nov. 1958.
- SARMENTO, M. M. C. Uma Indústria em Fóco. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 18 nov. 1956.
- SARMENTO, M. M. C. Uma Iniciativa Louvavel. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 4 out. 1953.
- SARMENTO, M. M. C. Uma Lição de História dos Palmarinos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 20 nov. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. Um Apelo à Saúde Pública. *Jornal da Alagoas*, Maceió, 8 nov. 1953.
- SARMENTO, M. M. C. Um Julgamento Rumoroso. *Jornal da Alagoas*, Maceió, 7 fev. 1954.
- SARMENTO, M. M. C. Um Júri que Apaixonou a Opinião Pública. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 18 out. 1953.
- SARMENTO, M. M. C. Um Velho Tema: Brasileiro Sarmiento. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 29 set. 1953.
- SARMENTO, M. M. C. União dos Palmares & Desportos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 14 out. 1956.
- SARMENTO, M. M. C. União dos Palmares em Dois Tempos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 27 mar. 1955.
- SARMENTO, M. M. C. União dos Palmares. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 26 maio. 1957.
- SARMENTO, M. M. C. Valores Palmarinos. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 20 jun. 1954.

"União dos Palmares" foram as palavras que batizaram a reportagem do sr. Luiz Gutemberg, publicada domingo ultimo, na "Gazeta das Manhãs". No entanto quero conhecer os obscuros da imprensa assim como se falou em comissão - Basiliano Sarmento - nos meos estudos em homenagem a Basilio...

UNIAO DOS PALMARES

ESPEITO DE JORNAIS

Maria Mariá de Castro Sarmento

me me sobra tempo
nossa "Pagina",
do este municipio
viando mensagens
ades que têm a
lembra de mim,
a pontual nos
decar linhas ou
ndo aquilo que
Acontece, "po-
a vida no inte-
queia lufa-lufa
e, o tempo de
trasso para ne
sta coisa ao
um velho pro-
le em pedra
que fura". E
a verdade da
is, de tanto
desta colu.
União dos
vejo que
oram in-
aos pou-
os ho-
impulso

passagem para Penedo e
pretendo voltar. Finalmente, aqui
está "O Pindobense", órgão que
me despertou maior simpatia,
não deixando com isto de
nhecer o merito e de
ciativa de se
me che
somen-
se" de
simpe-
te de
lugar q
nicipio.
cimento,
do ano,
estas pov
mente, se
Incluo, ne
Palmares. A
começo desta
bati por essa
turo bem pro
terá tambem
vou alimentar
sar que terem
portante, bem r
os que acima

S.O.S. a Maria

V. Excia.
municidade int
aquí. Basta, l
os anos que
que pudemos
com uma as
caro Deputa
marina não.
grande mun
inovações e
advenio a A
falta de con
namente, e
que esta ge
me refiro n
ouvir, pedi
timavel est
casa de co
ouvir a

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 5 de abril de 2021.



 Gilmar de Oliveira Silva



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 5 de abril de 2021.



 Gilmar de Oliveira Silva

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil*: breve contextualização histórica. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964*: novos e velhos atores na luta pela anistia. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde*: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964*: história, geopolítica e educação. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica*: reflexões, fontes e linguagens. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar*: os desafios da educação e da formação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira*: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia*: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores –

- contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
 16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
 17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
 18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
 19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
 20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
 21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
 22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
 23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
 24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
 25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
 26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
 27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
 28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.

29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'ilele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infra-tor" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.

46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAINAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate*: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio*: políticas educacionais, diversidades, contextos locais. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta*: leituras e pesquisas (auto)biográficas. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares*: quebrando o silêncio... Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação*: percursos e narrativas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional*: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem*: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades*: aproximações com o contexto escolar. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-1.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.

63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação*: afetos e (trans)formações. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias*: conceitos, cartas e contos. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jociana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa em Rede*: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego*: estudo de caso. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais*: abordagens teórico-metodológicas. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares*: Tecidos Sociopoéticos em Revista. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha*: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (*E-book*).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba*: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (*E-book*).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (*E-book*).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero*: a Orquestra Jovem da Escola "Padre Luis de Castro Brasileiro" em União-Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.

79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (*E-book*).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (*E-book*).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de docas sociopoéticas acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de docas sociopoéticas acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (*E-book*).
85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (*E-book*).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTA-ANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (*E-book*).
92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (*E-book*).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (*E-book*).
96. LEITINHO, Meirecele Caliope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.

97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (*E-book*).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuzza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luis Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (*E-book*).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (*E-book*).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (*E-book*).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De "mulher-maravilha" a "cidadão persi": professoras capulana do educar em direitos humanos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (*E-book*).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (*E-book*).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é resistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (*E-book*).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (*E-book*).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (*E-book*).

111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenias Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).